

EMARCHA

Revista para Escola Dominical

Adultos



PROFESSOR(A)



ANDAR SEGUNDO O ESPÍRITO

 **Angular**
editora

SUMÁRIO

Orientações pedagógicas.....	4
Caráter cristão: integridade no serviço da missão	7
Lição 01: Servir com integridade – Mateus 6	8
Lição 02: O Fruto do Espírito – Gálatas 5.22-24	15
Lição 03: O Fruto na convivência – Gálatas 5.22-24; Col. 3. 9-17	22
Lição 04: O caminho do relacionamento – Rute 1.1-22.....	29
Lição 05: Não julgueis – Mateus 7.1-5	36
Lição 06: O testemunho da verdade – 3João.....	43
Lição 07: “Lembraí-vos dos encarcerados” – Hebreus 13.3/Mateus 25. 32-36.....	49
Lição 08: Converti-vos dia a dia – Atos 9.10-19.....	55
Lição 09: Construindo um lugar habitável – 2Reis 6.1-7	62
Lição 10: Nossa relação com a natureza – Romanos 8.19-23.....	69
Lição 11: O diálogo importa! – Gênesis 11.1-9/Atos 2. 1-13.....	75
Lição 12: Deficiência não é castigo – João 9.1-7.....	83
Lição 13: Compromisso com o corpo – Atos 5.1-11.....	89
Parábolas	97
Lição 14: O valor do Reino – Mateus 13.44-46	98
Lição 15: Joio e trigo crescem juntos – Mateus 13.24-30 e 36-43.....	105
Lição 16: Perseverando na oração – Lucas 18. 1-8	112
Lição 17: O administrador infiel – Lucas 16.1-17	118
Sermões de John Wesley	127
Lição 18: Quase Cristãos – Atos 26.28.....	128
Lição 19: A cura da maledicência – Tiago 1.26 / Mateus 18. 15-17	135
Lição 20: A negação de si mesmo – Lucas 9.23-25.....	142
Lição 21: A imperfeição do conhecimento humano – 1Coríntios 13.9.....	149
Tempo de Páscoa	157
Lição 22: O sepultamento de Jesus – João 19.38-42	158
Lição 23: Emaús: o caminho do (re)encontro – Lucas 24.13-35.....	164
Métodos de ensino na escola dominical.....	171

EXPEDIENTE

Em Marcha

Revista para Escola
Dominical – Adultos
Professor(a)

Secretaria Executiva Editorial

Joana D’Arc Meireles

Colégio Episcopal

Hideide Brito Torres –
bispa assessora

Coordenação editorial

Andreia Fernandes Oliveira

Redação

Roseli Oliveira

Colaboração

Andreia Fernandes
Eber Borges da Costa
Edson Cortasio Sardinha
Eliana Estevam Emílio
Enoque Rodrigo de O. Leite
Hideide Brito Torres
José Geraldo Magalhães
Leandro Miranda de Paula
Marcio Divino de Oliveira

Revisão

Mauren Julião

Projeto Gráfico e Editoração

NLopez Publicidade

Angular Editora

Departamento Editorial - Associação
da Igreja Metodista
Av. Piassanguaba, 3031 – Planalto
Paulista - 04060-004 – São Paulo
Tel. (11) 2813-8643 / (11) 2813-8600
escoladominical@metodista.org.br
www.angulareditora.com.br
www.metodista.org.br/escola-dominical

Todos os direitos nacionais e
internacionais reservados à



2018.1

PALAVRA DA REDAÇÃO

Olá professor(a),

Saudações em Cristo!

A nova edição da revista Em Marcha trabalha o tema do caráter cristão, um assunto importante que tem a ver com a nova vida que recebemos de Cristo, que é evidenciada pelo fruto do Espírito, a santidade e o testemunho cristão. Infelizmente a Igreja de Cristo nem sempre tem se mantido íntegra no seu testemunho, assim, repensar e trabalhar estes assuntos torna-se necessário para "... voltarmos à prática das primeiras obras..." (Apocalipse 2.5).

Para nos ajudar nesta reflexão dividimos nossos estudos em unidades. A primeira trata de alguns princípios que, se praticados, nos ajudarão a viver em integridade diante de Deus e das pessoas. A segunda apresenta quatro lições sobre as parábolas de Jesus, a terceira traz quatro estudos sobre sermões de Wesley. No final da revista, apresentamos duas lições sobre Páscoa que, de acordo com o seu planejamento podem ser estudadas por ocasião da Semana Santa.

Nesta edição você encontrará dicas para utilizar a revista de Escola Dominical e algumas informações sobre métodos de ensino que podem ser utilizados. Ser professor(a) é estar em constante processo de aprendizagem, de busca por mais conhecimento e melhoria das suas práticas. Neste sentido, desejamos que as mais ricas bênçãos do Senhor, a sabedoria e ousadia do Espírito Santo sejam derramadas de forma que você persevere nesse lindo ministério que Deus lhe confiou. Não desanime! Você é uma bênção para a vida da sua igreja.

Desejamos que ao final de mais este tempo de aprendizado, possamos estar ainda mais convictos e convictas de que andar em Espírito é o chamado de Deus para nós e o caminho para nos aproximarmos ainda mais do nosso Senhor e Salvador.

Bons estudos e que o Espírito de Deus nos traga entendimento sobre a sua palavra.

No amor de Cristo,

Roseli Oliveira, redatora

O R I E N T A Ç Õ E S P E D A G Ó G I C A S

Caro(a) Professor(a):

Esperança e paz!

Esta revista é uma ferramenta para sua prática de ensino e visa o crescimento e formação cristã dos discípulos e discípulas que participam da Escola Dominical. Neste processo de formação a sua atuação como professor(a) é fundamental, pois você é um importante instrumento de Deus para levar o conteúdo aqui apresentado para os alunos e alunas, ajudando-os e estimulando-os a aproveitar também o melhor deste material. Sendo assim, seu preparo e capacitação contínua vão ajudar muito na efetividade de seu trabalho.

No intuito de colaborar com a sua prática, e visando o melhor aproveitamento do material, partilhamos algumas dicas:

- Leia toda a revista para que você tenha uma visão total do material, assim poderá adaptá-la à sua classe e igreja local, e planejar a ordem das aulas. Caso perceba que é preciso inverter a ordem das lições, por exemplo, ministrar a terceira antes da segunda, faça sem hesitação. A visão total do material lhe dará segurança para adaptá-lo à sua realidade. Não caia na tentação de querer ensinar tudo de uma vez – você tem um curso pela frente.
- Procure iniciar o preparo da aula no início da semana que a antecede; isto lhe dará mais tempo de estudo e possibilidades de encontrar materiais que sejam úteis. Preste atenção nas notícias, fatos do cotidiano, situações da igreja, vídeos, músicas, imagens etc., que podem ser usadas na aula.
- Ao planejar a aula, se possível, tenha um dicionário de português, mais de uma versão da Bíblia Sagrada para comparação dos textos e outros materiais de apoio, como dicionários e comentários bíblicos. Alguma literatura é citada na Bibliografia e pode ampliar seu conhecimento.

- Dialogue sobre as dúvidas com o ministério pastoral ou alguém da equipe pedagógica. Aproveite também os recursos humanos da Igreja, convide pessoas que possam colaborar com a exposição da lição.
- Trabalhe com foco, objetividade e criatividade; aproveite as estratégias sugeridas e conte com a ação e inspiração do Espírito Santo. Dedique tempo em oração antes de fazer seu planejamento.
- Evite ler integralmente a revista na aula! (Faça leitura apenas dos destaques). Use o texto para discussão em grupos, estimule a leitura prévia das lições pelos alunos e alunas para melhor aproveitamento do tempo de aula.
- Relacione o tema com a realidade dos alunos e alunas, com a vida e missão da Igreja, através de exemplos e dando oportunidade para a classe se expressar.
- Interceda por seus alunos e alunas: para que sejam frequentes, para que o conhecimento transforme o caráter e a visão à luz da Palavra. Incentive-os a fazer a releitura da lição e as leituras bíblicas durante a semana.
- Procure despertar entre os alunos e alunas o desejo de ensinar – despertamento vocacional; uma estratégia pode ser desafiar alguém da classe de tempos em tempos para dar a aula, com sua assessoria.
- Incentive o relacionamento para além da classe e procure, através da observação do controle de frequência, buscar as pessoas ausentes e afastadas. Envolve as frequentes nesta tarefa.
- Mantenha uma linguagem simples e objetiva, tenha paciência para tirar as dúvidas, seja amável e busque viver de modo coerente com o Evangelho. Sua vida ensina tanto quanto suas palavras.

Ao final da revista, trazemos algumas metodologias que podem enriquecer suas aulas. Leia com atenção e use conforme a necessidade, procurando variar as estratégias para manter um ambiente interessante para a aprendizagem.

“Aquele que ensina, esmere-se no fazê-lo”. Romanos 12.7b.

Deus lhe abençoe.

Bom trabalho!



BIBLIA

Unidade I

CARÁTER CRISTÃO: INTEGRIDADE NO SERVIÇO DA MISSÃO

"Cria em mim, ó Deus, um coração puro... e sustenta-me
com um espírito voluntário". Salmo 51.10,12

Lição 01

SERVI R COM INTEGRIDADE*

Texto bíblico: Mateus 6

Todo o capítulo 6 de Mateus é uma grande compilação de ditos de Jesus acerca de “princípios e valores”. Valores são as coisas que nos movem internamente, que são de fato importantes para nós. Já os princípios são verdades profundas. Possuem um caráter coletivo, e são a causa primária de nossos valores, os rudimentos, as origens que fundamentam nossas escolhas. Por exemplo, o arrependimento é um princípio bíblico pelo qual os valores de uma comunidade de fé se desenvolvem. As práticas das igrejas podem ser diferentes em alguns aspectos, mas sempre estarão de algum modo conectadas pelos princípios cristãos e tenderão a aproximar-se em aspectos comuns. Se fugirem demais, esses valores estarão em desconexão com o princípio.





Fundamento Bíblico

No capítulo 6 de Mateus, Jesus coloca a integridade como valor frente ao princípio da submissão a Deus e à sua vontade. Integridade, de acordo com o dicionário de significados, “tem origem no latim integritate, que significa a qualidade ou estado do que é íntegro ou completo. É sinônimo de honestidade, retidão, imparcialidade.” (<https://www.significados.com.br/>).

Na prática, então, a integridade como valor aparece na pureza de intenção ao dar a esmola (2-4), ao orar (5-8) e ao jejuar (16-18). O objetivo dessas ações não é de apresentar-se aprovável e louvável diante das pessoas, mas, fazer o bem e agradecer a Deus.

A oração do Pai Nosso (9-13) também aparece como modelo por oposição ao falatório dos gentios. O objetivo da oração não é convencer Deus das carências humanas, como os gentios estavam ensinados a fazer. Ao contrário, é relacionamento com Ele. Daí que a síntese dessa oração de Jesus ensina que, ao orar, devemos realmente dizer a verdade a Deus, em termos de necessidades, mas também receber dele as orientações necessárias, rendendo-lhe autêntica glória e louvor. Além disso, a oração expressa relacionamento com o próximo e para ter o valor da integridade é preciso orar para estar em contato com Deus e sensível às necessidades das pessoas. Caso contrário, a oração se torna hipócrita: parece, mas não é.

No restante do capítulo, o tema da integridade se relaciona com a fé, outro princípio, pois, “sem fé é impossível agradar a Deus”. Se cremos em Deus, então a totalidade de nossa entrega deve ser manifesta. Não podemos ter dúvidas de que Deus suprirá as necessidades físicas, emocionais e espirituais que temos. Devemos consolidar nossa fé, a fim de não ficarmos em um estado de divisão entre confiar e tentar gerir nossa vida por nós mesmos(as).

No verso 24, Jesus exemplifica o problema da falta de integridade, que gera oscilação entre dois senhores. Ele utiliza o exemplo do dinheiro, pois se trata de um valor consistente para o ser humano. Almejamos uma boa vida, sonhamos com condições tranquilas ou de abundância. O problema é que este valor, desvirtuando-se, pode ser colocado no lugar de Deus, gerando corrupção.



Palavra que ilumina a vida

Warren Wiersbe, no já clássico *A crise de integridade* (1993), faz um duro diagnóstico sobre a perda de poder e de influência da Igreja no mundo. Segundo ele, “A Igreja acostumou-se a ouvir pessoas contestarem a mensagem do Evangelho, porque essa mensagem é loucura para os perdidos. Mas hoje a situação está embaraçosamente invertida, pois o mensageiro passou a ser suspeito. Tanto o ministério quanto a mensagem perderam a credi-

bilidade perante um mundo atento, que parece estar a divertir-se com o espetáculo. 'Por que é que havíamos de escutar a igreja?', pergunta o mundo crítico. 'Com que autoridade vocês, cristãos, nos pregam sobre pecado e salvação? Ponham ordem na própria casa; depois talvez queiramos escutá-los.' (WIERSBE, 1993, p. 11)

A maior dificuldade que a Igreja enfrenta não é o pecado que existe no mundo ou o sistema pecaminoso no qual ela se insere, pois as Escrituras mesmo afirmam que "o mundo jaz no maligno" (1Jo 5.19). O maior problema da Igreja hoje é a falta de autoridade e de poder, características reconhecidas no ministério de Jesus e nos servos e servas que em todos os tempos atuaram em nome do Senhor. Quando, no decorrer da história, a Igreja se afastou dos padrões bíblicos de santidade e pureza, sua autoridade se esvaziou e ela perdeu o poder de salgar e iluminar. Com isso, a propagação do Evangelho transformador deixou de alcançar sua inteireza.

Mas como Cristo é o Senhor da Igreja, também por meio de seu Espírito Santo Ele levanta pessoas dispostas a trazê-la de volta ao caminho da santidade interior e prática. Todo avivamento começa por uma conversão, uma volta do povo de Deus aos princípios bíblicos e aos valores da Igreja de Cristo. O reconhecimento de que existe uma distância entre Deus e seus servos e servas é insuperável para que o derramar do Espírito Santo venha, trazendo a integridade outra vez.

O que realmente faz diferença?

A integridade como valor é algo que precisa de perseverança e continuidade. Para obtê-la no caminho do discipulado, precisamos ter cuidado com as influências em nossa vida.

É comum termos pessoas que nos inspiram e nos orientam em várias direções de nossa vida. Influenciamos e recebemos influências o tempo todo. Algumas dessas influências são perceptíveis e nítidas. Aparecem no nosso comportamento, no modo de vestir, nos ambientes que frequentamos, livros que lemos, expressões de fala, etc. Outras são mais sutis e profundas e podem emergir apenas em tempos de crises, de lutas profundas ou de grandes mudanças.

Porém, estar por perto das boas influências pode não ser o bastante. Judas esteve por perto de Jesus. Muitos dos companheiros próximos de Paulo o abandonaram quando ele estava a perigo. Da mesma forma, estar perto de más influências também não quer dizer a perdição total. Que o digam os amigos de Daniel, cercados por toda a idolatria e a opulência política perversa da Babilônia!

Então, o que pode, de fato, fazer a diferença?

Davi diz a Salomão para ser forte (1Crônicas 28). A palavra em hebraico para forte é transliterada como rhazac. No hebraico, o termo pode ser entendido

como “ser constante, obstinado”. Também pode ser traduzido como “fortalecer”. Davi abençoa a Salomão com esta palavra e, por ser um mandado de Deus, isso significa que é uma bênção, uma ordem e uma palavra profética ao mesmo tempo.

Porém, a perseverança ordenada e a bênção predita possuem um condicional muito claro. Várias vezes neste texto temos uma pequena palavra que faz toda a diferença: “Se”. “Se perseverar ele em cumprir os meus mandamentos e juízos”; “Se o buscares, ele se deixará achar por ti; se o deixares, ele te rejeitará para sempre”. São os “ses” que nos explicam a maneira de sermos fortes. A força de que a Palavra fala é, portanto, a força de permanecer, persistentemente, nos propósitos divinos.

Assim como no exercício físico, é a força da perseverança que garantirá a saúde e o vigor que impulsiona para obedecer ao serviço de Deus. E a palavra que Deus profere é, em si mesma, a garantia do cumprimento. A nossa parte é sustentar-nos firmes no “se” para termos o “sim”. Como disse Stanley Jones, “Todas as vezes em que você se recusa a encarar a vida e os problemas, você enfraquece o seu caráter”. Um caráter fraco não gera integridade e por isso o resultado do seu serviço não permanece. Oremos como João Wesley: “Oh, Senhor, não me deixe viver sem propósito!”.



Conclusão

A integridade é uma experiência que precisamos ter com o Espírito Santo, para não cairmos na tentação de fazer as coisas “como os fariseus hipócritas”, com uma face pública e uma face privada. Nossa vida precisa ser impactante para as pessoas, a ponto de levá-las a desejar uma experiência real com Cristo por meio daquilo que somos, fazemos e falamos. Isso só acontece quando o Espírito Santo gera essa integridade em nós, por meio do arrependimento e da conversão genuínos.



Para conversar

Nosso ministério tem sido desenvolvido com integridade, à luz do que vimos hoje? Que sinais apontam para isso? Há algo que precisa ser ajustado? Como fazer?



Leitura durante a semana

Domingo: Mateus 6**

Segunda-feira: 1Crônicas 28

Terça-feira: Lucas 16.10-11

Quarta-feira: Provérbios 28.5-7

Quinta-feira: 1Pedro 3. 13-17

Sexta-feira: Miqueias 6.6-8

Sábado: Salmo 25

*Esta lição é uma síntese adaptada da carta pastoral “Discípulas e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade”, do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Para conhecê-la na íntegra, acesse: <https://goo.gl/tHFLK9>.

**Leia os textos desta seção durante a semana para fixar a lição de hoje. Faça isto semanalmente para cada lição.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Refletir sobre integridade, tema que permeia toda a revista; enfatizar a importância de viver e servir a Deus com integridade, como fruto da obra transformadora do Espírito Santo em nós.



Para início de conversa

Inicie a aula perguntando à classe: a) o que é integridade? b) Esse conceito varia de tempos em tempos ou de lugar para lugar? c) Quais os “inimigos da integridade hoje”? Anote num quadro ou cartaz as respostas dadas e apresente a revista e o tema da lição. Você pode ler com a classe a Palavra da Redação da revista do(a) aluno(a) e apresentar os assuntos que serão tratados nesta edição. Enfatize que embora a integridade e os valores da Palavra de Deus sejam banalizados hoje em dia, eles permanecem sólidos, não são mutáveis e Deus espera que vivamos com integridade a nossa fé.



Por dentro do assunto

Este estudo é uma síntese da carta pastoral “Discípulas e discípulos nos cami-

nhos da missão servem com integridade”, do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Procure lê-la na íntegra para facilitar sua compreensão sobre o assunto (disponível em: <https://goo.gl/tHFLK9>). Destacamos, da carta, alguns trechos:

Os autores e autoras que abordam o tema da liderança nos advertem de que todas as pessoas e instituições possuem valores. A questão é saber se eles são bons ou não. O problema é que nem sempre os valores declarados, aqueles que aparecem em nossas falas, cartazes e sermões, são os valores reais. Dizemos que a oração é um valor, mas não oramos. Dizemos que a evangelização é um valor, mas não evangelizamos. Portanto, descobrimos nossos valores olhando para aquilo que fazemos. Exemplificando isso, alguém declarou: “As pessoas fazem o que elas valorizam e valorizam o que fazem”. Um diagnóstico de nossas atitudes e práticas irá demonstrar nossos valores atuais e um arrependimento profundo e verdadeiro vai apontar as mudanças de valores a que o Espírito Santo nos quer conduzir. Podemos definir nossos valores como nossas práticas e hábitos. Já os princípios são verdades profundas, entendidas como

autoevidentes. Possuem um caráter coletivo, e são a causa primária de nossos valores, os rudimentos, as origens que fundamentam nossas escolhas. Por exemplo, o arrependimento é um princípio bíblico pelo qual os valores de uma comunidade de fé se desenvolvem. As práticas de comunidade a comunidade podem ser diferentes em alguns aspectos, mas sempre estarão de algum modo conectadas pelo princípio e tenderão a aproximar-se em aspectos comuns. Se fugirem demais, esses valores estarão em desconexão com o princípio. Por este entendimento, podemos dizer que Jesus está colocando nesse capítulo inteiro a integridade como valor frente ao princípio da submissão a Deus e à sua vontade.

Temos o desafio de impactar, de fazer a diferença e levar a transformação do Evangelho aos confins da terra, por meio da salvação e da vida abundante prometidas por Jesus. Porém, todos os dias, as igrejas ou seus representantes são denunciados por envolvimento em práticas frontalmente contrárias ao Evangelho que se propõem a pregar. O que está errado? Wiersbe confronta:

Dizer as palavras certas, ter as credenciais certas, pregar sermões de textos certos, ajudar pessoas com problemas, e até mesmo fazer milagres jamais pode tomar o lugar de fazer a vontade de Deus. A tragédia de hoje, porém, é que muitos não co-

nhecem a diferença entre realidade e fingimento; o que a maioria chama de bênção, pode ser, na realidade, julgamento de Deus (WIERSBE, 1993, p. 17)

Construindo a nossa integridade: caráter como inteireza de vida e testemunho vital

O famoso pregador Spurgeon escreveu: “Senhor, nos ajude não apenas a sermos capazes de discernir a diferença entre o certo e o errado, mas, por favor, nos ajude a discernir entre o certo e o quase certo”. Muitas vezes, a sutileza das motivações interiores pode nos levar para longe do verdadeiro serviço a Deus. Observe isso nos argumentos de Jesus: “Nem todo aquele que diz a mim: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino dos céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos dirão a mim naquele dia: ‘Senhor, Senhor! Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não realizamos muitos milagres?’ Então lhes declararei: Nunca os conheci. Afastai-vos da minha presença, vós que praticais o mal” (Mateus 7.21-23). Apesar de as obras exteriores apontarem uma fidelidade ao mandamento de Jesus, este, que conhece as intenções, reprova as suas obras. É o mesmo ponto do texto de Mateus 6, que podemos entender como: ‘Não basta fazer a vontade de Deus, é preciso fazer do jeito de Deus’. Aquilo que move mais interiormente o ser humano é a chave

de relevância que faz toda a diferença, pois no Reino os fins nunca justificam os meios. Em algum momento, as reais intenções de cada atitude aparecem e a falta de integridade coloca tudo a perder: credibilidade, resultados, expectativas, frutos... que não permanecem.



Por fim

Encerre a aula orando pela Igreja de Cristo espalhada na terra, para que o

Espírito Santo capacite os filhos e filhas de Deus a viverem integralmente como testemunhas verdadeiras do Senhor.

Bibliografia

IGREJA METODISTA. Colégio Episcopal. Discípulas e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade. São Paulo: 2017. Disponível em <https://goo.gl/NiNUxd>. Acesso em 09/11/2017.

Dicionário de significados: <https://goo.gl/fudE3h>. Acesso em 09/11/2017.

Anotações

Lição 02

O FRUTO DO ESPÍRITO

Texto bíblico: Gálatas 5.22-24

A Palavra de Deus nos chama a andar em novidade de vida e quando assim o fazemos, dia a dia vamos nos transformando pelo agir do Espírito Santo. Este é um dos assuntos apresentados pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Gálatas.





Fundamento bíblico

Quando Paulo escreveu essa carta às igrejas da Galácia (Gálatas 1.2), tinha uma grande certeza em seu coração: a de que Cristo nos libertou para sermos livres e não devemos mais voltar ao jugo da servidão (5.1). Essa certeza também refletia uma preocupação (4.19-20), pois o povo crente destas igrejas estava enfrentando um tempo de dúvidas e por isso, pensando em abandonar a fé e voltar às antigas práticas (5.7).

Paulo tinha sido informado de que algumas pessoas de origem judaica estavam visitando as novas igrejas e disseminando dúvidas no meio do povo cristão (1.6-7), apresentando, inclusive, questionamentos acerca do seu apóstolado (1.10-12). Estes afirmavam que a fé verdadeira e genuína só era válida se mantivesse o rigor da observância das leis de Moisés. Diante disto, o apóstolo exorta os Gálatas que voltar a tais práticas era rejeitar a liberdade conquistada por Cristo, por meio do sacrifício da Cruz (3.1-5).

Estes fatos levaram o apóstolo Paulo a falar-lhes acerca da natureza humana, da luta que se dá no interior de toda pessoa cristã quando nossa natureza terrena (carne) e a natureza divina, gerada pelo Espírito, entram em conflito (5.17). Assim, Paulo apresenta uma relação de quinze atitudes carnis, ou atitudes de natureza humana. Estas atitudes apontam a nossa inclinação para

a prática do pecado, quando na verdade nossa inclinação deveria ser para uma vida com Deus.

As três primeiras obras da carne, prostituição, impureza e lascívia, dizem respeito às antigas práticas dos gálatas antes de serem alcançados pelo evangelho de Cristo. A lista aumenta: idolatria, feitiçaria (cultos pagãos), inimizades, brigas, ciúmes, acesso de raiva, ambição egoísta, desunião, inveja e divisões. E por fim, bebedices e glotonarias, que também eram práticas dos cultos pagãos. Tais cultos tinham o objetivo de promover prazer nas pessoas adeptas; muito embora esse prazer fosse temporário (GIESE, 2016). Para todas estas obras, a afirmação: "Não herdarão o Reino de Deus os que tais coisas praticam" (5.21).

A expressão grega "carne" que Paulo apresenta neste texto (5.19-21), não se refere ao corpo humano, que é bom e é transformado em templo do Espírito Santo (1Coríntios 6-19), mas refere-se à inclinação humana para a prática do pecado. "A palavra 'carne' resume a tendência moral do ser humano que não é movido pelo Espírito de Deus" (ALBRECHT, 2016). A vida no Espírito é a única maneira de resistir às tentações carnis e evitar o caos que elas trazem (Gálatas 5.16).

Ao demonstrar que tais obras da carne não podem mais dominar nossa vida, o apóstolo apresenta uma lista de virtudes, que são fruto do Espírito, e encerra

afirmando que não é pelo rigor da lei que se evidenciam estas virtudes (5.23b), mas tudo é resultado da nova vida em Cristo (5.24) e do mover do seu Espírito em nós (5.25).



Palavra que ilumina a vida

A vida cristã deve ser um reflexo da pessoa de Jesus Cristo em nós. Ser uma pessoa cristã deve significar ser semelhante ao Mestre, ou como bem nos exortou o apóstolo Paulo, ser “imitadores de Deus, como filhos amados” (Efésios 5.1). Ao convidar as pessoas para se tornarem seus discípulos e discípulas, Jesus sempre enfatizava: Segue-me. Esse seguir a Cristo deveria ser muito mais do que ir por onde o nosso Senhor fosse, era caminhar com ele, ouvir seus ensinamentos, observar o que Ele fazia, aprender, praticar seus ensinamentos, e assim, ter a vida moldada e transformada para ser semelhante a Jesus. Desta forma, cremos que ao andarmos com Jesus, ao nos deixarmos guiar pelo seu Espírito, nosso modo de agir e nosso caráter são gradualmente transformados e o fruto do Espírito se torna uma característica visível em nossa vida.

O fruto é o resultado desta ação de Deus em nós e as atitudes que esse fruto promove são dádivas que Deus nos concede para conseguirmos resistir às tentações da carne. “Deus quer que sejamos o seu povo. E para que a vida em

comunidade seja uma vida de qualidade, Deus oferece 9 atitudes para melhorar significativamente a vida de cada um de nós” (GIESE, 2016).

Dentre estas novas atitudes, destacamos nesta primeira lição o amor, a alegria e a paz. Estas três virtudes são geradas em nós através do Espírito de Deus, e em nada se comparam com o amor, a alegria e a paz que o mundo está acostumado a vivenciar. O fato de Paulo utilizar a palavra “fruto” e não “obra” evidencia que tais atitudes não dependem de nós, não podem ser produzidas por nossa mera vontade, mas exclusivamente pelo agir de Deus.

Através da ação do Espírito em nós somos capazes de amar e receber amor. Não um amor qualquer, mas aquele descrito em 1Coríntios 13: paciente, altruísta, honesto, bondoso, que não é ciumento nem se porta inconvenientemente, um amor que jamais acaba.

Também é só através do Espírito que podemos nos alegrar mesmo diante das dificuldades, como viveu e expressou o salmista (Salmo 16.8-9; 28.7; 30.5), o profeta (Isaías 61.10), e outros autores bíblicos (Romanos 5.1-5, 14.7; Tiago 1.2-3). Note-se que esta alegria não é proveniente de situações agradáveis apenas, mas de uma convicção da presença de Deus e do seu poder de fazer todas as coisas cooperarem para nosso bem. Essa alegria não se explica bem. Ela é sentida por quem se rende à ação do Espírito Santo em sua vida.

A paz é outra necessidade que é suprida pela presença do Espírito Santo. Nós precisamos de paz em três aspectos: espiritual, que é a paz com Deus (Romanos 5.1); emocional, que é a paz de Deus, um sentimento interno de bem-estar e ordem (Colossenses 3.15), e nos relacionamentos, que é o que a Bíblia chama de paz com as pessoas (Romanos 12.18). A paz nos relacionamentos reduz conflitos. Esta paz do Espírito que é completa nos dá tranquilidade diante dos problemas e a serenidade necessária para enfrentá-los.

Amor, alegria e paz são extremamente necessários à vida cristã. Aliás, cada uma destas qualidades do fruto do Espírito precisa se refletir primeiramente na vida em comunidade.

Conclusão

O mundo e a humanidade estão carentes destes bons frutos, principalmente de amor, alegria e paz. Como cristãos e cristãs somos chamados e chamadas a vivenciar essas virtudes junto às pessoas. Porém, junto a qualquer ação do lado de fora, isto

é, em meio à sociedade, é necessário vivenciá-las verdadeiramente em nosso ambiente de fé e comunhão.

Somos pessoas pecadoras e ainda precisamos vigiar para não cair em tentação, porém Deus se faz presente em nós através do seu Espírito. Precisamos deixar que Ele opere em nós, a fim de que seus valores sejam os nossos também.

Para conversar

Quais são os obstáculos que nos atrapalham para viver o amor, a paz e a alegria do Espírito? Que passos devemos (ou podemos) dar para expressar verdadeiramente essas virtudes em nossa vida?

Leia durante a semana

Domingo: Gálatas 5.22-24

Segunda-feira: Efésios 5.1-11

Terça-feira: 1Coríntios 6.12-20

Quarta-feira: Gálatas 5.1-13

Quinta-feira: Gálatas 4.1-7

Sexta-feira: Gálatas 2.16-21

Sábado: Gálatas 6.15-18



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Refletir sobre a importância da vida de santidade e o valor do fruto do Espírito que nos ajuda na luta contra as obras da carne; abordar as características do amor, paz e alegria como ferramentas que nos auxiliam na luta contra as obras da carne.



Para início de conversa

Mostre ao grupo uma mexerica (tangerina) descascada. Tenha próxima a você sua Bíblia aberta no texto proposto. Peça para que olhem para a fruta enquanto você faz a leitura do texto. Enquanto lê calmamente, na medida em que for pronunciando as partes que compõem o fruto do Espírito, vá desmontando a mexerica e levantando os gomos aos olhos da classe. Um gomo será o amor, outro a paz, e assim por diante. Por fim complete a explicação, mostrando que assim como os gomos são muitos mas o fruto – a mexerica (tangerina) – é um só, assim é o fruto do Espírito: um único fruto, muitas virtudes. Prossiga a aula.



Por dentro do assunto

Os cristãos e cristãs da Galácia eram ainda novos na fé quando receberam esta carta paulina. Convertidos do paganismo, precisavam viver a nova vida oferecida por Cristo e para isso, abandonar antigas práticas era fundamental.

Um tema tratado pelo apóstolo nessa carta é a liberdade. Liberdade que esse povo conquistou quando abraçou o Evangelho e abandonou a idolatria e as práticas contrárias à fé (5.1). Para permanecerem nessa liberdade era necessário andar no Espírito e dizer não aos desejos carnis (5.16), pois a prática das obras da carne era um retorno à escravidão (5.17).

O apóstolo então enumera as obras da carne (5.19-21). “Essas obras cobrem o âmbito do sexo, da religião, da vida comunitária e das emoções. Elas conduzem à exclusão do Reino de Deus” (SCHMITT, 1998). Para combatê-las, já que o ser humano por si só não é capaz de fazê-lo, Paulo apresenta o fruto do Espírito (5.22-23). Vivenciar o fruto é viver livre do jugo da Lei, da escravidão do pecado.

Por fim

Amor, alegria e paz são as primeiras virtudes descritas na lista de características do fruto do Espírito. Elas são dádivas de Deus para nós, que nos tornam realizados e realizadas nesta vida, mas ao mesmo tempo, são virtudes que também se direcionam de nosso coração para Deus, “pois o primeiro amor do cristão é o seu amor a Deus, sua principal alegria é a sua alegria em Deus e a sua mais profunda paz é a sua paz em Deus” (STOTT, 2000, p.135).

“O **amor** faz a abertura, porque Deus é amor”. No entanto, o amor permanece presente até o fim da lista, de sorte que o resultado é um desdobramento do amor em nove aspectos. P. Burckhardt tenta fazer justiça à unidade dessa multiformidade, da seguinte maneira (pág 86, citações com pequenas alterações): **alegria** como amor que jubila, **paz** como amor que restaura, **longanimidade** como amor que sustém, **benignidade** como amor que se compadece, **bondade** como amor que doa, **fidelidade** como amor confiável, **mansidão** como amor humilde, **domínio próprio** como amor disposto a renunciar” (Pohl, 1999, pp. 127-128).

A pessoa que possui tais virtudes não precisa viver atrás de satisfazer as paixões da carne, pois tem em si o amor do Pai, a alegria verdadeira e a paz que excede o entendimento. Não se trata mais daquilo que não podemos fazer, mas do que não precisamos fazer, pois temos a satisfação que vem de viver com Cristo.

Ao final da aula, desafie cada aluno e aluna a pensar em quais tem sido os “ladrões” da paz, alegria e amor em suas vidas e convide-os para um momento de oração em que as dificuldades sejam apresentadas a Deus, pedindo que Ele manifeste essas virtudes do Espírito em cada vida.

Bibliografia

ALBRECHT, Astor. Gálatas 5.1,13-25: A dádiva de andar com Deus. Auxílio Homilético. Proclamar Libertação: Vol. 40. Disponível em: <https://goo.gl/DatYaB>. Acesso em 11/10/2017.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Almeida. (RA). Notas introdutórias à Carta aos Gálatas Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

GIESE, Nilton. A natureza humana e os frutos do Espírito de Deus. Disponível em: <https://goo.gl/cacFsX>. Acesso em 09/10/2017.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F. & REA, John. Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SCHMITT, Flávio. Gálatas 5.1,13-25. Auxílio Homilético. Proclamar Libertação. vol. 23. Disponível em: <https://goo.gl/4H5zqN>. Acesso em 04/12/2017.

STOTT, John R. W. A mensagem de Gálatas. São Paulo: Abu Editora, 2000. Vivendo sempre na moral. Revista Cruz

de Malta: Por uma Igreja fiel a Palavra. Revista do/a aluno/a. Produzido sob responsabilidade da Igreja Metodista, 2012.

POHL, Adolph. Carta aos Gálatas. Comentário Esperança. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 1999.

Anotações

Lição 03

O FRUTO DO ESPÍRITO NA CONVIVÊNCIA

Textos bíblicos: Gálatas 5.22-24; Colossenses 3. 9-17

Na lição anterior, ao meditarmos sobre os ensinamentos paulinos aos Gálatas, analisamos as obras da carne e o fruto do Espírito, dando ênfase a três das virtudes desse fruto: amor, alegria e paz. Nesta lição nos dedicaremos aos demais atributos deste fruto, como dádivas recebidas de Deus para termos um relacionamento saudável com todas as pessoas.





Fundamento bíblico

Como analisado na lição anterior, o fruto do Espírito é o produto resultante do mover do Espírito de Deus em nós. Os três primeiros benefícios desse fruto, amor, alegria e paz, formam um conjunto das qualidades espirituais fundamentais na vida de uma pessoa. Eles estão na base da nossa relação com Deus, conosco mesmo, e com as demais pessoas. O apóstolo Paulo apresenta o amor como o maior de todos os dons (1Coríntios 13.13) e em Romanos vemos que a alegria e a paz também são características do Reino de Deus (Romanos 14.17).

Sem estas três virtudes a desesperança e o desespero se instalam diante de circunstâncias adversas, que sabemos, vez ou outra nos atingem. O amor, a alegria e a paz gerados pelo Espírito de Deus como fruto, são sentimentos/virtudes que permanecem mesmo em meio a situações de tribulação.

As demais virtudes desse fruto, também fundamentais em nossa vida, se manifestam na vivência com outras pessoas: longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade (lealdade), mansidão e domínio próprio. Embora o domínio próprio também tenha a ver com nossa vida pessoal e com a fidelidade/fé no nosso relacionamento com Deus, estas virtudes também apontam para nossas relações sociais. Vejamos algumas de suas características:

Longanimidade: é grandeza de ânimo; é a capacidade de resistir com coragem às

adversidades e com paciência extrema à ofensa ou injúria recebida por parte de outras pessoas. A pessoa longânime não revida, não se rebela, não se ira. Consegue aquietar o coração quando o desejo é “estourar” ou reclamar (Tiago 5.7; Efésios 4.2, 26).

Benignidade: embora benignidade e bondade sejam termos parecidos, que muitas vezes se confundem, a benignidade é mais do que ser uma pessoa bondosa, mas tem a ver com ter uma índole boa, um caráter bom, o prazer em fazer o bem.

Bondade: generosidade de coração e ações bondosas.

Fidelidade: o termo usado no grego se traduz também por fé; porém, quando pensamos na necessidade de sermos pessoas longânimes, benignas e bondosas, a palavra fidelidade é a que melhor se adéqua, por significar lealdade. Esta, com certeza, era uma virtude que a comunidade da Galácia precisava, pois como vimos na lição anterior, não estavam sendo leais nem ao ministério de Paulo, nem ao evangelho de Cristo. Assim, vemos que a fidelidade tem a ver com nossa relação com Deus e também com as pessoas.

Mansidão: é o oposto da ira, da discórdia, da gritaria, da violência e de tantas outras atitudes que representam as obras da carne e nos afastam das pessoas. É sinônimo de serenidade, a qualidade de quem possui gênio pacífico.

Domínio próprio: esta virtude fala da relação que uma pessoa tem com ela

mesma. É a capacidade de “conter-se a si mesma”, tradução que fica mais próxima do original. Esse fruto nos habilita a vencer os desejos referentes às obras da carne que atingem diretamente nosso corpo; prostituição, impurezas, bebedices e glotonarias (HENDRIKSEN, 1999, p.321-324), e também a superar/evitar as dificuldades nos relacionamentos.



Palavra que ilumina a vida

O fruto do Espírito nos é dado por Deus e nos habilita justamente a resistirmos às obras carnis, muitas das quais se manifestam em nossos relacionamentos interpessoais (inimizade, porfia [rixa], ciúmes, ira, discórdias, dissensões, facções, inveja). A fidelidade, a mansidão e o domínio próprio apontam para nossa relação com Deus, pois nos permitem honrá-lo; ainda assim, sem o respeito e amor ao próximo, a relação com Deus fica prejudicada (1João 4.20-21).

A Palavra de Deus constantemente nos exorta a cuidar da nossa relação com nossos(as) semelhantes, a nos dedicar por construir relacionamentos saudáveis e a perceber quando algumas práticas presentes nessa relação são destrutivas. Vejamos as recomendações paulinas à Igreja de Colossos sobre esse assunto (Colossenses 3. 5-17).

O pastor Astor Albrecht explica que “andar no Espírito manifesta-se de

maneira prática no serviço fraterno. É o amor presente em nossa vida que testifica de sua presença. ‘Os que vivem sem amor são pesados para si mesmos, enquanto que os que amam carregam-se mutuamente’ (Agostinho). Isso precisa ser destacado: o amor não pode ser espiritualizado! Quando isso acontece, o próximo é esquecido. E isso nós já não podemos chamar de amor. É preciso que o amor dê provas de sua autenticidade pelo serviço prestado aos necessitados dentro da comunidade, dentro de nossa família. Portanto, se temos tensões ou inimizades em nossos relacionamentos, devemos ter os olhos abertos: isso leva ao caos. Precisamos mostrar na prática como podemos, de maneira crescente, ajudar e cooperar uns com os outros...” (ALBRECHT, 2016).

Sabemos quantas dificuldades surgem em muitos relacionamentos e as obras da carne sugerem isso. Deus certamente sabe que nossas fragilidades e pecados interferem negativamente no convívio com pessoas, por isso, ao nos conceder a graça do fruto do Espírito, Ele deu muitas virtudes que nos capacitam a trabalhar para a edificação dos relacionamentos interpessoais.

O fruto manifestado em nossa vida não é para nós, mas para as pessoas ao nosso redor: “...o fruto produzido na minha vida é para sustento e prazer do meu semelhante. Eu sou uma árvore onde o fruto produzido é para

quem precisa, para quem tem fome... Quem não quer saber de uma árvore com essas qualificações?! Quem não quer se aproximar de uma árvore cujo fruto é dessa qualidade divinal?! E, questionada sobre a qualidade do seu fruto, sobre a sua origem, a árvore, humilde que é, só saberá apontar para o Espírito Santo, pois o fruto é dele. E quem não quer seguir esse Deus maravilhoso que transforma uma árvore estéril, seca, numa árvore frondosa e frutífera?..." (EMERICH, 2010).

Toda pessoa cristã precisa manifestar em sua vida o fruto do Espírito. Só existe vida cristã se essa for guiada pelo Espírito de Deus. Se o Espírito Santo é quem nos guia, logo aparece o fruto. Se ele não guiar, as obras da carne se evidenciam. O fruto ou as manifestações dele, "revelam o quão próximos estamos de Deus. Se não manifestarmos o fruto, provavelmente manifestaremos as obras da carne, evidenciando o quanto nos distanciamos de Deus. Se estamos em Cristo, se andamos em Espírito, não tem como esse fruto não aparecer (EMERICH, 2010).

Conclusão

O amor ao próximo é um compromisso cristão, tendo em vista ser um mandamento divino, um dos maiores (Mateus 22.37-39). Nosso coração precisa estar na direção das pessoas se o quisermos direcioná-lo a Deus. Na força do Espírito Santo e manifestando o seu fruto seremos capazes de amar o próximo, conviver com todas as pessoas e testemunhar a presença de Cristo em nós.

Para conversar

Que sinais podem indicar nosso distanciamento do Espírito Santo de Deus? O que fazer para manter o fruto do Espírito visível em nossa vida?

Leia durante a semana

Domingo: Gálatas 5.22-24
Colossenses 3. 9-17

Segunda-feira: Gálatas 5.22-24

Terça-feira: Mateus 22.36-40

Quarta-feira: 1João 4. 7-21

Quinta-feira: João 15.12-17

Sexta-feira: João 13.34-35

Sábado: Gálatas 5.13-15



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Despertar para as características do Espírito em nós que nos habilitam a viver a comunhão e o bom relacionamento com as pessoas; mostrar que as virtudes do Espírito confrontam as obras da carne que se manifestam nos relacionamentos.



Para início de conversa

Em um quadro, ou usando um computador com projetor, faça uma lista com todas as obras da carne. Cada participante da classe ficará responsável por explicar, com suas palavras, o significado dessa obra e quais as consequências dela na vida da pessoa cristã. Em seguida, também devem analisar qual virtude do fruto do Espírito é necessária para combater tal obra carnal. Se a classe for grande divida a turma em grupos. Após alguns minutos de diálogo, prossiga a aula.



Por dentro do assunto

Como vimos na lição anterior da revista do(a) professor(a), os gálatas eram um povo cristão recém-convertido. Desde que creram no Evangelho, rece-

beram em suas vidas o dom do Espírito Santo e na força do Espírito passaram a viver uma nova vida (Gálatas 3.2). Abandonaram certos rituais judaicos, dentre eles a circuncisão, e passaram a desfrutar de uma liberdade cristã (5.1), ou seja, uma nova vida sem o jugo da Lei.

O apóstolo Paulo, instruindo acerca de muitas coisas, lhes revela a necessidade de continuarem andando em novidade de vida (5.7), segundo o mover do Espírito. Esta era a recomendação recebida do apóstolo. Contudo, em sua ausência, os gálatas permitiram o acesso de outros pregadores entre eles, que disseminando um evangelho deturpado, tentavam arrastá-los de volta às práticas da Lei (1.6-7), mais precisamente, à prática da circuncisão.

Com o surgimento de novas comunidades cristãs fora do mundo judaico, um tema emergiu como importante questão teológica: a necessidade ou não de que os novos convertidos seguissem a lei. Havia grupos de pessoas defensoras da primeira opção, bem como da segunda. Diante do impasse, Paulo, eleito apóstolo dos gentios, sai em defesa destes, sustentando que a liberdade estaria acima da Lei (WITT, 1998).

Agora que os gálatas estavam em dúvida quanto à observância da Lei ou não, Paulo os exorta, lembrando-lhes que a salvação é dada por meio da graça em Jesus e não pelo cumprimento da Lei: “Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (5.6). “A argumentação do apóstolo parte da afirmação de que tanto judeus quanto não-judeus são aceitos por Deus pela fé em Jesus Cristo, e não por fazer o que a Lei manda (Gl 2.16). Se o cumprimento da Lei se mantém como condição para ser aceito por Deus, então a morte de Cristo foi em vão (Gl 2.21). Segue lembrando a própria experiência feita pelos cristãos da Galácia: eles receberam o Espírito de Deus porque creram no Evangelho e não por terem cumprido a Lei (Gl 3.2). Por isso, os verdadeiros descendentes de Abraão são os que têm fé, assim como ele também teve (Gl 3.7). Portanto, já não faz diferença cumprir ou não a lei da circuncisão, mas sim a fé que age por meio do amor (Gl 5.6). Cristo nos libertou para que sejamos livres (Gl 5.1). Essa liberdade não significa dar oportunidade aos desejos da carne (Gl 5.13), mas deixar-se guiar pelo Espírito de Deus (Gl 5.16), produzindo frutos do Espírito (Gl 5.22).” (WITT, 1998).

Osmar I. Witt ainda afirma que o propósito de Paulo era fazer com que os gálatas compreendessem que praticar um ritual da Lei só seria válido se toda

a Lei fosse observada (5.3), algo impossível, dada a nossa condição pecaminosa (3.22). “... se alguém for circuncidado, será salvo pela fé; se não o for, será salvo pela mesma fé em Cristo, a qual se manifesta por meio do amor (Gl 5.6).” (WITT, 1998).

O que é importante nesse processo de salvação, mediante a fé e por meio da graça, é que cada pessoa cristã se deixe guiar pelo Espírito de Deus (5.25; 6.15). É o Espírito que renova nossa vida e manifesta nela o fruto da sua presença. Todavia, a presença de obras da carne revelam a ausência do fruto do Espírito. Abandonar tais obras, algo que ainda era visível nos gálatas (5.15), é uma condição para produzir o fruto.

Quanto mais cheios e cheias do Espírito estivermos, menos espaço daremos para a permanência de obras carnis em nós. Quanto mais alimentarmos tais obras, mais iremos nos afastando do mover do Espírito.



Por fim

Orem por mais santidade buscando em Deus a graça para andar segundo o Espírito.

Bibliografia

EMERICH, Telmo. Fruto do Espírito Santo. Disponível em: goo.gl/8u9RoN. Acesso em 10/10/2017.

ALBRECHT, Astor. Gálatas 5.1,13-25: A dádiva de andar com Deus. Auxílio

Homilético. Proclamar Libertação: Vol. 40. Disponível em: goo.gl/GpY4TD. Acesso em 11/10/2017.

HENDRIKSEN, William. Gálatas: comentário do Novo Testamento. Editora Cultura

Cristã: São Paulo, 1999, 1ª ed, 367p.

WITT, O. L. Gálatas 6.14-18. Proclamar Libertação - Volume: XXIII. Disponível em: goo.gl/EQ1Vjn. Acesso em 04/12/2017.

Anotações

Lição 04

O CAMINHO DO RELACIONAMENTO

Texto bíblico: Rute 1.1-22

A Bíblia apresenta o discipulado como relacionamento. Porém, muitas vezes, ao enfrentarmos momentos de crises, percebemos o quanto nossos relacionamentos são frágeis. Procuramos alguém que nos dê suporte e não encontramos. Por quê? Veremos na experiência de Rute que um relacionamento significativo requer alguns princípios de intencionalidade. Para isso, vamos ver o texto no seu quadro maior.





Fundamento bíblico

Para o autor de Rute, o segredo para entender a história está no significado dos nomes. Eles revelam traços de personalidade, de caráter e de simbologias narrativas. Assim, temos: Belém = Casa do Pão; Judá = Deus seja louvado; Moabe = Família do Pai; Elimeleque = Deus é meu rei; Noemi = Doçura; Malom = Doença; Quiliom = Enfermidade; Orfa = Costas; Rute = Amiga. Lendo a história de Rute sob essa perspectiva, percebemos como ela pode ter elementos comuns à nossa:



Palavra que ilumina a vida

Existem muitos momentos em que o envolvimento com projetos, sonhos e perspectivas de vida nos coloca numa atmosfera de alegria, expectativa e desejo de ver nossos ideais conquistados. Normalmente, a vida se inicia e se desenvolve em expectativa de realização. Em nossa juventude, por exemplo, somos novos e novas: queremos “mudar o mundo”.

Somos “Doçura” e estamos envolvidos e envolvidas por ela. Mas não foi para a doçura que Deus nos chamou? Não é para irmos à terra que mana leite e mel? Não são os mandamentos dele doces ao paladar? A atmosfera de fé nos envolve porque “Deus é o meu rei”. Nesse tempo da vida, uma fé cativante e

um amor entregue nos preenchem. Não medimos as consequências! Estamos totalmente disponíveis... Estamos na “Casa do Pão”.

Então, de repente, quando o tempo vai passando, percebemos que as coisas não são bem assim. Começa a faltar pão na Casa do Pão. Começa a haver falta. Nós nos deslocamos para Moabe, aquele lugar onde duas filhas desesperadas engravidaram do pai, lutando por suas próprias forças humanas e limitadas para garantir um futuro. Mas não há esperança na terra de Moabe. E Doçura faz o que parece impossível. Doçura engravida de “Doença” e “Enfermidade”. O que sai dela é ruim, faz mal e não dura. Seus filhos são fracos e não têm resistência. Depois de um tempo, morrem. Doçura fica desamparada e com ela as pessoas que trouxe para sua convivência: as noras.

Qual foi o momento de vida ou de ministério ou na jornada de fé, em que começamos a perceber que não estamos gerando o que pretendíamos? Que o fruto do nosso trabalho é doente, pouco e frágil? Em que momento a doçura que nos movia se afastou de nós e tornamo-nos “Mara”, amargura? É difícil saber, mas este momento é muito cruel. Nele, falamos coisas insensatas: “Não existe mais lugar para mim. Acho que meu tempo já passou. Eu me tornei um ser infrutífero. Eu não gero mais filhos e filhas. Ninguém deve andar comigo”.

“Deus é meu rei” pode estar longe dos olhos por causa de nossa falta de fé.

Contudo, não está longe do coração. Ele se move colocando-nos novamente no trilho do discipulado. Ele propõe amigos e amigas que se dispõem a fazer a jornada conosco, mesmo que resistamos, não queiramos ou fiquemos dando desculpas e vivendo na autocomiseração. Deus não nos deixa morrer nos campos da família do pai incestuoso e limitado. Deus quer nos trazer à Casa do Pão e nos alimentar de esperança e vida. O que é preciso? Ter alguém como Rute. Ela insiste em ficar quando é mandada embora. Ela não se demove, muito embora os argumentos de Noemi sejam sólidos e façam todo o sentido. E Rute, a Amiga, nos fala sobre o discipulado e princípios da amizade, porque ela atua e faz exatamente como Jesus.

Por onde quer que tu fores, irei eu também – o princípio da mudança

Rute nos diz que, quando queremos relacionamentos autênticos com outras pessoas, temos de nos dispor a sair do nosso lugar costumeiro. Não é o que Jesus faz? Diz em João que o “verbo virou gente e armou sua barraca entre nós”. Isso significa não apenas que Ele veio para morar com a gente, mas sua habitação é móvel, desmontável, carregável. Porque Ele veio para estar onde nós estamos. Assim, Rute é aquela pessoa que Deus levanta para nos mostrar que não estamos na solidão que tanto afirmamos. Essas pessoas oram por nós, insistem, aconselham e se fazem

presentes até quando não são bem-vindas. Ficam ao nosso lado e se movem conosco até que passem as calamidades. Elas mudam seu jeito de ser e de viver pela disposição de fazer algo em favor do outro, da outra.

E onde quer que pousares, pousarei também – o princípio da permanência

Rute não apenas anda por uma parte do caminho, na mudança, mas ela fica quando cai a noite. Como o estranho no caminho de Emaús, ela “entrou para estar” com Noemi. No caminho do relacionamento, é preciso investir tempo para estar. A pousada noturna fala do tempo do descanso, do alívio das tensões, do renovo para caminhar. Essa experiência é curativa. Não existe amizade verdadeira em modelo fast food. É preciso investir tempo. Pousar, permanecer. Só assim os frutos são produzidos. Ame o povo, ame a terra, ame o lugar em que Deus plantou você.

O teu povo será o meu – o princípio da parceria

A permanência inclui também abertura para o aprendizado e a partilha. Tanta gente hoje preocupada em fazer discípulos e discípulas para si, amigos e amigas para si, esquecendo que existe um passo além. Chegou uma hora em que Jesus disse: “Vocês não são servos. Chamo vocês de amigos”. A amizade é desinteressada, focada no relacionamento, na alegria da

partilha e não na “utilidade” do outro e da outra. É como a carta de Jeremias: plantar e comer; edificar e morar; amar a cidade, ter filhos e filhas nela e ficar ao ponto de ver netos e netas! Para que nossa vida tenha doçura, temos de desenvolver a entrega do amor, do afeto, da parceria. Sem amor, nada feito!

O teu Deus será o meu – o princípio da fé

Como cristãos e cristãs, partilhemos de um legado juntos e podemos desenvolver o melhor de todos os relacionamentos a partir dele: nosso Deus, revelado em Jesus Cristo e experimentado pelo Espírito Santo! No cotidiano, muitas vezes vivemos em competição, em inveja, tentando apagar a história da outra pessoa, sentindo ciúmes na igreja, no trabalho, nas amizades... Temos de compartilhar a fé com as pessoas que sofrem revezes. Temos de ser suporte para aqueles e aquelas que estão em fragilidade. Temos de ter compromisso com quem veio antes e com quem virá depois. Nosso Deus é nossa fé em comum. Ele nos une em si mesmo!

Faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver – o princípio da aliança

João Wesley assinou um pacto com seus pregadores, para que ninguém falasse mal de ninguém sem provas. Para que procurassem a todo o custo manter a lealdade. Ele teve muitos revezes com seus pregadores. Mas nunca se recusou

ao enfrentamento dos conflitos, porque sabia que este era o preço da unidade. Jesus também teve a mesma disposição com os discípulos. Ao abrir o seu coração até nas horas de fraqueza: “Estou triste até à morte, fiquem comigo”, Ele pediu a eles no Getsêmani.



Conclusão

Rute nos ensina que não adianta viver e ir deixando as pessoas pelo caminho. Se outra coisa além da morte nos separar, algo pode estar errado. Ainda que as circunstâncias da vida possam nos distanciar, temos que ter uma aliança com cada amigo e amiga em nossa jornada. Uma aliança de amizade genuína. De abertura para perdão e partilha. De uma ética espiritual, prática e vivencial. Como Rute ao andar com Noemi.



Para conversar

Como podemos ajudar as pessoas que desanimam ou perdem suas forças e ficam pelo caminho?



Leia durante a semana

Domingo: Rute 1.1-14

Segunda-feira: Rute 1.15-22

Terça-feira: Rute 2.1-7

Quarta-feira: Rute 1-5

Quinta-feira: Rute 4.9-17

Sexta-feira: Provérbios 12.25-28; 15.30; 17.17; 18.24

Sábado: Eclesiastes 4.9-12



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Compreender a narrativa do livro de Rute a partir do eixo relacionamento, descobrindo como o caráter íntegro de Rute transforma a experiência de vida traumática de Noemi em possibilidade de futuro e de felicidade.



Para início de conversa

Leia com os alunos e alunas uma versão do texto com os nomes traduzidos em destaque. Pause a leitura para melhor compreensão. “E sucedeu que, nos dias em que os juízes julgavam, houve uma fome na terra; por isso um homem da *Casa do Pão* (Belém) de *Deus seja louvado* (Judá) saiu a peregrinar nos campos da *Família do Pai* (Moabe), ele e sua mulher, e seus dois filhos. E era o nome deste homem *Deus é meu rei* (Elimeleque), e o de sua mulher *Doçura* (Noemi), e os de seus dois filhos *Doença* (Malom) e *Enfermidade* (Quiliom), efrateus, da *Casa do Pão* (Belém) de *Deus seja louvado* (Judá); e chegaram aos campos da *Família do Pai* (Moabe), e ficaram ali. E morreu *Deus é meu Rei* (Elimeleque), marido de *Doçura* (Noemi); e ficou ela com

os seus dois filhos. Os quais tomaram para si mulheres moabitas; e era o nome de uma *Costas* (Orfa), e o da outra *Amiga* (Rute); e ficaram ali quase dez anos. E morreram também ambos, *Doença* e *Enfermidade* (Malom e Quiliom), ficando assim a mulher desamparada dos seus dois filhos e de seu marido. Então se levantou ela com as suas noras, e voltou dos campos da *Família do Pai* (Moabe), porquanto naquela terra ouviu que o Senhor tinha visitado o seu povo, dando-lhe pão. Por isso saiu do lugar onde estivera, e as suas noras com ela. E, indo elas caminhando, para voltarem para a terra de *Deus seja louvado* (Judá), disse *Doçura* (Noemi) às suas noras: Ide, voltai cada uma à casa de sua mãe; e o Senhor use convosco de benevolência, como vós usastes com os falecidos e comigo. O Senhor vos dê que acheis descanso cada uma em casa de seu marido. E, beijando-as ela, levantaram a sua voz e choraram. E disseram-lhe: Certamente voltaremos contigo ao teu povo. Porém, *Doçura* (Noemi) disse: Voltai, minhas filhas. Por que iríeis comigo? Tenho eu ainda no meu ventre mais filhos, para que vos sejam por maridos? Voltai, filhas minhas,

ide-vos embora, que já mui velha sou para ter marido; ainda quando eu dissesse: Tenho esperança, ou ainda que esta noite tivesse marido e ainda tivesse filhos, esperá-los-íeis até que viessem a ser grandes? Deter-vos-íeis por eles, sem tomardes marido? Não, filhas minhas, que mais amargo me é a mim do que a vós mesmas; porquanto a mão do Senhor se descarregou contra mim. Então, levantaram a sua voz, e tornaram a chorar; e *Costas* (Orfa) beijou a sua sogra, porém *Amiga* (Rute) se apegou a ela. Por isso, disse *Doçura* (Noemi): Eis que voltou tua cunhada ao seu povo e aos seus deuses; volta tu também após tua cunhada. Disse, porém, *Amiga* (Rute): Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada. Faça-me assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti. Vendo *Doçura* (Noemi), que de todo estava resolvida a ir com ela, deixou de lhe falar.

Por dentro do assunto

Depois de trabalhar o corpo da lição, adicione à reflexão o resultado deste relacionamento, apontando *o que acontece quando a Amizade decide investir na Doçura perdida*:

Há o resgate ministerial: a sequência desta história nos mostra que Rute se casa com Boaz e gera um filho. Quando o neném nasce, ela o entrega a Noemi. Aquela que dizia que tinha o ventre seco, que não poderia mais ser mãe, entra no regaço; volta a fazer o que seu coração desejava: cuida, gera, alimenta, protege e educa um bebê. Noemi tem assim seus sonhos restaurados por meio de Rute. Deus sempre levanta Rutes para restaurar o primeiro amor e a força do nosso chamado. vocação, ministério e sonhos. Curioso ainda, é o nome da criança: Obede, que significa: “O que adora”. Ministérios restaurados geram adoração genuína!

Há um testemunho que impacta: As vizinhas de Noemi afirmam que Rute valia mais do que dez filhos – que baita elogio no contexto judaico – e que ela realmente amava a sogra. O testemunho de vida de Noemi e de sua amizade sincera ara conhecido por muitas outras pessoas. Isso é o que Deus espera de nós também; compromisso com o próximo e um testemunho que seja libertador.

Há uma inserção nas promessas divinas: por causa das atitudes de Rute, o bebê gerado por Noemi entra na família de Deus: de Obede, Jessé; de Jessé, Davi; de Davi, Jesus (Rute 4.16-22). Bom é saber que Deus tem sonhos maravilhosos para nós.



Por fim

Incentive sua classe a detectar as Rutes em sua vida: pessoas inspiradoras que ajudaram em momentos de dificuldade e necessidade de superação. Ajude as pessoas a também identificarem-se com Rute, procurando desenvolver a mesma postura para com pessoas desanimadas e cansadas que encontrem em sua trajetória ministerial.

Bibliografia

BÍBLIA. Português. Bíblia TEB Estudos. São Paulo: Loyola, 3ª ed. 1989.

SCHOKEL, Luís Alonso. Dicionário Bíblico Hebraico-português. São Paulo: Paulus, 1997.

SIQUEIRA, Tércio Machado. O livro de Rute. Disponível em: goo.gl/scpJ7z.

Acesso em 17/10/2017.

Anotações

Lição 05

NÃO JULGUEIS

Texto bíblico: Mateus 7.1-5

Martin Luther King¹ afirmou: “A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio”. Comportar-se de forma íntegra em todo tempo, especialmente em situações adversas, revela os valores que regem a nossa vida. A maneira como lidamos com as pessoas e com as situações que nos cercam revela o nosso caráter e a nossa espiritualidade.





Fundamento bíblico

Mateus 7.1-5 faz parte do bloco literário do Sermão da Montanha que compreende os capítulos 5 a 7. O capítulo 7, onde se encontra nosso texto, traz as considerações finais do sermão. Em Mateus, Jesus Cristo é apresentado como o Mestre da Justiça, pois a justiça é a base do Reino de Deus. Assim, ser um cidadão ou uma cidadã do Reino é ser uma pessoa que busca, incessantemente, praticar a justiça. E no capítulo 7 encontramos regras finais de conduta para a prática e o exercício dessa justiça na vida cotidiana.

Interessante perceber que ainda que o tema da justiça seja central no discurso de Jesus Cristo, neste sermão ele tem uma preocupação: orientar as pessoas a não julgarem. Jesus aqui não nos proíbe de fazer uma reflexão sobre a vida, nem tampouco sobre a conduta das pessoas, não se trata disso.

Analisar as relações humanas é parte da nossa natureza, aqui a preocupação de Jesus é orientar o povo a não cair no fácil e arrogante papel de se tornar dono da verdade. De julgar, condenar uma pessoa sem antes ter feito um exame da sua própria vida. Essa é a tônica do discurso do Mestre.

“... com o critério que julgardes, sereis julgados” (v.2). Este versículo se relaciona com o versículo 12: “tudo quanto pois quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque

esta é a lei e os profetas” (Mateus 7.12); comumente chamado como a regra de ouro, este é o versículo central deste capítulo. Sobre o verso 12, Lutero afirma: “com essas palavras, ele (Jesus) encerra seus ensinamentos nesses três capítulos e os resume a todos num pequeno pacotinho, onde se encontra tudo” (Bíblia de Estudo da Reforma, 2017, p.1555). Jesus aponta para a necessidade de coerência. A incoerência é uma expressão da hipocrisia.

“Hipócrita”, uma dura expressão presente em alguns discursos de Jesus quando deseja confrontar a natureza humana. A palavra “hipócrita” deriva do contexto grego em que os atores no palco falavam atrás de máscaras que seguravam em seus rostos. Hipocrisia seria se esconder atrás de uma máscara.

Em Mateus 23.27-28, Jesus diz: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia”. Os fariseus foram duramente questionados por Jesus sobre seu caráter e sua postura condenatória. Jesus os chamou de hipócritas por estarem mais preocupados com as aparências; gostavam de impor às demais pessoas exigências que eles mesmos não conseguiam cumprir.

“Argueiro e trave”: A palavra argueiro pode ser traduzida por cisco e a palavra original no grego (*karphos*) pode ser traduzida por resíduos de cereais. A palavra

trave, no original (*dokos*) pode ser traduzida por viga, um grande tronco de madeira que é usado para sustentação de algo.

Assim, ao relacionar essas duas palavras com diferenças exageradas de proporção, Jesus chama a atenção para os critérios de julgamento utilizados: somos cruéis e minuciosos(as) para enxergar as pequenas fragilidades das pessoas ao nosso redor e incapazes de perceber os nossos erros, muitas vezes, exageradamente maiores e mais perversos do que aqueles e aquelas a quem acusamos e julgamos.

“Tira primeiro a trave do teu olho” (v.5): Na lógica do versículo 12, a cidadania do Reino de Deus, a prática da justiça, requer primeiro uma mudança pessoal. Por isso, é preciso primeiro tirar a trave do olho para depois ver o cisco no olho da outra pessoa.

Espera-se que nesse processo de arrependimento (só por meio do arrependimento que saímos de uma conduta pecaminosa), ao vivenciarmos o dolorido e necessário caminho da mudança de comportamentos tenhamos misericórdia ao olharmos para a vida das outras pessoas.

“Verás claramente para tirar a trave do olho do teu irmão” (v.5): Nosso processo pessoal de transformação vai sendo fortalecido quando entendemos que estamos aqui para ajudar as pessoas. Assim, nos regeneramos e nos solidarizamos com a outra pessoa, por saber o quão difícil é trilhar o caminho

da mudança de vida. É preciso se dispor a ajudar a outra pessoa por saber o quão maravilhoso e libertador é o perdão de Jesus Cristo e a nova vida que Ele oferece.



Palavra que ilumina a vida

“Tudo quanto pois quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas” (Mateus 7.12). Assim, a prática da justiça é relacional e a nossa medida no exercício dela passa pelo amor próprio, respeito ao próximo e pelo conhecimento das Escrituras. Por isso, o texto de Mateus 7.1-5 deixa claro que não devemos cair nas armadilhas do julgamento. Então, como agir?

- Não diga uma coisa e faça outra – não seja hipócrita!

- Julgue primeiro os seus atos (1Coríntios 11.28a) de forma correta e esteja disposto(a) a mudar, demonstrando integridade com as suas atitudes. Muitas vezes, as pessoas verificarão seu testemunho de vida. Muitas estão à procura de enxergar Jesus Cristo nas suas atitudes!

- Estenda às outras pessoas o mesmo tipo de compreensão, graça e perdão que o próprio Deus lhe deu. Demonstre misericórdia assim como Cristo tem para conosco. Você já imaginou se Deus julgasse seus atos assim como você julga as pessoas?

Exercer julgamento está associado com o juízo que frequentemente fazemos dos pensamentos e das motivações das pessoas. Temos a tendência de condenar quem pensa diferente de nós e justificar as ações até mesmo negativas de quem gostamos. Ambas reações condenam ações e justificam atos equivocados exercendo julgamento.

Opinar sobre as decisões alheias é correr um perigo, pois nem sempre sabemos quais os motivos levaram a outra pessoa a agir. Ao invés de julgarmos as pessoas de forma irresponsável e sem levar em conta as nossas falhas, culpas e dificuldades, Jesus nos chama a acolhê-las e amá-las com nossas palavras e atos, pois, seguramente, é assim que gostamos de ser tratados(as).

Conclusão

O pecado de um julgamento irresponsável traz muitos problemas para a vida de quem é alvo das críticas destrutivas, para quem é o autor(a) do julgamento, pois deixa de exercer a misericórdia; e também para a comunidade, que sofre golpes na sua comunhão e unidade. Precisamos lembrar que sempre estare-

mos diante de pessoas que pensam diferente de nós. Nossa busca deve ser pela unidade, porém ela exige persistência para vencer a torrente de preconceitos e julgamentos presentes no mundo. Ela exige vida de oração para que a Igreja, ao andar sob a direção do Espírito, mantenha-se íntegra em todo tempo, fiel aos valores do Reino de Deus, e seja um espaço saudável de acolhida e transformação para todas as pessoas.

Para conversar

As pessoas a nossa volta podem experimentar por meio da nossa vida e da nossa igreja o toque amoroso e misericordioso de alguém que sabe tirar a "trave de si mesmo" e auxiliar a retirada do cisco do irmão e irmã?

Leia durante a semana

Domingo: Mateus 7.1-5

Segunda-feira: Mateus 23.27-28

Terça-feira: 1Coríntios 11.28a

Quarta-feira: 1Samuel 16.7

Quinta-feira: Romanos 2.1

Sexta-feira: Salmo 15

Sábado: João 8.7

1 Pastor Batista e ativista político que, com uma campanha de não violência e de amor ao próximo, tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento na luta contra o racismo e em defesa dos direitos civis da população negra nos Estados Unidos e no mundo.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Objetivos

Tratar a questão dos julgamentos e a forma e critérios que muitas vezes usamos para ver e falar das pessoas; abordar os pré-conceitos que nos fazem pensar que algumas pessoas são melhores ou piores que outras; explicar o significado da palavra “hipócrita” percebendo sua relação com o tema da revista (integridade e ética).

Para início de conversa

Prepare alguns pacotes de presentes. Algumas embalagens grandes, outras pequenas, algumas bem embaladas, outras embrulhadas em jornal ou papel pardo, amassado, rasgado, algo muito simples. Nas embalagens menores ou mais “feinhas” coloque dentro uma porção de balas; nas melhores embalagens, coisas muito simples ou toscas, pedra, um pedaço de pau, casca de banana, etc. Disponha esses embrulhos sobre a mesa e selecione uma ou duas pessoas para escolherem um presente e pergunte o porquê da escolha. Observe se a opção foi pelo pacote mais bonito ou feio. Explique que geralmente opta-

mos por embalagens mais agradáveis ao nosso olhar. Olhamos a beleza externa sem nem mesmo saber o que há dentro do pacote.

Após essa explicação, peça que abram os embrulhos selecionados. Aguarde a reação. Abra também os demais embrulhos. Explique que a parábola a ser estudada nos mostra que não sabemos fazer julgamentos olhando apenas superficialmente. Distribua as balas entre a turma e conduza o estudo.

Por dentro do assunto

A literatura de Mateus reflete a luta de uma comunidade para reconstruir a sua fé diante de inúmeras situações de crise. O evangelho de Mateus foi escrito quando um grupo de judeus, que seguia os ensinamentos de Jesus, começou a distanciar-se de um grupo judaico majoritário, vendo-se forçado a delinear sua identidade e defender seus pontos de vista. Este era um processo natural e cada grupo procurava definir suas práticas, seus ensinamentos e, em especial, seu posicionamento acerca da mais importante instituição da religiosidade judaica: a Lei (GARCIA, 2008, pp. 91-97).

O texto base deste estudo faz parte do bloco literário do Sermão da Montanha, que compreende os capítulos 5 a 7 de Mateus. O Sermão da Montanha é definido como o “código de pertença à comunidade de fé” (GARCIA, 2001, p. 185) e sua estruturação (LIMA, 2010, p.95) pode ser assim descrita: Abertura – Jesus sobe o monte (5.1-2); Introdução – somos bem-aventurados (5.3-12); O Sal e Luz do mundo – minoria decisiva (5.13-16); Renovação da Lei (5.17-48); As boas recompensas são as de Deus (6.1-18); Não vos preocupeis (6.19-34); Não julgueis (7.1-5,6); As boas dádivas de Deus (7.7-11); Resumo da Lei (7.12); A porta estreita e os falsos profetas – minoria decisiva (7.13-23); Desfecho final – somos discípulos e discípulas firmes na fé (7.24-27); Encerramento – Jesus desce o monte (7.28-8.1).

O termo julgamento é formado pela junção de duas palavras: *judicare* e *mento*, e esta última abrange várias concepções, como por exemplo, o ato “de emitir um juízo, isto é, a faculdade de discernimento, de formular uma opinião, um parecer ou ainda uma apreciação, seja favorável ou não” (<https://conceito.de/julgamento>).

Julgamento é um termo jurídico que trata de “uma controvérsia jurídica entre partes que se apresentam a um tribunal para resolver um litígio. Durante o mesmo, as partes são ouvidas (audiência), o processo em si é analisado e apurado bem como todas as provas apresentadas e, no

fim, é proferida a decisão final (ou ‘sentença’), sempre dentro do cumprimento da lei e da regulamentação em vigor, e tendo em conta os direitos que assiste a ambas as partes...” (<https://conceito.de/julgamento>).

Como observado na dinâmica inicial e muito bem pontuado por Jesus nas Escrituras (Mateus 7), o ser humano erra na maioria das vezes em que emite um julgamento, a começar pelo fato de que nem sempre nos propomos a ouvir o outro lado da história ou temos todas as informações necessárias, e nossas sentenças geralmente se tornam injustas. Por esta razão vem a orientação do Mestre: observar a trave em nosso olho e lembrar que “com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós” (v.2).

É sabido que algumas vezes precisamos analisar e avaliar as ações de algumas pessoas, mas isso deve ser feito principalmente, como observamos, pelos seus frutos e não por simples conversas ou deduções. Isso é necessário quando o procedimento e ética de alguém não condizem com nossos valores ou de alguma forma nos são prejudiciais. Jesus também falou sobre isso quando afirmou ainda neste capítulo: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos

espinheiros, ou figos dos abrolhos?” (Mateus 7.15-16).

Esse processo de acautelar, de sermos cautelosos(as) e nos prevenirmos contra a ocorrência de um mal ou um inconveniente, passa pelo julgamento, pois é preciso analisar a situação. Porém, nossa postura quanto a isso não deve ser um julgamento desmedido. Essa análise não pode ser apenas uma crítica, um julgamento negativo, onde evidenciamos as falhas das pessoas e exaltamos nossas ações que julgamos perfeitas (LOPES, 2013), mas deve promover um cuidado, um crescimento e deve ser feita com temor e amor cristão.



Por fim

Encerre a aula propondo ao grupo a uma reflexão sobre o modo como temos tratado pessoas que pensam ou agem diferentes de nós. Isso nos convida a uma oração de confissão.

Bibliografia

Conceito de: julgamento. Disponível em: <https://conceito.de/julgamento>. Acesso em 08/12/2017.

CURY, Augusto. Armadilhas da Mente. São Paulo: Arqueiro, 2013.

DIB, Denise. Conhecer e Transformar: como a fé e a psicologia juntas transformam vidas. Campinas: Editora Kleros, 2017.

GARCIA, Paulo Roberto. Jesus e as tradições legais de Israel: conflitos de interpretação em torno das tradições legais no judaísmo do primeiro século. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 99, p. 91-97, 2008.

_____. O Sábado do Senhor teu Deus – O Evangelho de Mateus no Espectro dos Movimentos Judaicos do Século I. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

LOPES, João Carlos. O argueiro e a trave. Mateus 7.1-5. Disponível em: <https://goo.gl/p3ZpM6>. Acesso em 08/12/2017.

LIMA, Anderson de Oliveira. Acumulai Tesouros no Céu: estudo da linguagem econômica do evangelho de Mateus. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2010.

QUEIROZ, Edison. Libertação da Culpa: paz com Deus e com as pessoas. Santo André: EQO Publicações, 2015.

PAULA, Leandro Miranda. Seguimento de Jesus: a vocação de Levi e o desafio da comensalidade com publicanos e pecadores. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

Lição 06

O TESTEMUNHO DA VERDADE

Texto bíblico: 3João

É comum termos em nós a lembrança de pessoas que conhecemos, em tempos passados ou mais recentes, e que deixaram marcas significativas em nossa vida. Algumas destas marcas nos edificaram, contribuíram para o nosso crescimento e aperfeiçoamento, trouxeram grandes alegrias; outras, infelizmente, nos marcaram de forma negativa. Nós também marcamos a vida de outras pessoas, mas de que forma isso tem acontecido? Essa reflexão deve sempre ocupar o nosso coração. Na Palavra de Deus, encontramos orientações para que o nosso agir seja, cada vez mais, comprometido em deixar boas marcas na vida das pessoas que encontramos.





Fundamento bíblico

A terceira epístola de João teve como destinatário Gaio, um cristão reconhecido na comunidade de fé pelo seu bom testemunho e presteza no servir.

Na carta, que narra um conflito existente dentro da comunidade, o autor cita nomes de pessoas da liderança local, cujo modo de vida vinha se destacando também fora da igreja, tanto pelo bom testemunho quanto pelas atitudes incorretas. Vejamos:

Gaio (3João 1): Era alguém muito querido naquela comunidade. O presbítero, (termo que pode ser traduzido como ancião e, portanto refere-se a um líder) o tinha como um filho (v.4). Chamado na carta de “amado”, Gaio foi elogiado pela sua vida equilibrada. A maneira como servia a Deus e à comunidade transmitia uma espiritualidade saudável (v.2) e sua pregação condizia com seu modo de agir, o que tornava seu testemunho verdadeiro (v.3).

Gaio era um homem prudente e zeloso de seus atos; tudo o que ensinava à igreja como procedimento cristão, ele vivia. A mesma postura que tinha diante das pessoas conhecidas da comunidade, também tinha diante das estrangeiras (v.5), das que estavam se achegando à fé, o que comprovava ainda mais o seu caráter íntegro. Era um homem acolhedor, que não menosprezava ninguém; as pessoas davam testemunho do seu amor (v.6).

Diótrefes (v.9): Ao contrário de Gaio, este não tinha o coração na comunidade. Suas atitudes eram soberbas e autoritárias e causavam divisão na igreja. Ainda que fazendo parte da liderança, seu desejo era estar sempre em evidência, “ter a primazia” (v.9). Estava disposto a passar por cima da opinião das pessoas e usar a igreja para conquistar poder. Não era acolhedor, nem mesmo da sua liderança (v.9), chegando ao ponto de expulsar da igreja aquelas pessoas que Gaio acolhia e que não o agradavam (v.10), tudo para mostrar “quem tinha mais poder”. Suas palavras eram maliciosas (v.10) e ele não estava preocupado com a reação das pessoas, muito menos com a repercussão do seu mal testemunho entre elas.

A má conduta de Diótrefes incomodou profundamente o apóstolo João, que estava disposto a ir pessoalmente ao encontro dele, para tentar aconselhá-lo, a fim de sanar aquela situação. Diante deste mau testemunho, João aconselha Gaio a não imitar suas más ações (v.11).

Demétrio (v.12): Deste último pouco se fala, contudo o que se apresenta revela um homem íntegro, um cristão admirável por sua conduta. Tal como Gaio, Demétrio era alguém querido na comunidade de fé, cujo testemunho era notável.

Era um excelente irmão e todas as pessoas davam bom testemunho sobre ele. O presbítero também reconhece que ele é uma pessoa fiel e destaca que

até a própria verdade testemunha sobre ele. Demétrio era alguém que conhecia a verdade e seguia fielmente os ensinamentos de Jesus Cristo.

Esta carta não apresenta apenas o retrato de uma igreja, mas as relações das pessoas dentro dela. O presbítero se dispõe a conversar com Diótrefes quando chegar à comunidade (v.10). Ainda que tivesse autoridade, ele enxergava essa liderança de uma maneira bem diferente de Diótrefes: enquanto este queria ser melhor que todo mundo, o presbítero preferia chamar as pessoas de irmãs, irmãos, filhos(as). Isso fazia dele alguém que também marcava de forma muito positiva aquela comunidade.

Palavra que ilumina a vida

A vida em comunidade é feita de desafios. A palavra igreja vem da palavra grega *ekklēsia*, que significa “assembleia” e que, por sua vez, está ligada ao ajuntamento de pessoas. Com o nascimento da igreja primitiva, *ekklēsia* passou a significar também o ajuntamento de pessoas cristãs; sendo assim, podemos afirmar que Igreja não é só o templo, as quatro paredes como se costuma falar. A Igreja são as pessoas. Nesse sentido, a maneira como as pessoas se relacionam entre si e com Deus marcam, influenciam a identidade da Igreja.

Em se tratando de relacionamentos, sabemos que sempre existe algo que

ainda precisa ser transformado e para isso precisamos nos abrir para as mudanças que são necessárias. Deus começou uma boa obra em nós que ainda não está concluída, a cada dia deverá ser aperfeiçoada (Filipenses 1.6).

É certo que as más ações da comunidade são notadas. A Igreja é composta de pessoas que pensam diferente, que têm aspirações diferentes, e um dos mistérios é saber conviver com todas estas diferenças em harmonia, respeito e amor, orando para que a obra de Cristo seja completa na vida de todas as pessoas, a começar em nós.

Muito mais do que nos incomodarmos com o mau testemunho alheio, precisamos dar o nosso bom testemunho. Precisamos viver de forma coerente com aquilo que cremos e anunciamos. É preciso que tenhamos compromisso com a verdade, tal como Gaio e Demétrio, que mesmo diante da má conduta de Diótrefes, não se contaminaram, muito menos revidaram suas provocações. Como João aconselhou, não devemos imitar o mal, mas somente aquilo que é bom (3João 11). É preciso vencer os maus exemplos com a prática dos bons (Romanos 12).

Conclusão

Cada uma das pessoas citadas nesta carta foi observada pelo seu comportamento e deixou marcas profundas na comunidade de fé. As marcas deixadas contribuem para o nosso crescimento

ou não. Ora marcamos a vida de alguém; ora somos marcados e marcadas. Ser impactado, impactada por um bom testemunho, uma boa palavra, é algo maravilhoso, mas o contrário disso pode provocar grandes decepções e em alguns casos danos humanamente irreparáveis.

Assim como o nosso bom testemunho pode aproximar as pessoas de nós e de Deus, o mau testemunho pode gerar frustrações, levando algumas pessoas a desistirem da fé. Jesus Cristo é a melhor marca que podemos deixar nas pessoas e na Igreja! Quando temos a marca de Cristo (Gálatas 6.17) colaboramos para que a nossa comunidade seja amorosa e

hospitaleira, um espaço acolhedor para todas as pessoas.



Para conversar

Como marcar positivamente a vida das pessoas? O que podemos fazer para evitar marcas negativas?



Leia durante a semana

Domingo: 3João

Segunda-feira: Filipenses 1.1-11

Terça-feira: Romanos 12

Quarta-feira: Gálatas 6

Quinta-feira: 2Coríntios 13.5-13

Sexta-feira: Efésios 4.1-6

Sábado: Tiago 4.1-10

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Analisar a postura de cada um dos principais personagens da epístola: Gaio, Diótrefes e Demétrio; enfatizar os desafios presentes na vida em comunidade e a importância do bom testemunho cristão.



Para início de conversa

Inicie uma roda de conversa perguntando quem se converteu ao Evangelho ou teve uma reaproximação de Cristo a partir do testemunho de alguém. Peça que sejam breves no relato. Em seguida, pontue, também com o grupo, algumas consequências de um mau testemunho cristão. Prossiga com a aula.



Por dentro do assunto

A terceira epístola de João, por seu tamanho, pode ser considerada um bilhete. Seu nome não aparece como remetente; ele a assina como sendo “o Ancião”, imagem que remete a uma liderança importante dentro da Igreja. A epístola possui um caráter pessoal,

dirigida especificamente a Gaio (v.1), um líder local da comunidade. A principal finalidade dessa carta era promover encorajamento a Gaio diante dos desafios ministeriais, mas também alertá-lo quanto às atitudes ambiciosas de Diótrefes, que rejeitava a autoridade tanto de Gaio, como do Ancião e articulava para alcançar lugar de primazia na igreja (GASS, 2016, p.148).

A postura de Diótrefes era um perigo para a Igreja, mas João confiava que Gaio saberia, com a ajuda de Deus, contornar essa situação. Para ajudá-lo nesse processo, lhe envia Demétrio, provável portador da carta (Idem, p.148).

Importante observar a postura do próprio Ancião que em momento algum instrui Gaio ou a comunidade a rejeitar ou excluir Demétrio pela sua má conduta. A instrução quanto a isso é: “... não sigas o mal, mas o bem...” (v.11).

Buscar o bem e não o mal é sempre uma recomendação da Palavra de Deus. Parece algo óbvio, mas não o é, principalmente porque sabemos que a vida cristã é permeada de escolhas. Estamos constantemente diante de situações decisivas, seja na vida comunitária, como no contexto pessoal. Por vezes,

nos vemos diante de dois ou mais caminhos e muitos deles são caminhos de morte. A escolha pelo que fazer é sempre nossa. Algumas vezes nos esquecemos que, embora tudo nos seja lícito, nem tudo nos convém (1Coríntios 6.12). Buscar constantemente a direção de Deus para nossas escolhas nos torna prudentes. Para não cairmos no mesmo erro de Diótrefes, precisamos cada vez mais nos submeter à vontade e direção de Deus.

É certo que o mau testemunho dado tanto na igreja como fora dela, além de envergonhar o Evangelho, pode ser perigoso, principalmente para as pessoas novas na fé ou para aquelas que ainda não estão muito bem alicerçadas com Deus (Mateus 7.24-29; 1Pedro2.2). Contudo, manifestar amor e misericórdia para com as pessoas que erram, ainda é o melhor caminho.



Por fim

Encerre a aula orando e agradecendo a Deus pelas pessoas que de alguma maneira foram bênção na vida de cada aluno e aluna, pelo seu bom testemunho. Orem também buscando a graça para de igual forma, sermos boas testemunhas de Cristo, razão na nossa fé.

Bibliografia

BORTOLINE, José; Bazaglia, Paulo. Como ler as Cartas de João: quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Série “Como ler a Bíblia”. Editora Paulus: São Paulo. 3ª ed, 2007.

GASS. Ildo Bohn. As comunidades cristãs a partir da 2ª geração: uma introdução à Bíblia. Vol.8. CEBI/Paulus: São Leopoldo-RS; São Paulo-SP, 2ª ed, 2016.

KASCHEL,W., e ZIMER, R. Dicionário da Bíblia de Almeida. São Paulo: SBB, 1999.

Anotações

Lição 07

" L E M B R A I - V O S D O S E N C A R C E R A D O S "

Texto bíblico: Hebreus 13.3

No ranque da população carcerária mundial, o Brasil alcança a quarta posição. Os dados se referem às pessoas presas já condenadas, em torno de 360 mil, e as presas provisoriamente que somam 240 mil. Do total de condenadas, 27% respondem diretamente por tráfico de drogas. O estado do Amazonas está com quase o dobro dessa média nacional. Segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), mais da metade da população carcerária cumpre pena por tráfico de drogas. Os presídios estão superlotados e as pessoas encarceradas não são reabilitadas, ao contrário, são cada vez mais desumanizadas neste sistema.





Fundamento bíblico

A Carta aos Hebreus, ainda que conhecida como “carta”, não apresenta um início, meio e fim, como as epístolas paulinas, por exemplo. Na verdade, ao examinar os textos com mais cuidado, nos deparamos com a introdução de um sermão (Hebreus 1.1-4). Isso nos dá a entender que se trata de uma fala expositiva. Além de não aparecer nos textos a indicação de quem é o autor que a escreve, sempre se evidencia a linguagem oral (2.5; 5.11; 6.9; 8.1; 9.5; 11.32).

A exceção está somente no capítulo 13, onde temos o verbo “escrever” na primeira pessoa do singular: escrevi (vv. 22); também temos uma conclusão (vv.20-21) com uma frase solene. Considera-se, portanto, que estamos diante de um sermão que tinha a finalidade de ser falado (1.1-13,21), ao invés de escrito. Trata-se, então, mais de um tratado, um discurso, do que de uma carta propriamente dita.

Na época em que os relatos narrados no Novo Testamento estavam acontecendo, os cristãos e cristãs estavam sofrendo duras perseguições por causa da sua fé. Por esta fé, muitos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo foram presos e maltratados. Era pensando em muitos desses irmãos e irmãs que o autor de Hebreus exortava para que estes não fossem esquecidos pela comunidade.

Independente da data, autoria, destinatário e local em que foi escrita a Carta aos Hebreus, o texto apresentado é mui-

to atual para nossos tempos. A exortação apresentada em Hebreus 13, era para os cristãos e cristãs daquele tempo e é para nós hoje, uma oportunidade de demonstrarmos amor, compaixão e solidariedade, sentimentos e atitudes tão perceptíveis no ministério de Cristo e em sua pessoa (SCHANOSKI,2013).



Palavra que ilumina a vida

Quando se trata do tema prisão, cadeia, cárcere, algemas, não nos faltam referências bíblicas para sustentar nossas opiniões. Talvez a mais conhecida seja a citada por Jesus em Mateus 25: “Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me” (Mateus 25.35-36).

Jesus foi enfático. “...estive na prisão, e foste ver-me”. Ele sempre defendeu as pessoas fracas e oprimidas, sempre foi a favor da libertação das cativas, mas sua recomendação final era: “Vai e não peques mais” (João 8.11).

Prisão, muito mais do que um lugar de reclusão, na maioria das vezes é lugar de solidão, de medo e opressão. Um lugar sombrio e de isolamento.

Só para se ter uma ideia sobre o isolamento carcerário, o Departamento Penitenciário (Depen) é responsável pelo Sistema Penitenciário Federal, e

uma de suas principais finalidades é isolar as lideranças do crime organizado, cumprir rigorosamente a Lei de Execução Penal e custódia que envolve as pessoas presas e condenadas, além das detidas provisoriamente, que estão sob disciplina diferenciada. Entre as pessoas que ficam isoladas estão os presos e presas que respondem pela prática de crimes violentos, fuga ou grave indisciplina no sistema prisional de origem; pessoas consideradas de alta periculosidade e que possam comprometer a ordem e segurança pública; réus que colaboram com a justiça nas chamadas delações premiadas.

Mas a vida prisional também é feita de injustiças, e há, infelizmente, casos de pessoas que são presas ilegalmente e cumprem pena por crimes de outras, até que a verdade venha à tona (ou não).

Diante de tal gravidade da situação prisional, à luz do Evangelho e dos ensinamentos de Jesus, cremos que ainda é possível uma pessoa que se envolveu com o crime ter uma vida restaurada. Largar a criminalidade não é fácil, principalmente quando se trata de tráfico de drogas, pois é preciso acertar as contas, os débitos com as pessoas traficantes, além de outro agravante que são as declarações de antecedentes criminais normalmente pedidas pelas empresas antes de contratar alguém para funções empregatícias. Com a mínima chance de reingresso na sociedade, a pessoa, na maioria das vezes, acaba voltando para a criminalidade.

O quanto temos nos lembrado das pessoas presas, no sentido de olhar para elas a partir da graça salvadora e justificadora do Senhor Jesus? Temos pelo menos orado pelas pessoas encarceradas ou agimos como boa parcela da sociedade que faz um pré-julgamento das pessoas que estão na prisão? Há de se pensar, pois o texto bíblico recomenda, “Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles”.



Conclusão

Exercer o ministério carcerário exige dedicação, vocação, dons e quebra de paradigmas. Se você sente que essa é a sua vocação, coloque-se diante de Deus e certamente Ele vai te usar nesse ministério.



Para conversar

Você se lembra da última vez que orou pelas pessoas que estão na prisão? Já chegou a visitar alguma delas? Compartilhe sua experiência com o grupo.



Leia durante a semana:

Domingo: Hebreus 13.3

Segunda-feira: Mateus 25.35-36

Terça-feira: João 8.11; 32; 36

Quarta-feira: Isaías 42.6-7

Quinta-feira: Salmo 34-17

Sexta-feira: 1João 1.9

Sábado: João 3.16-17



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Objetivo

Analisar a situação das pessoas encarceradas e despertar para a necessidade de, como cristãos e cristãs, amá-las, oferecer-lhes assistência e anunciar o Evangelho, crendo que elas também são alvo do amor de Deus e passíveis de mudança pelo poder do Espírito Santo.

Para início de conversa

Pergunte quem conhece alguém que esteja em situação de cárcere. Após ouvir o grupo, pergunte se este é um assunto que deve ser discutido na igreja e por quê? Enfatize que a preocupação com as pessoas encarceradas é uma orientação bíblica. Prossiga com a aula.

Por dentro do assunto

Conforme citado na revista do(a) aluno(a), a chamada carta aos Hebreus é mais um tratado, um discurso, do que de uma carta propriamente dita. Embora não haja também muita clareza sobre os destinatários, pode-se dizer que o sermão em si teve como destino

o povo judeu cristão, pois o texto indica que os(as) ouvintes ou leitores(as) são conhecedores(as) da liturgia e do culto judaico.

O texto de Hebreus estudado nesta lição é muito atual. Os oito primeiros versículos do capítulo 13 de Hebreus, segundo VASCONCELLOS (2008), trazem conselhos práticos para a vida cotidiana. Não é, segundo autor, “nada de autoajuda, cada um voltado para si mesmo. Mas indicações de como a solidariedade pode ser reforçada, e como a comunidade pode se fortalecer mesmo em tempo de hostilidade e perseguição” (p.95).

Quanto ao versículo 3: “Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles” (13.3), o autor afirma ser uma “recomendação muito apropriada à situação vivida pela comunidade: cuidar dos presos e das pessoas que foram torturadas. Certamente, Hebreus está se referindo a gente condenada por causa de sua fé que rompeu com o sistema social e político e, por isso, foi marginalizada. O pedido é que as pessoas que ainda não foram punidas não tenham solidarizar-se com as demais: “você devem agir como se estivessem presas na prisão

com eles". No entanto, pensando que as pessoas presas em geral (mesmo aquelas que estão respondendo por crimes que cometeram) são alvo do amor de Deus manifesto em Jesus e passíveis de transformação e conversão pelo poder de Deus, podemos aplicar esse versículo como conselho em relação a elas.

Enfatize esta visão com a classe, lembrando que Jesus veio para libertar os cativos e anunciar a salvação do Senhor (Lucas 4.18-20).

Sobre o sistema carcerário brasileiro: "Três episódios que aconteceram em 2017 denotam a crise nos presídios brasileiros. No dia 1º de janeiro, pelo menos 60 presos que cumpriam (prisão) em Manaus (AM) foram mortos durante a rebelião que durou 17 horas. Na mesma semana, houve um tumulto em uma penitenciária em Roraima, onde 33 presos foram mortos. No dia 14, Rio Grande do Norte, pelo menos 26 presos foram mortos em rebelião na Penitenciária Estadual de Alcaçuz. Após o ocorrido, cerca de 220 presos foram transferidos para outras penitenciárias. Estados como Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná também enfrentaram esse tipo de problema. No dia 24 de janeiro, mais de 200 detentos fugiram do Instituto Penal Agrícola em Bauru (SP)" (EBC – Empresa Brasil de Comunicação).

Autoridades da área, advogados(as) e alguns setores da sociedade debatem

a situação do sistema prisional brasileiro, que é frágil e precário, com a preocupação de trazer segurança dentro e fora dos presídios, mas poucas soluções efetivas são alcançadas.

Como Igreja, precisamos tomar nossa posição de autoridade espiritual e interceder por uma ação de Deus na vida das pessoas que estão presas, trazendo transformação e mudança de vida, a verdadeira libertação que há no conhecimento da verdade (João 8.32) e na pessoa de Jesus Cristo.

Na Pastoral Carcerária, publicada pelo Colégio Episcopal, dentre outros assuntos, há dicas que como exercer esse ministério, sobre as leis penais, Habeas Corpus, direito dos presos, prisão domiciliar e dos regimes prisionais e da progressão.

É importante saber o posicionamento da Igreja Metodista e conhecer o que a Igreja tem feito para contribuir com esse ministério. Para isso, as edições de junho de 2012 e as edições de janeiro e outubro de 2017 do jornal Expositor Cristão nos ajudam a conhecer melhor o trabalho de metodistas espalhados pelo Brasil a fora.



Por fim

Encerre a aula com um momento de oração pelas pessoas encarceradas, pedindo que sejam alcançadas pelo amor e pela graça de Deus. Você pode levantar nomes de pessoas nesta situação e suas

famílias e propor à classe uma semana de oração por elas. Incentive também a turma a conhecer mais sobre o assunto e quais as iniciativas e projetos da Igreja nesta direção.

Atenção: para a próxima semana você precisará de fotos antigas e novas para a dinâmica da aula. Você pode providenciar com pessoas da Igreja ou pedir para a turma trazer. Organize-se com antecedência.



Para saber mais

IGREJA METODISTA, COLÉGIO EPISCOPAL. Estive Preso e fostes ver-me. Disponível em: <https://goo.gl/U3GpJo>. Acesso em 16/11/2017.

Bibliografia

VASCONCELLOS, Pedro Lima. A carta aos Hebreus: um sacerdote fiel para um povo a caminho. São Paulo: Paulus, 2ª ed. 1991.

DEPEN. Sistema Penitenciário federal: Disponível em: <https://goo.gl/hB2MY9>. Acesso em 16/11/2017.

CONNECTAS - Direitos Humanos: Disponível em: <http://www.conectas.org>. Acesso em 16/11/2017.

IGREJA METODISTA. Jornal Conexão. São Paulo, junho de 2012. Disponível em: <https://goo.gl/MGkKXH>. Acesso em 16/11/2017.

EBC – Agência Brasil de notícias. Disponível em: <https://goo.gl/HBEXX6>. Acesso em 16/11/2017.

Anotações

Lição 08

CONVERTEI-VOS DIA A DIA

Texto bíblico: Atos 9.10-19

A palavra conversão traduz-se no grego por metanoia (*μετάνοια*), seu significado se aproxima de mudança de mente, de mentalidade. Quem já vivenciou a experiência de conversão, sabe que é isso mesmo que acontece: nossa mente se transforma e nossas reflexões se dão a partir de outro referencial: Jesus Cristo. Foi isso que aconteceu com Paulo, antes chamado Saulo; ele passou por uma mudança radical de mentalidade que o transformou de perseguidor em perseguido. Nesta lição veremos que essa experiência de conversão de uma direção à outra precisa ser constante em nossa vida.

JESUS





Fundamento bíblico

O livro de Atos narra, com riquíssimos detalhes, a caminhada de fé e serviço dos apóstolos e o nascimento da Igreja primitiva, que acontece em meio a um grande mover do Espírito Santo (Atos 1.8; 2.1-4) que promove o avivamento espiritual dos discípulos e discípulas de Jesus, que diariamente se reuniam em oração buscando conhecer e cumprir os desígnios de Deus (1.14; 2.42 e 46).

É a partir de Jerusalém que o Evangelho começa a ser anunciado a fim de alcançar também a Judéia, Samaria e os confins da terra (1.8). A pregação da Palavra que liberta (João 8.32) logo começa a produzir resultados salvíficos: muitas pessoas se convertem ao Senhor Jesus (Atos 2.41; 4.4) e milagres continuam a acontecer (3.1-7). Entretanto, logo surgem também os inimigos da fé (4.1-3), dentre eles, Saulo de Tarso, um judeu praticante (Gálatas 1.14), com cidadania romana (Atos 16.37; 22.25), que respirava “ameaças e morte” contra os cristãos e cristãs (9.1). Chegou a aceitar o linchamento de Estevão (8.1a) e quando se propôs a dar continuidade ao seu plano de aterrorizar o povo cristão, teve sua vida transformada ao ser alcançado pela maravilhosa graça de Deus. Jesus o encontrou na estrada para Damasco; uma luz do céu brilhou em seu caminho deixando-o cego (9.1-9). Nesse momento, Cristo se coloca ao lado da Igreja perseguida. Ainda que Paulo fizesse seu

trabalho em nome de Deus, o Senhor lhe mostrou de que lado estava (v.5).

Agora, sem visão, precisava ter sua vida reorientada. É neste contexto que o discípulo Ananias entra em cena. É convocado por Deus para ir ao encontro de Saulo e apresentar-lhe a fé em Jesus (9.10-19).

Ao saber da incômoda tarefa de ir à casa de Judas para ajudar um perseguidor, Ananias quis se opor, pois teve medo diante das muitas coisas assustadoras que ouviu (v.13).

Embora a conversão de Saulo seja um dos acontecimentos principais narrados neste capítulo, percebemos que o próprio Ananias, discípulo fiel e obediente, diante do convite feito a ele pelo Mestre e da opinião que ele tinha a respeito de Saulo, também precisou se converter. Ananias já tinha ouvido muitas pessoas falarem das atrocidades que Saulo apoiava e fazia contra cristãos e cristãs (v.13) e não somente acreditou no que ouviu, como também acreditou que Saulo jamais deixaria de ser aquela pessoa cruel.

Não era somente Saulo que estava sem enxergar. Ananias também tinha, naquele momento, dificuldades de enxergar o que Deus poderia fazer na vida das pessoas, independentemente de quem fossem. Deus tem critérios de escolha bem diferentes dos nossos (1Samuel 16.1-13).

A partir do princípio de que a conversão gera mudança de mente, Ananias

proseguiu com essa mudança, precisou ter coragem de abandonar a sua opinião e a opinião de outras pessoas (v.13) para ouvir a ordem de Deus (v.15). De fato, acolher quem persegue não é fácil, pode ser bem perigoso. Saulo era um cruel perseguidor. Diante do chamado de Deus, Ananias abre mão dos seus conceitos, ainda que com medo, cumpre o chamado e passa a enxergar coisas que não via antes. É o gesto abençoado de Ananias que Deus usa para restaurar a visão do mais novo discípulo do Senhor.

Ao se dirigir a Saulo, o discípulo o chama de irmão, abrindo assim a porta da comunidade, onde todas as pessoas são irmãs. Em seguida se apresentou como instrumento do Senhor para ajudá-lo e passou a falar-lhe sobre Jesus, “o que te apareceu no caminho” (v.17); mostrou-lhe a vontade de Deus: que ele voltasse a enxergar e ficasse cheio do Espírito Santo.



Palavra que ilumina a vida

Esse belo relato da conversão de Paulo e Ananias aponta algumas pistas para nossa vida cristã. Um termômetro para medir a nossa conversão é a mudança de mentalidade. Quem se assume discípula ou discípulo de Jesus, está o tempo todo em processo de transformação. O contato com o Senhor por meio da sua Palavra e da vida devocional nos ajuda a perceber nossas falhas

e mudar a nossa forma de ver e viver a vida.

Na conversão, confessamos que Jesus Cristo é o Senhor. Isso significa que Ele passará a direcionar a nossa vida, sonhos, projetos e atitudes (Gálatas 2.20). Nesse processo algumas reviravoltas poderão surgir, pois sempre haverá pessoas contrárias à nossa fé. Paulo também não sabia muito bem o que tinha acontecido depois daquela experiência sobrenatural. Enquanto não conseguia enxergar saídas, ficou em oração. A oração é parte da nossa vida e, por meio dela, Deus opera em nós e nas situações que vivenciamos. Não importa se não sabemos orar como alguém que está há muito tempo na caminhada cristã, o importante é orarmos com sinceridade (Mateus 6.5-8). Não sabemos sobre o que Paulo orava, o que sabemos é que Deus continuou o projeto de restauração na vida dele e isso aconteceu por intermédio de outra pessoa.

A maioria das pessoas que se converte tem na sua história a presença de alguém que lhe falou sobre Jesus. Isso é maravilhoso! Ao nos convertermos, também nos tornamos instrumentos de bênção na vida de outras pessoas. Por meio do nosso testemunho, Jesus Cristo é apresentado a quem necessita. Assim, como fez Ananias, precisamos nos dispor. Muitas vezes não entendemos e até mesmo não queremos fazer o que o Senhor ordena, ficamos com medo, mas se Deus nos manda é porque nos capacitará para a missão. Obedeça!



Conclusão

Por meio da vida de Ananias, Paulo voltou a enxergar. Por meio da vida de Paulo, Ananias alargou a sua visão. Ambos se converteram, mudaram a sua mentalidade. De igual modo, através dos nossos relacionamentos, vamos abençoando e recebendo bênçãos também. Quem já aceitou a Jesus Cristo precisa ter coragem e disponibilidade para amar as pessoas que Deus traz até nós, sem preconceito, resistências ou exigências. Não sabemos os planos de Deus para essa pessoa. Nosso coração deve se abrir para ensinar e pastorear (Atos 9.19). Viver em comunidade nos ajuda a conhecer mais a Jesus Cristo e a nós mesmos.



Para conversar

No que as experiências de Ananias e Paulo inspiram e colaboram com a nossa vida espiritual?



Leia durante a semana

Domingo: Atos 9.1-19

Segunda-feira: Atos 9.20-30

Terça-feira: Atos 13.16-41

Quarta-feira: Atos 14.19-28

Quinta-feira: Atos 16.11-40

Sexta-feira: Atos 17.16-34

Sábado: Atos 26

Anotações

Área reservada para anotações, com fundo rosa claro.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Refletir sobre as conversões de Paulo e Ananias, percebendo que este último, mesmo sendo cristão, necessitou mudar seu olhar em relação a Paulo. Dentro ou fora da Igreja, todas as pessoas precisam converter olhares, pensamentos e atitudes por amor a Deus e em favor do próximo.



Para início de conversa

Selecione fotos para mostrar o “antes e depois” de várias pessoas. Podem ser fotos de artistas, membros da igreja local ou outras pessoas conhecidas. O ideal é enfatizar fotos que demonstrem grandes mudanças. Converse com a turma a respeito dessas mudanças. Pontue que muitas são apenas físicas. Conduza a conversa de forma que cada um(a) compartilhe sobre suas mudanças, especialmente as que ocorreram depois de seu encontro com Jesus. Quando nos convertemos nossa mudança é nítida. A conversão de Paulo é um exemplo. Quando estamos convertidos(as), seguimos sendo desafiados(as) a nos transformarmos cotidianamente, como aconteceu com Ananias.



Por dentro do assunto

Sobre Paulo

É por meio do livro de Atos que conhecemos Saulo, um homem que teve sua vida radicalmente transformada por Jesus. Os nomes Saulo e Paulo são o mesmo, a diferença é que o primeiro é hebraico e o segundo romano (13.9). Nasceu na cidade de Tarso, da Cilícia, entre os anos 5 a 10 da Era Cristã. Filho de judeus, cresceu na mais perfeita tradição judaica (Filipenses 3.3-6). Sua profissão era artesão, fabricante de tendas (Atos 18.3); seu estado civil é incerto. Quando jovem, estudou na escola de Gamaliel e, posteriormente, tornou-se fariseu, rigoroso no cumprimento de toda Lei (Atos 22.3).

As referências sobre a criação de Paulo são: Romanos 11.1, Filipenses 3.4-5, e 2Coríntios 11.22. Para ele, seu crescimento foi normal, como qualquer outro menino judeu, sem nenhuma estranheza. (1Coríntios 13.11). Nas referências bíblicas acima, Paulo se caracteriza como um legítimo judeu: hebreu, israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim, circuncidado ao oitavo dia de nascido; essas características lhe davam lugar entre o povo eleito.

Os primeiros contatos de Paulo com o cristianismo foram desagradáveis, visto que ele era um perseguidor da Igreja Cristã por causa da Lei (Gálatas 1.13; Atos 7.58). Sua transformação ocorreu quando percebeu que julgava erroneamente Jesus - de modo humano (2Coríntios 5.16). Paulo teve sua experiência sobrenatural quando ia para Damasco.

Sobre Ananias

Nas palavras de Paulo, Ananias era um homem piedoso e conhecido por seu bom testemunho (Atos 22.12). Como servo do Senhor, obedeceu a instrução de Jesus mesmo questionando o fato de ter que se encontrar com um homem autorizado a prender pessoas cristãs (9.13-14). Ananias teve que superar suas resistências e preocupações em relação a Saulo. Ao ouvir e obedecer à voz do Senhor, abriu seu coração e seus braços para acolher agora o "irmão Saulo", até então inimigo, mas a partir daquele momento, membro da família da fé. Sua atitude demonstra que a vida cristã é um caminho de constante mudança, pois mesmo ele já sendo discípulo de Jesus, precisou avaliar e mudar sua postura em relação a um novo irmão. Como Jesus nos acolhe, devemos acolher as pessoas que chegam a sua presença.

Como conhecedor da fé cristã, Ananias sabia que a imposição de mãos era uma ação importante. Em Atos, é mencionada nas seguintes circunstân-

cias: ao conferir autoridade para um cargo (6.6), para comunicar o dom do Espírito Santo (8.17-18; 19.6), para o envio a uma missão (13.2-3), e para a cura de enfermos (28.8). Quando ele entrou na casa de Judas e se deparou com Saulo orando, lhe impôs as mãos para que recuperasse a vista e ficasse cheio do Espírito Santo.

Deus sabia que Paulo precisava de ajuda, por isso preparou Ananias para pastoreá-lo (vv.10-11). Numa vida convertida ao Senhor, precisamos de pessoas que nos ajudem a seguir na direção certa. Ananias também teve que converter seu olhar para acolher aquele novo convertido.



Por Fim

Da mesma maneira que há diferença quando há comparação entre o "antes e o depois" de uma pessoa, nossa conversão e as mudanças originadas nela devem ser perceptíveis! Assim como vemos diferenças entre o antigo Saulo e o novo Paulo, nós também temos que zelar para que nosso testemunho de vida seja sempre novo. E ao exemplo do discípulo Ananias, precisamos entender a importância de andarmos em constante transformação e santificação.

Bibliografia

MESTERS, Carlos. Paulo apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho. Paulus: São Paulo, 1991, 144p.

A conversão do Apóstolo Paulo. Disponível em <http://goo.gl/KTqR1F>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

O Apóstolo Paulo. Disponível em <http://www.vivos.com.br/430.htm>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

Anotações

Lição 09

CONSTRUINDO UM LUGAR HABITÁVEL

Texto bíblico: 2Reis 6.1-7

Ser uma pessoa cristã é ser chamada para viver para Deus em comunidade. Não é possível desenvolver uma espiritualidade saudável vivendo isoladamente. Somos chamados e chamadas a viver em unidade, comunhão e relacionamento. Ainda que muitas vezes identifiquemos problemas na convivência em comunidade, pertencer à família da fé é uma grande bênção. O texto de 2Reis 6.1-7 nos ajuda a compreender que é possível vivermos comunitariamente em harmonia, e que este lugar não nasce pronto; ao contrário, ele é construído e cada um(a) de nós tem participação nessa construção.





Fundamento bíblico

A perícope em destaque narra um dos milagres realizado pelo profeta Eliseu, que foi fazer flutuar o ferro de um machado que, acidentalmente, alguém havia deixado cair dentro do rio (2Reis 6.5-7).

Diferentemente do profeta Elias, o seu antecessor, que exerceu um ministério solitário e sem vínculo com qualquer santuário, Eliseu sempre esteve rodeado por pessoas muito próximas a ele, como os jovens “discípulos dos profetas” (2Reis 6.1; 2.3).

Estes discípulos de profetas, também chamados de filhos dos profetas, viviam comunitariamente, dedicando sua vida a Deus, como se lê em 2Reis 6.1, e trabalhavam pelo bem estar de todos. Tinham um estilo de vida organizado e estavam sempre sob a direção de um líder. Essas habitações que frequentavam eram conhecidas como “guildas proféticas, estabelecidas em localidades consideradas sagradas como Gilgal e Betel”, que eram territórios de peregrinação, adoração e sacrifício (Amós 4.4) (LACERDA, 2012).

O texto descreve a atitude destes discípulos diante de um problema comunitário: “Eis que o lugar em que habitamos contigo é estreito demais para nós” (2Reis 6.1). A casa dos profetas havia se tornado pequena em relação à quantidade de pessoas que frequentavam o lugar. Diante das dificuldades enfrentadas não houve críticas, nem

murmurações, mas propostas de melhoria: trabalhar juntos e edificar um novo espaço (v.2). Foi nesse processo que um dos voluntários perdeu o seu objeto de trabalho (vv.4-5).

A perda do machado poderia trazer muitos transtornos para aquelas pessoas. Não somente o jovem teria que se explicar a quem lhe emprestou o machado, como aquele trabalho ficaria prejudicado. Talvez existissem outros machados com os demais trabalhadores, mas diante daquela perda, haveria uma pessoa a menos para o trabalho que provavelmente, frustrada, se acomodaria.

Diante do fato, os demais companheiros provavelmente pararam o que estavam fazendo para observar o ocorrido, quem sabe ajudar nas buscas. Assim, a ação de Eliseu contribuiu para que aquela obra não fosse paralisada e aquelas ações puderam trazer melhorias para todos.



Palavra que ilumina a vida

Tal como no texto bíblico, precisamos perceber que compete a cada um e cada uma de nós trabalhar pelo bem comum da nossa igreja e do Reino de Deus. Por vezes, surgem problemas que não merecem apenas ser alvo de críticas, mas da nossa oração e da disposição de trabalhar em conjunto, a fim de buscar meios de superação e novos propósitos que cooperem para o bem de toda comunidade.

Deus nos concede ferramentas para a obra (1Coríntios 12.4-11; 12.28.30), mas algumas vezes, alguém perde o “machado”. Criticar, buscar de quem é a culpa, apontar erros, só paralisa a obra e desanima as pessoas trabalhadoras. Precisamos nos lembrar que devemos ser comunidade e viver em comum-idade, a fim de edificarmos um lugar habitável.

Diante da proposta e do convite feito a Eliseu (v.3) este também se propôs a estar junto. Permaneceram juntos no trabalho, juntos na dificuldade da perda, e juntos na alegria do recomeço.

Vejam algumas ações que podem nos ajudar a edificar e fortalecer a vida em comunidade:

Caminhar num mesmo propósito: Saber onde queremos chegar, como aconteceu com os jovens discípulos de Eliseu, é fundamental. Eles queriam crescer, queriam expandir seu ministério e por isso planejaram juntos as mudanças necessárias. Como comunidade de fé precisamos andar em uma mesma direção. O apóstolo Paulo se referiu à Igreja como o corpo de Cristo e salientou a necessidade da unidade deste corpo (1Coríntios 12.12-14). Sonhar em conjunto, ter a visão do que queremos, orar por isso e nos dispor para o trabalho missionário – certamente esta é a vontade de Deus para sua Igreja.

Sentir a dor das pessoas que sofrem: é muito fácil criticar quem perde suas ferramentas de trabalho e desanima,

parando no meio do caminho. Nosso desafio cristão é mostrar solidariedade para com as pessoas enfraquecidas e fragilizadas nas suas dores (1Coríntios 12.26). No estender da mão, alguém pode se animar e se levantar novamente.

Valorizar o trabalho de todas as pessoas: todos se envolveram na obra, inclusive o líder Eliseu. Com certeza, em muitos aspectos, existem pessoas mais e menos capacitadas ou qualificadas do que nós em nossa comunidade mas todas as pessoas são úteis e têm algo extremamente bom para compartilhar (1Coríntios 12.21-25). Saber valorizar, ouvir, acolher, ensinar, aprender, também são ferramentas importantes no trabalho.

Promover o relacionamento: uma Igreja que quer crescer e que valoriza seus irmãos e irmãs não se ausenta, não se omite, não esconde suas ferramentas, não despreza o dom que recebeu para servir. No texto bíblico o relacionamento foi promovido através do projeto, do convite, e foi abraçado por todo o grupo. Promovemos o relacionamento quando criamos projetos e também quando os abraçamos.



Conclusão

Viver bem comunitariamente é possível, mas é uma construção de todas as pessoas. As ferramentas Deus já nos concedeu e certamente tem muitas outras para nos ofertar. Que possamos

também nos ofertar a Ele para a sua obra e nos ajudarmos mutuamente.



Para conversar

Como podemos fortalecer nossa comunidade de fé e incentivar as pessoas que estão desanimadas, quem sabe afastadas da convivência comum?



Leia durante a semana:

Domingo: 2Reis 6.1-7

Segunda-feira: 1Coríntios 12.12-31

Terça-feira: 1Coríntios 12.1-11

Quarta-feira: 1Coríntios 14.12

Quinta-feira: Efésios 4.7-16

Sexta-feira: 1Timóteo 4.14

Sábado: Efésios 1.15-23

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Objetivo

Refletir sobre como as boas relações interpessoais estabelecidas na Igreja colaboram com o desenvolvimento saudável do seu projeto missionário.

Para início de conversa

Dinâmica: colocar a caneta na garrafa. Material: 1 caneta, 1 rolo de barbante e 1 garrafa pet ou recipiente similar. Corte fios de 3m (um para cada participante). O grupo fica em círculo e cada pessoa deverá segurar uma ponta do barbante de forma que os barbantes pareçam um aro de bicicleta.



Busque o meio desse aro e prenda todos os fios com um outro fio de 30 cm. Coloque na ponta desse fio uma caneta

amarrada. O grupo deve se movimentar coletivamente para colocar a caneta na garrafa. Para aumentar o grau de dificuldades você pode aumentar o tamanho do barbante e escolher recipientes de abertura menor. Para facilitar o entendimento assista ao vídeo: <https://goo.gl/AGpE8m>.

Depois da dinâmica reflita rapidamente sobre a experiência e peça que o grupo relacione com o trabalho missionário desenvolvido pela igreja.

Por dentro do assunto

Eliseu foi um profeta de Israel que atuou durante os reinados de Acabe, Acazias, Jeroão, Jeú, Jeoacaz e Joás, o que corresponde a um período de mais de 50 anos (O novo dicionário da Bíblia, 3ªed. 2006, pp.408-409). Seu compromisso com a obra que Deus lhe permitiu experimentar um ministério frutífero. O relato em 2Reis 6.1-8 mostra um dos seus feitos miraculosos, e o pano de fundo desta história tem a ver com o crescimento da comunidade que estava sob a sua direção.

Eliseu, cujo nome significa “Deus é a salvação” começou seu ministério como aprendiz/servo de Elias e depois passou

a liderar. No texto do aluno apontamos a questão da liderança como algo destinado a uma missão específica. Não podemos ter a liderança como titulação para benefício próprio ou cargo vitalício. Ela sempre acontece diante de um contexto e com uma finalidade. Assim, quem um dia está na liderança, em outro momento ou situação vivenciará a experiência de ser liderado(a) por alguém.

A pastora metodista Nancy Cardoso (2014), pesquisadora do Antigo Testamento, afirma que o texto de 2Reis 6.1-8 é “uma história de urgência, sustos e pedidos”. A urgência se manifesta na necessidade de construir um outro espaço para a comunidade e na fala de Eliseu: “ide”, que pode ser entendida como “podem ir imediatamente”. O susto é evidenciado diante da perda do machado. Os pedidos são expressos em três situações: para construir um novo lugar, para que Eliseu esteja junto na busca por madeira, para que Eliseu ajude a recuperar o machado.

Urgências, sustos e pedidos estão na nossa relação comunitária, no compromisso missionário e na nossa vida espiritual. Interessante perceber que diante desses três aspectos, há a participação de Eliseu, que representa aqui a presença de Deus.

A urgência surge da necessidade de resolver os problemas. Para isso é preciso buscar orientação em Deus. Ficar prorrogando algo que precisa ser resol-

vido traz consequências ruins. Não se trata de agir sem pensar, sem ponderar. Trata-se de não procrastinar, isto é, adiar ações e decisões que precisam ser tomadas.

Os sustos também são presentes na nossa caminhada. A vida se encarrega de nos surpreender positiva e negativamente. Existem sustos na nossa vida pessoal e comunitária. Ainda que eles nos abalem, Deus nos ajudará a superá-los. Nesse sentido, o texto aponta para a solidariedade como parte do processo de resolução. Somos quem ajuda e quem, em algum momento da vida, receberá ajuda. Sobre a solidariedade que pode ser evidenciada no texto, a pastora Nancy reflete:

“Na delimitação do grupo que Eliseu acompanha, o drama da ferramenta emprestada é sinal de identificação básico. Também no texto da mulher e o azeite (2Reis 4.1-7) as relações de empréstimo são fundamentais para a superação da crise vivenciada. Tomar emprestado aqui tanto ajuda a qualificar a situação da precariedade do grupo social das narrativas de milagres como aponta para um dos movimentos vitais de desenvolvimento de alternativas e resistências. Estas trocas são materiais e simbólicas. Podem denotar dependência ou solidariedade. Ou as duas coisas ao mesmo tempo”.

Por fim

O comportamento dos personagens do texto se tornam parâmetros para o nosso comportamento em relação à missão e às pessoas da nossa igreja. Explore com o grupo quais são os desafios que cada um deles traz e com qual deles as pessoas se identificam.

Bibliografia

AZEVEDO, Israel Belo de. 2Reis 6.1-7: Quando tudo dá errado. Disponível em: <https://goo.gl/3NZJaX>. Acesso em 10/10/2017.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Profecia cotidiana e a religião sem nome: religiosidade popular na Bíblia. São Paulo, Fonte Editorial, 2014.

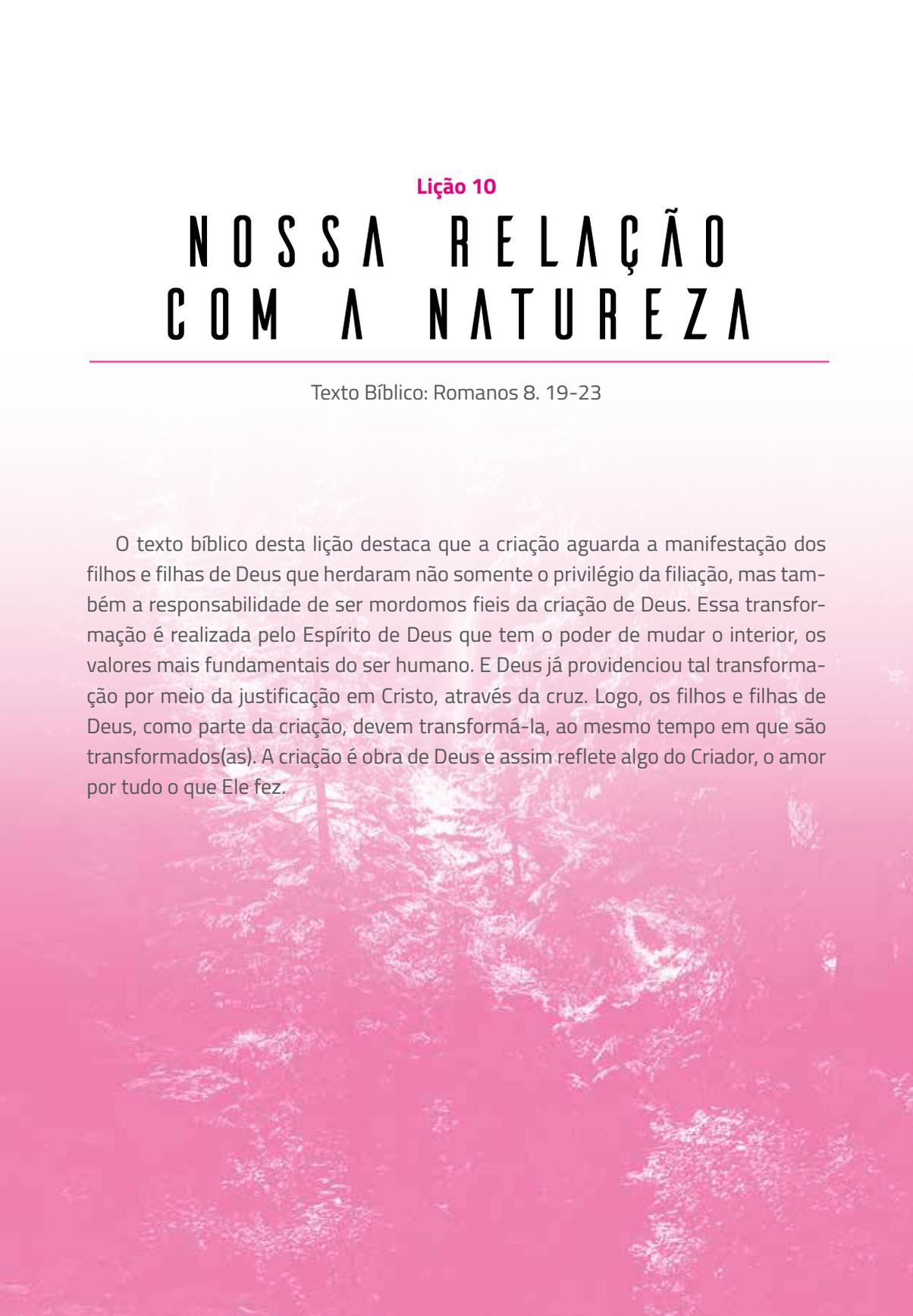
Anotações

Lição 10

N O S S A R E L A Ç Ã O C O M A N A T U R E Z A

Texto Bíblico: Romanos 8. 19-23

O texto bíblico desta lição destaca que a criação aguarda a manifestação dos filhos e filhas de Deus que herdaram não somente o privilégio da filiação, mas também a responsabilidade de ser mordomos fieis da criação de Deus. Essa transformação é realizada pelo Espírito de Deus que tem o poder de mudar o interior, os valores mais fundamentais do ser humano. E Deus já providenciou tal transformação por meio da justificação em Cristo, através da cruz. Logo, os filhos e filhas de Deus, como parte da criação, devem transformá-la, ao mesmo tempo em que são transformados(as). A criação é obra de Deus e assim reflete algo do Criador, o amor por tudo o que Ele fez.





Fundamento bíblico

A morte e a separação entraram no mundo como consequência da queda pelo pecado humano, de modo que a queda trouxe a separação entre Deus e o ser humano, do ser humano com o seu semelhante e com o restante da criação.

A separação humana do restante da criação é percebida no mundo por meio da destruição da natureza, da poluição das águas, da terra e do ar; pela extinção de várias espécies de animais; pela exploração irresponsável das fontes de energias naturais, etc. Enfim, toda degradação ambiental está relacionada à degradação da humanidade, e é reflexo da condição humana pecaminosa.

João Wesley, em suas reflexões sobre a criação, aponta para a fé santificadora. Ele pressupõe que não se pode conceber a separação entre o cuidado com o meio ambiente e a prática da vida cristã. Ensina também que devemos desenvolver uma disciplina espiritual e física, bem como realizar ações no sentido de proteger a terra e toda a criação.

No enfoque da "santidade social", preconizado por Wesley, bem à frente de seu tempo, a preocupação com sustentabilidade ambiental já se manifestava, visto que o enfoque de seus estudos não era apenas sobre convivência entre as pessoas do seu tempo, mas também delas com as gerações futuras para quem, como "mordomos" e detentores(as) da custódia da terra, devemos

entregar a natureza devidamente cuidada e protegida, conforme o plano original de Deus.

Ora, visto que o ser humano é dotado de razão, segundo Wesley, ele tem o dever de compreender e defender esse lugar comum a todas as pessoas que é a terra. Wesley chamava esse dever de imagem política de Deus, que é uma responsabilidade inerente ao ser humano, propiciada pela graça de Deus mediante um relacionamento vivo com Ele (RUNYON, 2002, p. 23). Wesley ensina que é no tempo presente que começa a renovação da criação. Ele não tratou a santificação apenas no que diz respeito à justificação, e enfatizou que a santificação não se completa antes da renovação da vocação original para a qual a humanidade foi criada, que é refletir e viver a imagem de Deus no mundo, ou seja, a humanidade precisa resgatar a imagem de Deus perdida com a queda, e esse resgate faz parte do processo de santificação que visa à vida eterna.



Palavra que ilumina a vida

Observando o relato da criação (Gênesis 2.4-15) vemos que não havendo ninguém para lavrar a terra, Deus fazia com que um vapor a regasse. Então Ele fez o ser humano do pó da terra, à sua imagem e semelhança, e lhe deu a responsabilidade de lavrar e cuidar do jardim que havia criado. Essa missão

foi desvirtuada como consequência do pecado, conforme descrito em Gênesis 3.18-23. Por sua vez, visto que a Graça restaura os planos iniciais de Deus em relação à humanidade, isto é, o relacionamento de Deus com o ser humano e também do ser humano com a natureza, a nova criação de Deus deve ser reestabelecida em sua função de cuidar da terra, conforme mostra o texto de Romanos.

John Wesley concebia a imagem de Deus também de forma relacional, pois ao invés de enfatizar algo que o ser humano possui, ele destaca a maneira como ele se relaciona com Deus e com o mundo. De modo geral, a imagem de Deus no ser humano diz respeito ao amor e ao relacionamento. Portanto, não se trata de “uma capacidade ou uma posse inerente ao ser humano, mas um relacionamento vivo propiciado pela graça divina” (RUNYON, 2002 p. 23). Ele também dizia que somos “mordomos” de Deus, que não possuímos nada, já que tudo pertence a Ele.

Em seu sermão intitulado “O mordomo fiel” (n. 51), Wesley exorta: “Dá contas de tua mordomia, porque já não poderás mais ser mordomo” (Lucas 16.2). Ao final, ele ensina: “Aquele que nos dá tudo deve necessariamente ter direito a tudo; assim, se lhe dermos alguma coisa menos que a totalidade, não poderemos ser despenseiros fiéis. E, considerando

que ‘todo homem receberá sua própria recompensa, segundo seu próprio labor’, não poderemos ser sábios despenseiros, a não ser que trabalhe-mos até o derradeiro limite de nossa capacidade, não deixando por fazer coisa alguma que possa ser feita, mas nisso empregando toda nossa força” (JOSGRILBERG, 2003, p.99).

Ora, visto que teremos de dar contas a Deus da nossa mordomia, isto é, da nossa função de cuidar da criação como um todo, devemos desde já cuidar dos nossos mananciais, das reservas naturais, das áreas de preservação, do habitat natural, parques, etc.

Dentro dessa visão, não há como se apartar o processo de santificação do zelo pelo meio ambiente. Se santificação envolve uma nova criação da imagem de Deus no ser humano, a renovação da imagem política, que representa o cuidado humano da criação, também deve ser observada.

Somente a renovação gradual da imagem de Deus – ou seja, a santificação manifesta na vida das pessoas – constituiria um testemunho concreto do propósito de Deus na criação e de sua promessa de renovar o céu e a terra (JENNINGS JR, 2007, p. 84).



Conclusão

A Igreja não pode ficar estática diante da notória degradação ambiental em

nossos dias. É preciso pregar, divulgar e debater o tema, visto que é impossível ao ser humano atingir a santificação sem que a imagem política de Deus que está diretamente ligada ao cuidado da criação, seja também restaurada. Nós também, no nosso dia a dia, precisamos agir em favor da natureza, nos pequenos detalhes: usando com sabedoria os recursos naturais, cuidando dos espaços públicos como cuidamos da nossa casa, ajudando na conscientização das pessoas próximas sobre o cuidado com a natureza.



Para conversar

Que atitudes concretas precisamos tomar para manifestar o cuidado com a criação que Deus espera de nós?



Leia durante a semana

Domingo: Romanos 8.19-23

Segunda-feira: Gênesis 2

Terça-feira: Gênesis 1

Quarta-feira: Gênesis 3

Quinta-feira: Salmo 19.1-7

Sexta-feira: Gênesis 9.1-3

Sábado: Salmo 104

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Refletir sobre a mordomia cristã em relação ao meio ambiente.



Para início de conversa

Providencie fotos (de jornais e revistas ou impressas com o uso da internet) com cenários degradantes referentes à natureza: um rio sujo ou seco; esgoto a céu aberto; ruas e praças sujas e etc. Mostre-as ao grupo como um todo ou individualmente e peça que manifestem suas impressões. Convide a turma a pensar, rapidamente, em ações e atitudes que poderiam mudar esses cenários. Prossiga a aula.

Obs.: Você pode fazer um cartaz com as fotos ou ainda projetá-las se tiver o equipamento necessário.



Por dentro do assunto

O tema da “Imagem de Deus” foi muito importante na teologia de John Wesley. Esse tema é recorrente no âmbito da teologia cristã desde a patrística e foi dela que ele tirou sua inspiração.

Wesley concebia a imagem de Deus de forma relacional – ao invés de enfatizar

algo que o ser humano possui, destaca a maneira como ele se relaciona com Deus e também vive essa relação com o mundo: O ser humano reflete para todas as outras pessoas ou criaturas o amor que recebe de Deus. Assim, para Wesley, a imagem de Deus no ser humano não é “uma capacidade ou uma posse inerente ao ser humano, mas como um relacionamento vivo propiciado pela graça divina” (RUNYON, 2002, p. 23).

A teologia wesleyana concebe a imagem de Deus na humanidade em três dimensões: a imagem natural, a imagem moral e a imagem política.

A dimensão natural da imagem de Deus na humanidade refere-se às capacidades de entendimento/razão, vontade e liberdade. Na visão dele, com a queda do homem todas elas foram corrompidas e esmaecidas, mas não totalmente destruídas os extintas.

A dimensão moral da imagem de Deus constitui a principal característica do relacionamento humano com Deus, sendo esta a dimensão que mais facilmente é distorcida pelo pecado. À luz de sua compreensão relacional, se insere aqui a importância da obediência a Deus, que não consiste em simplesmente seguir regras,

pois nosso relacionamento do ser humano é com o Criador, e não com as regras. Essa obediência permite que a vida humana esteja continuamente aberta à recepção do amor, justiça, misericórdia e verdade que provêm de Deus, e, como sua imagem, exercer e transmitir o que foi recebido (RUNYON, 2002, p. 29-30).

A imagem de Deus na dimensão política é um meio pelo qual a humanidade reflete o seu criador. Trata da responsabilidade especial de ser o “canal de comunicação” entre o Criador e o resto da criação, de modo que “todas as bênçãos de Deus fluíssem por meio da humanidade até as outras criaturas”. Assim, a humanidade é a própria imagem de Deus na medida em que a benevolência de Deus é refletida nas ações humanas para com o resto da criação (RUNYON, 2002, p. 28).

Wesley dizia que somos “mordomos” de Deus, que não possuímos nada, tudo pertence Ele. Somos apenas detentores da custódia de um mundo que pertence ao Criador. Para o professor Rui Josgrilberg, o termo utilizado por Wesley, steward, do inglês, é melhor traduzido por “cuidador” (JOSGRILBERG, 2003, p.99)

Na visão de Wesley, não há como se apartar o processo de santificação do zelo ao meio ambiente. Devemos então, buscar essa renovação em nossas vidas, cumprindo assim as expectativas da criação (Romanos 8.19-23), defendendo e zelando da criação de Deus com vistas à sua preservação para as futuras gerações.



Por fim

Retomando o diálogo no início da aula com a dinâmica das fotos, orem pedindo a Deus estratégias e disposição para restaurar o cuidado com a criação.



Para saber mais

Sermão 57: “Sobre a queda do homem”. Disponível em: <https://goo.gl/wkFRM9>. Acesso em 10/10/2017.

Sermão 60: “A libertação geral”. Disponível em: <https://goo.gl/wkFRM9>. Acesso em 10/10/2017.

Bibliografia

JENNINGS JR.,Theodore W.. Wesley e o mundo atual. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2007.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. “A preocupação ecológica na tradição wesleyana.” in CASTRO, Clovis Pinto (org.). Meio ambiente e missão: a responsabilidade ecológica da Igreja, de São Bernardo do Campo: Editeo, 2003.

RUNYON, Theodore. A Nova Criação: a teologia de João Wesley hoje. São Bernardo do Campo/SP: Editeo, 2002.

WEGNER, Uwe. Romanos 8.18-23 (24-25). Auxílio homilético. Proclamar Libertação. Vol. 18. Disponível em: <https://goo.gl/UMF5ZW>. Acesso em 01/11/2017.

Lição 11

O DIÁLOGO IMPORTA!

Textos bíblicos: Gênesis 11.1-9; Atos 2. 1-13

A palavra diálogo vem da fusão de duas palavras gregas: dia e logos. Dia pode ser traduzido como “através” enquanto que logos assume vários significados como “palavra”, “expressão”, “significado”. O diálogo é premissa para a convivência; por meio dele nos colocamos no mundo, interagimos e nos transformamos. Para além da conceituação da palavra diálogo, está o desafio de dialogar. Há diálogos e diálogos, no entanto, quer positivos ou negativos, autoritários ou “empoderadores”, são eles que estabelecem as nossas relações sociais. O diálogo nos compromete.





Fundamento bíblico

Os dois textos desta lição se referem a Babel e a Pentecostes. A ênfase da nossa abordagem é pensar em como dialogamos entre nós, membros da mesma comunidade e com outras pessoas fora do nosso arraial.

A torre de Babel foi construída ao mesmo tempo em que a cidade (v.4); as pessoas que lá chegaram se apropriaram de uma terra (v.2), desenvolveram suas tecnologias (v.3), e se iludiram ao achar que teriam o controle sobre tudo. Nessa construção estavam implícitos a autopromoção, a onipotência e o egoísmo, pois queriam se fechar em si mesmas, ter posição de privilégio em relação às outras pessoas e se encerrar em seu universo (v.4).

Na torre de Babel o domínio de tecnologias avançadas apontava para um conhecimento técnico, privilegiado. Quem propunha o diálogo, quem trazia a mensagem do que fazer e como fazer, tinha um conhecimento formal e de destaque social. As técnicas de construção eram refinadas, sabedoria vinda da Mesopotâmia.

Interessante perceber que o desejo era subir aos céus (v.4), mas não para ver Deus e sim se autopromover. A intencionalidade nada tinha a ver com a sua fé ou expressão de religiosidade; foi Deus que desceu, como em Pentecostes, para ver a cidade e a torre e, ao que parece, não gostou do que viu (v.5-6).

Gênesis 10 deixa explícito que já havia povos dispersos e várias línguas (v.5). A confusão que surge a partir da intervenção de Deus se dá em relação à linguagem. Se definirmos linguagem como uma prática social e interativa, podemos inferir que Deus confundiu a forma deles se relacionarem; aquela linguagem única era algo muito ruim. Com a ação de Deus eles passaram a não se entender mais e cada um(a) foi viver outras experiências; saíram do seu mundo, da sua torre.

Já em Pentecostes, a história é outra. Quando o Espírito desceu, encontrou pessoas disponíveis que aguardavam as ordens para construção do seu projeto (Lucas 24.44-49; Atos 1.12-14; 2.1). A manifestação divina não vem para confundir! Com o simbolismo das línguas de fogo, Deus veio dialogar e impulsionar as pessoas a dialogarem e se entenderem. E assim aconteceu: os discípulos e discípulas que ali estavam começaram a falar em diversos idiomas sobre as grandezas de Deus (2.4). Para além da polifonia das línguas, a linguagem do amor de Deus era anunciada e as pessoas entendiam (v.6).

E quem falava em Jerusalém por ocasião daquele Pentecostes especial? Eram galileus! O que isso significa? Galileus eram pessoas da periferia, do interior, sem muita instrução formal (Atos 4.13). Isso tornou o episódio mais surpreendente ainda porque era gente simples que, guiada pelo Espírito Santo,

anunciava algo que pessoas de várias partes do mundo, de diferentes graus de instrução e posições econômicas, puderam entender (Atos 2.5-7).

Entre a admiração e o espanto havia no coração de quem era temente a Deus a disposição de ouvir e se apropriar da mensagem do Evangelho. No entanto, havia também quem não estava disponível para ouvir, dialogar e se comprometer. Por isso, desprezava o que estava acontecendo e até loucura falava: “É bebedeira”. Não era bebedeira, estava muito cedo (v.15). Comer e beber tão cedo não era parte do costume judaico. Eles não estavam bêbados!



Palavra que ilumina a vida

A linguagem em Babel era única, não favorecia o diálogo com quem não estava na cidade; ao que parece ela se apresentava sob a forma de um monólogo opressor, explorador e enganoso que promovia um projeto de vida egoísta, centrado em si mesmo. De fato, era preciso confundir essa linguagem! (v.7). Por mais alta que fosse a torre, nunca chegariam a Deus dessa forma, pois nos aproximamos de Deus apenas pela sua graça e ao nos aproximarmos dele, percebemos a necessidade de amar e dialogar com outras pessoas (Mateus 22.37-40).

Se pensarmos na cidade como a nossa sociedade, percebemos que os

valores que motivaram a construção daquela torre ainda estão presentes e ditando a forma das pessoas verem, falarem e viverem. Não há problema nenhum na busca de realizações pessoais, o problema está em encerrar a vida nesses projetos. A nossa realização pessoal e profissional precisa estar conectada com a o planeta, (a casa comum), com a família, a Igreja, a sociedade, com o planeta!

Na Babel atual temos o desafio de manter o diálogo anunciado em Pentecostes. Difícil tarefa a nossa! Em meio às demandas da cidade e projetos pessoais, nosso coração deve estar na casa comum, na nossa comunidade, na tarefa solidária de colaborar para que outras pessoas encontrem a Cristo.

A Igreja, ainda que inserida na sociedade, não pode se deixar seduzir a ponto de se tornar uma torre. Isso nos isola e, diferente disso, precisamos ser um espaço transformador e de acolhida. Nossa missão não é construir uma torre que nos leve até o nosso ego, mas uma ponte que nos dirija ao pleno conhecimento de Jesus Cristo.

Quando falamos sobre a arte de dialogar, precisamos ter em mente que não precisamos concordar em tudo para dialogar. Muitas vezes achamos que uma conversa só pode ser levada adiante se as pessoas tiverem a mesma opinião. De fato, uma conversa entre iguais é sempre mais fácil, mas uma conversa entre diferentes, também não é impossível, desde

que o respeito, a gentileza, o domínio próprio e o discernimento de saber a hora de parar, estejam em mente quando conversamos.

Nós temos a responsabilidade de falar das coisas que vivemos, vemos e aprendemos de Jesus Cristo, mas isso não pode e nem deve ser ganho à força. A agressividade e a arrogância matam a verdade de qualquer discurso. Ao dialogarmos sobre a nossa fé, o amor deve nos conduzir!

No diálogo em Pentecostes houve temor, obediência e disposição em dialogar com gente diferente. Houve cuidado com o que se falava, houve reconhecimento de que a sabedoria humana pouco vale diante da sabedoria divina. Assim devemos agir na certeza de que o Espírito nos conduz.

Conclusão

Vivemos um tempo de muita intolerância; pessoas se ofendem com opiniões diferentes e até se agridem

por isso. Precisamos nos dispor para dialogar mais. E que seja o nosso diálogo um reflexo do que aconteceu em Pentecostes. Uma coisa temos por certo: a graça de Deus entre nós, por meio da revelação bíblica, pode nos encher de humildade e compaixão para ouvir, e também de coragem, respeito e misericórdia para falar!

Para conversar

Que ações podemos desenvolver para diminuir a intolerância e melhorar a convivência, a partir da família e da Igreja?

Leia durante a semana:

Domingo: Gênesis 11. 1-9; Atos 2.1-13

Segunda-feira: Mateus 12.36-37

Terça-feira: Atos 7.1-53

Quarta-feira: Atos 8.26-40

Quinta-feira: Jeremias 1.1-10

Sexta-feira: Ezequiel 2-3

Sábado: Êxodo 4

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Refletir sobre a importância da tolerância e diálogo com pessoas de diferentes culturas e crenças, destacando que amor, tolerância e respeito às diferenças e aos diferentes sempre foi um ensinamento de Jesus.



Para início de conversa

Pergunte para a turma sobre as dificuldades envolvidas em dialogar com pessoas de diferentes crenças e opiniões. Peça para que compartilhem suas estratégias de superação dessas dificuldades. Após alguns minutos introduza a aula, citando a ação de Deus em Babel, quando o diálogo levava à soberba, em contraste com Pentecostes, quando o objetivo era alcançar pessoas de diferentes culturas.



Por dentro do assunto

Explicitamente não existe nenhum paralelo entre os relatos da Torre de Babel e de Pentecostes. No entanto, em ambos o tema do diálogo está presente e a maneira como ele se desenvolve

pode servir de inspiração para nossa forma de nos relacionar com Deus e com as pessoas. Para aumentar sua gama de conhecimento, trouxe algumas contribuições dos professores de Bíblia Milton Schwantes quanto ao relato da Torre de Babel, e Carlos Mesters e Francisco Orofino sobre Pentecostes.

Torre de Babel (Gênesis 11.1-9): O cenário desse relato é a planície, onde será construída uma cidade e nela a torre. Esta torre tem uma finalidade: 'cujo topo chegue até os céus e tornemos celebre o nosso nome para que não sejamos espalhados por toda a terra' (v.4). Neste projeto há cheiro de arrogância e um 'certo bairrismo', intenções questionáveis e reprováveis à luz do Reino de Deus que nos orienta a agir com simplicidade e, se algum reconhecimento advier, que seja pelo serviço para Reino, não pelo trabalho em benefício próprio e 'massagem do ego'. O Reino nos convoca à disposição de ir para onde o Senhor disser que é preciso, pois nós somos, neste mundo, forasteiros(as) em terra estranha, a serviço do Mestre que deseja que todas as pessoas conheçam seu nome e o reconheçam como Senhor e Salvador.

O Professor Schwantes (2013) afirma que este relato é uma espécie de parábola que “surgiu para contestar, para negar (...). Negado é este conjunto integrado, constituído por cidade-torre-estado-totalitarismo. O totalitarismo expressa-se pelo controle do povo (‘eis que o povo é um’, v.6), pela ilimitada arrogância (‘agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer’, v.6) e, enfim, pela manutenção da unidade cultural para facilitar o controle.

Negada é, pois, a cidade como projeto de hegemonia. Todo esse projeto não se reduz à torre, mas nela alcança uma decisiva concentração. Afinal, a respeito da torre se diz que seu ‘topo chegou até os céus’ (v.4). Convém que se dê uma atenção especial a esta torre (...). Seguidamente se interpreta a torre como parte do sistema de santuários babilônicos. No caso, vincula-se à torre (v.4-5) com a menção de Senaar e de Babel (vv.2 e 9). A torre seria, pois, uma zigurate que costumava integrar a área do santuário. Essa interpretação é muito comum, mas não combina com o texto em hebraico, pois aí se usa um termo para torre não no sentido de uma edificação no setor do templo, mas sempre como uma força militar, comparável às acrópoles, às partes mais altas e mais bem fortificadas (...). É uma espécie de quartel general” (p. 95-96).

Como Deus age nessa parábola? Ele dispersa e promove a diversidade de línguas.

Nesse sentido Schwantes afirma: “é evidente que, neste caso, dispersão não é nada negativo. É integralmente positivo. A dispersão é a solução! Há de se pensar aí também na dispersão e na diferenciação de povos, cada qual com a sua cultura e língua. Em especial, na última fase de releituras do texto, aquela que aplicou a parábola a Senaar e Babilônia, deve se ter em vista os povos. Os babilônios haviam submetido muitos povos. Nosso texto apoia a autonomia e a liberdade dos povos, cada qual com a sua cultura e língua.

Nada de império mundial. Mas certamente não se poderá dizer que o enfoque principal recai sobre a dispersão dos povos. A exigência primeira é a dispersão das aldeias, o direito das vilas camponesas. O reforço dessas vilas impede o Império e a cidade (...). Dispersão, pois, luta pela autodeterminação dos pobres, dos que produzem na roça. Aqui o projeto de dispersão é o projeto do trabalhador (...). Por outro lado, o projeto de Gênesis 11 objetiva a diversidade de línguas.

Língua é cultura. Dispersão e diversidade de cultura estão no mesmo nível. Completam-se. O sistema de aldeias dos camponeses tinha uma de suas sustentações na diversidade de expressões culturais. Também existiam diferenças marcantes na própria linguagem. No Norte falava-se um pouco diferente do Sul, como mostra o livro do profeta Oseias (cf. Juízes 12). Todas

estas diferenças eram uma proteção contra a hegemonia do Estado e das cidades. Constituíam defesas para os pobres. Davam-lhes códigos de comunicação que escapavam do controle de cima” (p.99-100)

Para saber mais sobre Babel acesse: A cidade e a torre (Gênesis 11.1-9)– Exercícios hermenêuticos. Milton Schwantes. Disponível em: <https://goo.gl/LyRNk4>. Acesso em 27/11/2017.

Atos dos Apóstolos (Atos 2. 1-13): Enquanto em Babel são os poderosos que falam, em Pentecostes, são os pobres, os galileus, pescadores que falam, e como falam? Por obra do Espírito Santo conseguem se fazer entender pelas várias nacionalidades ali presentes. Não era preciso ter uma linguagem única, mas o Senhor alcançou aquelas pessoas na diversidade, nas suas particularidades.

A língua, como afirmam Mesters e Orofino, são uma das simbologias do Espírito Santo. “São três os símbolos para significar a ação do Espírito: vento, língua, fogo. Todo ser humano tem experiências concretas do que vem a ser vento, língua e fogo. Assim, cada um, cada uma, a partir da sua própria experiência (de vento, de fogo, de língua), consegue avaliar qual o efeito que o Espírito quer realizar em nossas vidas. Além disso, para quem conhece a história do AT, o vento que encheu

toda casa evoca a ventania que secou o Mar Vermelho e permitiu ao povo fazer a travessia e iniciar o êxodo (Êxodo 14.21). Evoca ainda a nuvem que encheu todo o interior do Templo (1Reis 8.10-11). As línguas evocam a confusão das línguas na construção da Torre de Babel, que agora, com a ajuda do Espírito Santo, está sendo superada (Gênesis 11.9). O fogo evoca a manifestação de Deus na conclusão da Aliança e no nascimento do povo de Deus no Monte Sinai no AT (Êxodo 19.16-19). No dia de Pentecostes, estava nascendo o novo povo de Deus, iniciando o novo Êxodo, a nova Aliança, o novo Templo. Jerusalém estava cheia de peregrinos por causa da festa de Pentecostes. Lucas diz que eram pessoas piedosas, isto é, gente aberta para os apelos de Deus. Vinham de todas as partes do mundo, desde os partos no Oriente, até os romanos no Ocidente. Lucas parece ter consultado um atlas para não esquecer nenhuma nação conhecida da época. Todas as nações estão representadas” (p.43).



Por fim

Ao encerrar a aula, peça que os alunos e alunas pensem nas pessoas com quem têm dificuldade de dialogar e ore pedindo que Deus as capacite, pelo seu Espírito, a vencer os obstáculos a fim de comunicar a salvação e a Graça.

Bibliografia

MESTERS, Carlos & OROFINO, Francisco. Atos dos Apóstolos. Círculos Bíblicos. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2002.

SCHWANTES, Milton. Projetos de Esperança, meditações sobre Gênesis 1-11. São Paulo: Paulinas, 2002.

Torre de Babel e Pentecostes (Estudo 1). Disponível em: <https://goo.gl/ucp9Lc>. Acesso em 03/11/2017.

Anotações

Lição 12

DEFICIÊNCIA NÃO É CASTIGO

Texto bíblico: João 9.1-7

Muitos foram os milagres que Jesus operou durante seu ministério terreno. Além das curas, suas palavras e gestos de amor acolheram, agradeceram e transformaram a vida de muitas pessoas. Foi precisamente o que aconteceu no episódio registrado no capítulo nove de João: ao dar atenção e curar um cego de nascença, Jesus rompeu com barreiras e abriu espaço para a missão que inclui e alcança pessoas com deficiência.





Fundamento bíblico

Antes do episódio da cura, Jesus sai do templo para não ser apedrejado pelos judeus (João 8.59). Fora, ao caminhar, Ele se depara com o cego que certamente estava a esmolar, algo comum na vida de deficientes da época. Se Jesus tivesse permanecido no templo muito provavelmente não teria encontrado aquele cego, pois as pessoas com deficiência não eram bem-vindas aos espaços religiosos. De acordo com o livro de Levítico, pessoas com deficiência nem podiam oferecer sacrifícios no templo (Levítico 21.17-21).

O texto em questão contém uma peculiaridade: é a única vez em que se menciona nos evangelhos que o cego curado nasceu nessa condição, o que pode indicar um caso especial.

Os discípulos, mesmo recebendo diariamente os ensinamentos de Jesus, não foram capazes de libertar-se do pensamento judaico e tão logo viram o cego já fizeram uma pergunta no mínimo perturbadora: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (v.2). Tal questionamento partia de uma crença da época, de que doenças ou deficiências eram fruto de castigo divino pelo pecado do indivíduo ou de seus ancestrais. Jesus teve a oportunidade de esclarecer, de uma vez por todas, esta questão que dava origem a um comportamento excludente que vinha de muitas gerações.

Com a cura do cego, Jesus criou uma oportunidade perfeita para dar uma resposta que sanasse a dúvida e crença que durante séculos impactou diretamente a história das pessoas com deficiências, a saber: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (v.3). Esta fala foi desconcertante, pois nenhuma das hipóteses levantadas pelos discípulos estava certa. Na verdade, Jesus afirmou que aquele cego nasceu para glória de Deus.



Palavra que ilumina a vida

Este relato ensina a Igreja a viver a totalidade da graça de Cristo de forma prática, rejeitando a exclusão imposta por uma cultura preconceituosa e experimentando a palavra libertadora de Jesus para todas as pessoas.

Naquele caso a glória de Deus se manifestou através da cura e em inúmeros outros, esta glória se manifesta quando, independentemente de curas físicas, pessoas deficientes e doentes vivem para o Senhor exercendo sua vocação no corpo de Cristo.

O modo como Jesus tratou essa questão lançou bases para erradicar a associação entre deficiência e castigo. Todavia, ainda hoje esta associação errônea permanece nos mais variados segmentos cristãos, inclusive justificada por passagens bíblicas, em especial a de Êxodo 20.5,6. Um olhar mais atento,

porém, faz perceber que este texto não trata de pessoas com deficiência, mas sim do pecado de curvar-se a ídolos.

Outros textos nas Escrituras nos ajudam a perceber o valor da promoção da inclusão e da justiça, marcas inegociáveis do Reino de Deus. Um exemplo é Levítico 19.14: "Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus". Neste sentido o que o Messias espera de sua Igreja é uma prática que promova a vida em suas diferenças e totalidade, pois há inúmeras pessoas deficientes e famílias que precisam ouvir falar do amor de Cristo e experimentar a bênção de fazer parte da comunhão da Igreja.

O desafio da convivência com pessoas deficientes é imenso e enriquecedor para quem nele se envolve. Nas atitudes de Jesus e dos discípulos em relação ao cego, encontramos pistas de como superar as nossas limitações.

Sair do templo: Jesus saiu do templo e no entorno se encontrou com quem não conseguia chegar até lá. Nós temos o desafio de sair da nossa cômoda religiosidade, levando nossa atuação missionária às pessoas menos favorecidas. Com quantas pessoas com deficiência você se relaciona? Elas não existem nos seus círculos de amizades ou estão invisíveis ou excluídas deles? O primeiro passo é atentar o olhar, enxergar quem não tem sido visto por conta do preconceito e da discriminação.

Perguntar, conhecer: A atitude dos discípulos de perguntar foi muito importante. Foi assim que eles conheceram a verdade. Nossa intimidade com Jesus deve produzir em nós sede de conhecer, de repensar aquilo que nos foi ensinado. Nós sabemos pouco ou nada sobre a deficiência e quanto menos dialogarmos sobre esse tema, mais os pré-conceitos vão se solidificando. Não há problema em não conhecer, o problema é não querer ter a possibilidade de mudar de opinião, de ampliar o conhecimento da graça e do amor de Jesus. Quando conhecemos, sentimos mais segurança em nos aproximar.

Escutar a voz das pessoas deficientes: a fala do cego é evidenciada em três versículos: 9 e 11 e 12. Depois, durante a discussão teológica que se segue no texto, vemos mais registros da sua fala (vv.17,25,27,30,31,33,38). O olhar de Jesus para aquele homem abriu possibilidades para que ele falasse, se afirmasse, anunciasse a sua história e por fim, fizesse a sua confissão de fé: "Creio, Senhor" (v.38). O espaço que as pessoas deficientes precisam ter em nossa Igreja não é apenas físico. Além das medidas de acessibilidade é importante dar a elas voz, e as pessoas sem deficiência devem ter coragem e humildade para ouvi-las e aprender com elas. O que será mais perfeito para Deus? Ministrações "impecáveis" do ponto de vista humano ou a participação de diferentes pessoas, inclusive as que têm deficiências?

É tempo de removermos as pedras do caminho, como falta de compreensão, falta de acessibilidade, falta de pessoas para aprender a língua brasileira de sinais (LIBRAS), falta de interesse por esta área da missão, para vermos cumprir o que declara Isaías 29.18 “Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres já da escuridão e das trevas, as verão”.

Conclusão

Jesus tinha um propósito ao dar vista para o cego de nascença; além de abençoá-lo com a visão e glorificar o nome do Pai através do milagre, Ele desejava acabar com o preconceito da época e dos dias de hoje. O mestre aposta em seus servos e servas para dar a todas as pessoas o amor que dilui todo tipo de

discriminação. Constantemente precisamos nos lembrar que fomos chamados e chamadas para fazer exatamente como Jesus fez quando esteve neste mundo.

Para conversar

Qual é o nosso envolvimento pessoal com a causa da deficiência?

Quão envolvida está a nossa igreja no alcance dessa população tão especial?

Leia durante a semana

Domingo: João 9.1-7

Segunda-feira: Levítico 21.17-21; 19.14

Terça-feira: Lucas 18.35-43

Quarta-feira: Êxodo 4.10-12

Quinta-feira: Deuteronômio 24.16-20

Sexta-feira: Jeremias 31.29-34

Sábado: Salmo 113

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Destacar a necessidade do envolvimento da igreja no acolhimento e evangelização de pessoas com deficiência; pontuar que os desafios em lidar com pessoas diferentes não podem desmotivar a comunidade no engajamento missionário com pessoas com deficiência e seus familiares.



Para início de conversa

Levante as seguintes questões em classe: “você já conviveu com pessoas com deficiência? Como foi sua experiência?”. A partir das participações, faça uma breve discussão sinalizando as dificuldades e despreparo da sociedade de um modo geral em lidar com os aspectos que cercam as deficiências; enfatize a beleza da diferença e o quanto ela amplia e diversifica o mundo, mostrando que a deficiência não significa superioridade nem inferioridade, mas sim a pluralidade da criação de Deus. Introduza a lição.



Por dentro do assunto

O evangelho de João foi escrito entre 95 a 100 d.C.; sua autoria é atribuída a João, irmão de Tiago e filho de Zebedeu, autodenominado de discípulo amado

por sua proximidade com Jesus. Este evangelho relata a história de Jesus de um modo substancialmente diferente, sendo assim, não se enquadra nos sinóticos (os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados de sinóticos devido às suas semelhanças nos relatos. “A palavra sinóticos usada para designar os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, vem da língua grega com o significado de *sin* = mesma; *ótica* = olhar” (CASANATTO, 2015). Em João encontramos passagens exclusivas como este da cura de um cego de nascença, o paralítico do tanque de Betesda (João 5.1-15), Jesus lavando os pés dos discípulos (João 13.1-17), entre outras.

O quarto evangelho parece ter uma clara preocupação em não focar nos acontecimentos já relatados nos demais; no que diz respeito a milagres, pode-se constatar uma disparidade em relação aos sinóticos: enquanto Mateus menciona 20; Marcos 18 e Lucas 20, em João encontramos 7 milagres.

No episódio da cura do cego de nascença, Jesus tinha ido a Jerusalém com seus discípulos para celebração de uma das principais festas dos judeus que era a dos Tabernáculos. No capítulo 8 observamos grande tensão entre os fariseus e Jesus, começando pelo fato de Jesus

ter perdoado uma mulher que tinha sido pega em adultério e fervilhando com a discussão de quem era filho de Abraão, chegando a ponto de Jesus ter de sair do templo para não ser agredido como nos informa o verso 58.

Este milagre teve tanta relevância que acabou por ocupar o capítulo 9 inteiro do Evangelho de João e assim não deixando dúvidas sobre divindade de Jesus, pois somente Deus poderia dar vista a um cego de nascença.

Para as pessoas com deficiência esta passagem é definitivamente providencial, devido ao caráter pedagógico contido no milagre de Jesus e a intimidade do autor deste livro, ou seja, João, o discípulo amado.

Ao verem o cego, os discípulos perguntam sobre quem havia pecado para ter nascido naquela condição e em seguida sugerem uma resposta: foi o cego ou os pais dele? Jesus não se deixa levar pela sugestão dos discípulos e oferece uma resposta inédita, libertadora, dignificante: nem ele nem seus pais, mas, ele está assim para que a Glória de Deus seja manifesta.

A ideia de castigo divino sobre os filhos e filhas, devido ao pecado dos pais e mães, pelo que percebemos, foi removida por Jesus de acordo com o texto em questão, mas parece ter ressurgido novamente, pela falta de entendimento de muitas pessoas.

A expressão “maldição hereditária” é usada em muitas igrejas para explicar doenças e deficiências, e tal interpretação, como vimos, é errônea, pois

foi rejeitada pelo próprio Senhor Jesus. Apontar uma pessoa como alvo de maldição, além de anular o amor e graça de Deus, traz grandes danos para evangelização de pessoas com deficiência, pois uma vez que são vistas como alvos de maldições, sofrem por deste estereótipo negativo que ainda contribui para que não sejam acolhidas por sua condição.

Diante da atitude e do diálogo de Jesus com seus discípulos na cura do cego de nascença, criou-se uma oportunidade ímpar para que a Igreja possa deslanchar na missão junto a pessoas com deficiência.



Por fim

Convide a turma para visitar alguma instituição que trabalhe com pessoas com deficiência e a partir disso pensem em desenvolver ações para discipulado e acolhimento deste público em sua igreja.

Bibliografia

CASANATTO, Odalberto Domingos. Evangelhos sinóticos. Disponível em: <https://goo.gl/oQT7Th> . Acesso em 07/12/2017.

DARKE, Brenda. Deficiente: o desafio da inclusão na igreja, São Paulo: Hagnos, 2015.

FEIDEN, Erno. Auxílio homilético: João 9.1-7. Disponível em: <https://goo.gl/VBv7yV>. Acesso em 15/10/2017.

LOPES, Hernandes Dias. João: as glórias do filho de Deus. São Paulo: Hagnos 2015.

Lição 13

COMPROMISSO COM O CORPO

Texto bíblico: Atos 5.1-11

O livro de Atos registra o início da Igreja Primitiva, seu fortalecimento como comunidade e sua trajetória missionária. As experiências vividas pelos primeiros cristãos e cristãs nos trazem inspiração para nossa caminhada de fé. Atos 5.1-11 relata um episódio que ocorreu dentro da comunidade cristã e nos ajuda a refletir sobre as responsabilidades que assumimos quando optamos por seguir a Cristo.





Fundamento bíblico

Esse relato está antecedido por dois outros que se relacionam diretamente com ele: a) Atos 4.32-35 que explicita a radical relação de solidariedade e comunhão assumida pelos cristãos e cristãs da Igreja primitiva: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum” (v.32); b) Atos 4.36-37, que apresenta Barnabé a partir da sua experiência de ter vendido seu terreno, entregando todo dinheiro aos apóstolos. Nestes dois episódios destacam-se a abnegação, o desprendimento, o compromisso e a responsabilidade com o bem-estar da comunidade.

Tais características não estão presentes na experiência de Ananias e Safira com a comunidade. Suas atitudes denunciaram uma vivência parcial da fé, que se sustentava por meio das aparências; eles faziam parte da comunidade, mas não agiam sinceramente com ela.

Ananias e Safira eram casados e possuíam uma propriedade. Ao optarem pela vivência em comunidade, esta propriedade não lhes pertencia mais (4.32,34). Diante das necessidades que surgiam, as pessoas se comprometiam a vender seus bens e doar todo dinheiro para supri-las. Este casal vendeu o terreno, mas reteve uma parte do valor para benefício próprio.

Será que havia problema em reter parte do seu próprio dinheiro? Aqui está a questão: embora fosse o representante legal do terreno, junto com sua esposa Safira, a propriedade já não era mais deles, agora pertencia à comunidade, esse foi o compromisso assumido (4.32-35). Barnabé o cumpriu (vv.36-37), mas ao que parece, o casal não estava tão disposto a isso (5.1-2).

Na comunidade que era caracterizada por ter um mesmo coração, ou seja, a mesma disposição e maneira de pensar, havia corações que não estavam inteiros no propósito. É isso que Pedro denuncia: “por que encheu Satanás o teu coração...?” (v.3). Ao dar espaço a Satanás, o coração de Ananias planejou ficar com parte do dinheiro que não era dele. O coração da comunidade era a casa da solidariedade, mas o coração de Ananias se tornou o porão do egoísmo.

No verso 4, Pedro destaca a liberdade que Ananias tinha de não assumir o compromisso da partilha de bens: “conservando-o, porventura, não seria teu?”. Ananias mentiu. O seu pecado o matou, o separou de Deus e da comunidade. Tanto na morte de Ananias quanto na de Safira, não houve nenhum juízo ou palavra de ordem de Pedro, o apóstolo apenas constatou o poder mortal do pecado, do engano e da omissão para a vida humana (vv. 4,9).

Ananias planejou, vendeu, reteve o dinheiro e mentiu. Safira, ainda que não tenha sido protagonista, consentiu e,

diante dessa injustiça, se omitiu. Três horas depois de seu marido estar morto, ela chegou à comunidade (v.7) e sem saber de nada, foi interrogada por Pedro: “Dize-me, vendeste por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto” (v.8).

Se a cifra (tanto) a que Pedro se referiu foi o valor entregue por Ananias aos discípulos, Safira mentiu e seguiu apoiando a atitude do marido. Se o mesmo tanto se referia ao valor real da venda do terreno, Safira não mentiu para Pedro, mas ainda assim pecou porque não se posicionou contra a atitude injusta de seu marido.

A morte de Ananias e Safira tornou-se um episódio instrutivo. O casal queria ser identificado como participante daquela comunidade que “contava com a simpatia de todo povo” (2.47), mas o projeto de Cristo era mais do que aparências, se manter nesse projeto exigia integridade e entrega total do coração.



Palavra que ilumina a vida

Esse episódio foi significativo na vida da Igreja nascente, ele apontou a importância de se manter em integridade, em verdade diante de Deus e de seu projeto missionário.

O amor ao dinheiro, a falta de confiança na provisão divina e na fidelidade da comunidade, levaram Ananias a confiar “desconfiando”; ele vendeu o terre-

no, mas não entregou todo o dinheiro. O Evangelho sempre coloca em xeque a nossa relação de apego ao dinheiro. O princípio de Jesus é a partilha, a solidariedade. A fidelidade nos dízimos e ofertas revela a nossa gratidão a Deus, a nossa relação com o dinheiro e o nosso compromisso com o sustento missionário.

Ao fazer parte da comunidade, Ananias anunciava que o Reino de Deus era prioridade, mas ao reter parte do dinheiro demonstrava que, na prática, isso não era verdade. Ananias negociou a sua oferta e, muitas vezes, nós agimos assim. Dependendo de quem administra o dízimo, da finalidade da oferta, estipulamos quanto e quando demonstraremos a nossa gratidão. Nossa prioridade deve ser o Reino e nossa fidelidade deve ser a Deus (Salmo 34.9-10).

A omissão e a conivência diante da atitude de Ananias levaram Safira à morte. Num sistema patriarcal, machista, onde a mulher deveria obedecer cegamente ao marido, Safira não conseguiu priorizar o sistema do Reino de Deus, no qual as pessoas são iguais e devem sempre lutar e agir com justiça. O Evangelho também coloca em xeque a forma como nos relacionamos com as pessoas e com situações delicadas do ponto de vista ético.

Quer por fraqueza, indiferença, insegurança ou outros motivos, a omissão pode até ser uma saída para fugir dos enfrentamentos, mas não é a correta, nem a que Deus espera de nós (Mateus

5.10-12). Assumir o Reino é assumir uma posição: “pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4.20). Muitas vezes nos omitimos diante de situações injustas, quer conosco, quer com outras pessoas, tanto dentro quanto fora da Igreja. Não é isso que Jesus espera de nós: “quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Marcos 8.35b-36).

Conclusão

Ao assumir o Reino de Deus nos comprometemos integralmente com a Igreja e com o bem coletivo. Isso significa rever nossas posições e omissões diante da vida. Em Cristo, encontramos força para superar nossas limitações e

em sua graça, a coragem para mudar e seguir em santidade, buscando o aperfeiçoamento do nosso caráter à luz dos valores do Evangelho.

Para conversar

Quais são as limitações que aparecem no nosso relacionamento com a Igreja e com o projeto do Reino de Deus? Como superá-las?

Leitura durante a semana

Domingo: Atos 5.1-11

Segunda-feira: Atos 4.5-22

Terça-feira: Marcos 8.34-38

Quarta-feira: Salmo 34

Quinta-feira: Mateus 5.1-12

Sexta-feira: Mateus 19.16-22

Sábado: Atos 2. 42-47

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Refletir sobre as exigências do Reino de Deus e a forma como nos relacionamos com a Igreja de Cristo.



Para início de conversa

Faça duas silhuetas de pessoas. Na primeira escreva: “quem engana”; na segunda, “pessoa enganada”. Dialogue com o grupo sobre os motivos e dilemas de quem engana e sobre as consequências que a pessoa enganada sofre. A seguir pergunte como a Palavra de Deus nos ajuda a lidar com essas situações tão presentes no cotidiano e com as pessoas que ora enganam, ora são enganadas. Prossiga com a aula.



Por dentro do assunto

Os quatro primeiros capítulos de Atos descrevem a unidade e a força da comunidade no projeto de proclamação do Reino de Deus. O episódio de Ananias e Safira começa a mostrar que nem tudo são flores. Desde a sua formação, a igreja esteve envolvida em conflitos de várias ordens e, por ser uma instituição

humana, não seria diferente. Ao relatar os conflitos, o autor de Atos quer ajudar a comunidade leitora na resolução das suas próprias dificuldades.

A história de Ananias e Safira trata de dois temas bem pertinentes: o amor ao dinheiro e a omissão diante das injustiças. A professora Ivoni R. Reimer (1992) afirma que “a ação de Ananias se caracteriza por autoafirmação contra os interesses comuns, a de Safira se caracteriza por falta de autodeterminação”. Assim esses dois personagens nos apontam projetos de vida que devem ser questionados diante do Reino de Deus: o bem comum é mais importante que a satisfação individual, o posicionamento pessoal em prol da justiça deve prevalecer em relação a omissão.

Ananias em sua relação deturpada com dinheiro promove mentiras e seduz pessoas para sustentar as suas negociações. Precisamos ter cuidado para não agir como Ananias, pois, às vezes, acreditando ser o certo, fazemos qualquer coisa para nos proteger, passamos dos limites e acabamos sendo instrumentos de morte na vida de outras pessoas. Não há nada que fique oculto aos olhos de Deus. Duras palavras, mas libertadoras

também, porque abrem a possibilidade de arrependimento, confissão e mudança de comportamento.

A professora Ivoni afirma que o nome de Safira, já no início da narração, pode pressupor uma exigência legal e nos ajuda a entender um pouco sobre o direito de posse das mulheres na relação conjugal: “parece que as mulheres, quando casavam, normalmente não traziam consigo bens imóveis. Mas quando isso acontecia, o marido só tinha o direito de administrar o imóvel, mas não de vendê-lo, a não ser que tivesse o consentimento e a permissão da mulher” (p.9). É bem possível que Safira tenha precisado assinar o contrato de venda. Ela destaca também que “através desse negócio, ela (Safira) estava desistindo da segurança que lhe cabia por direito. Safira estava, pois, disposta a desistir desse direito conjugal em prol da comunidade” (p.10). E por que se calou diante da injustiça?

De fato, não teremos uma resposta exata. O texto não nos responde e o que dissermos serão suposições. No entanto, vale destacar que o projeto do Reino exige de nós tomada de posição constante. Não adianta começarmos bem e não persistirmos nas escolhas certas. Os desafios de ser cristão e cristã se apresentam diariamente e as escolhas entre a vida e a morte se dão a todo momento. Onde buscar auxílio para permanecer firme? A graça divina nos capacita, nos perdoa e nos orienta nesse processo.

E essas escolhas são exercícios diários de dependência dessa graça.

O pecado nos mata e pode nos excluir da comunidade, mas vale destacar aqui que quem cuidou dos corpos de Ananias e Safira foram pessoas da comunidade. Elas retiraram os corpos e os enterraram. Vê-se aqui também a responsabilidade da comunidade em tratar com quem erra. O pecado deve ser enterrado, mas as vidas precisam ser cuidadas para ressurgirem quando Jesus voltar.



Por fim

Faça com o grupo a brincadeira “amigo de oração”, semelhante à do “amigo secreto”. Durante uma semana, cada pessoa ficará responsável por orar por outra, intercedendo para que ela vença as tentações que lhe roubam a paz e ameaçam seu caráter. Na aula seguinte, se desejar, tenha um momento de testemunhos sobre a experiência de orar e de receber oração.

Bibliografia

MESTERS, Carlos. Os conflitos no livro de Atos dos apóstolos: uma sugestão para o estudo. Revista Estudos Bíblicos, vol.03, 2ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MESTER, C., OROFINO, F. Atos dos Apóstolos. Círculos bíblicos. São Paulo / São Leopoldo: Paulus e Cebi, 2002, 2ªed.

REIMER, Ivoni R. Safira: o pecado das co-sabedoras. Série A Palavra na Vida. São Leopoldo/RS: Cebi, 1992.

Anotações



Unidade II

PARÁBOLAS

“Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo”. (Mateus 13.34-35)

Lição 14

O VALOR DO REINO

Texto bíblico: Mateus 13.44-46

A palavra *parábola*, do grego *parabolé* pode ser traduzida como “por coisas lado a lado”. As parábolas são narrativas que transmitem uma mensagem por meio de comparações. A Bíblia está repleta de parábolas. Jesus as utilizou para explicar algo desconhecido e difícil de compreender, isto é, o Reino de Deus, por meio de coisas conhecidas, isto é de elementos que faziam parte da realidade de quem o ouvia. Nesta edição da revista vamos estudar 5 parábolas contadas por Jesus e começamos nesta lição tratando de duas parábolas, o tesouro do campo e a pérola, que juntas expressam o valor inestimável do reino de Deus.





Fundamento bíblico

Na primeira parábola o lavrador encontra, numa propriedade que não era dele, um tesouro escondido. Esconder tesouros era uma prática comum na antiguidade. Era uma estratégia para ocultar tudo o que as pessoas não queriam que fosse encontrado, principalmente ouro e moedas (MACARTHUR, 2016, p.113). Se o terreno não fosse do trabalhador, o que ali fosse achado também não seria. Assim, não podendo se apropriar do tesouro, o lavrador da parábola se apropriou do próprio campo e de tudo o que ele continha, para poder enfim, tomar posse do tesouro; mas para isso, foi necessário desapropriar-se de outros bens, pois vendeu tudo o que tinha (v.44).

Na segunda parábola, o Reino dos céus é comparado à ação de um negociador de pérolas. Em busca das melhores, ele passa a negociar os valores, procurando também os melhores preços, os mais baixos (v.45), mas ao deparar-se com uma pérola como nunca antes fora vista, o homem nem perdeu tempo em pechinchar. Sabia que aquela valia o que lhe pediam e então, vendeu todos os seus bens e comprou a valiosíssima pérola (v.46).

Essas duas parábolas são conteúdos exclusivos do evangelho de Mateus. Elas apresentam dois personagens: um lavrador e um negociante de pérolas. Ambos estão em meio às suas atividades diárias, quando se deparam com

um tesouro. O lavrador não o procurava, mas o encontrou; o negociante, sempre esteve à procura e por conhecer o mercado das pérolas, quando encontrou o tesouro, não teve dúvidas que achara a mais valiosa pérola de todas. Nessas pessoas, vemos a representação da graça de Deus estendida a toda gente, o Reino se revela para quem o procura e para quem não procura.

Outra semelhança entre o lavrador e o negociante, foi a postura de ambos diante do tesouro encontrado: fizeram de tudo para obtê-lo. Ambos venderam tudo o que tinham para obter o melhor tesouro. Neste engajamento, houve desprendimento pela compreensão de terem obtido algo muito melhor do que até então sabiam que existia. Não se trata de valores materiais. Estes tesouros são concernentes às coisas espirituais; elas não podem ser compradas, são dadas graciosamente e nós podemos e devemos aceitá-las. No entanto, aceitar este tesouro, requer comprometer-se de forma integral, a ponto de abrir mão de tudo o que se era ou tinha antes dele. Esse é o chamado radical de Jesus aos seus discípulos e discípulas.



Palavra que ilumina a vida

Muitas pessoas procuram voluntariamente este Reino, todavia há aquelas que o encontram pelos caminhos da vida, nas circunstâncias mais diversas, como o

lavrador da parábola. Isso revela a beleza da graça de Deus que encontra todas as pessoas, enchendo-as de vida abundante, alegria, paz e sentido existencial.

Tanto na vida de quem busca o Reino quanto na vida de quem por ele é encontrado, o envolvimento com esse Reino produz radicalidades, a ponto de fazer com que quem o encontre deixe tudo por ele. As pessoas que não entendem o seu valor podem não compreender, todavia quem o encontra, enche-se de alegria. Assim foi com o lavrador (v.44).

Jesus contou as parábolas do lavrador e do comprador de pérolas para orientar seus discípulos e discípulas sobre o valor do Reino de Deus e desafiá-los a se envolverem com ele. Esse mesmo desafio permanece aberto a nós. Que lições podemos tirar dessas narrativas, a fim de vivermos as verdades do Reino de Deus?

- *Que o encontro com o Reino de Deus fornece segurança e paz, mesmo diante das preocupações diárias (Mateus 6.25-34).* Diariamente nos deparamos com milhares de situações que tentam tirar a nossa atenção do Reino (Mateus 6.25; 27-28). O convite de Jesus é para que nos revisitemos da segurança do Reino, ao invés de nos deixarmos paralisar pelas preocupações diárias. “Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?” (v.27). Contudo, quando buscamos o Reino de Deus e lutamos contra as injustiças, Deus nos dá tudo o que precisamos (v.33).

O Reino de Deus, como já dito, é um valor que traz satisfação plena à existência e confiança no sustento divino. O Mestre sempre denunciou a preocupação excessiva com questões de vestuário e sobrevivência; tais preocupações, como apresentadas em Mateus 6.25-34, podem nos aprisionar numa vida de ansiedade, algo danoso, pois nos priva, pelas preocupações constantes e pelo excesso de ansiedade, de uma vida mais tranquila, de um tempo de qualidade com a família, bem como de um envolvimento coerente na sociedade e na igreja como parte de nosso testemunho cristão.

- *Que buscar o Reino é encontrar realização, mas também é compromisso e renúncia.* O Reino de Deus, revelado em Jesus, traz sentido e completude à vida, por isso o lavrador e o comprador de pérolas abandonaram tudo por um bem de maior valor. E esse é o convite que Jesus faz a todas as pessoas: encontrar sentido no Reino de Deus. Viver por esse Reino é encontrar o que é essencial à vida, por isso não há espaço para inquietações quanto ao amanhã (Mateus. 6.34).

Além disso, o envolvimento com o Reino de Deus traz sentido porque nos conecta com outras pessoas na luta pela justiça. O envolvimento com o Reino produz justiça, que não é um valor abstrato, mas se manifesta na horizontalidade da vida, no relacionamento das pessoas entre si. Em outros termos, o encontro com o Reino produz encontro com o próximo e engajamento social.

Não há como se definir como discípulo e discípula de Cristo, ficando indiferente às pessoas e aos dramas que tocam o mundo e a sociedade. Como testemunhas do Reino, podemos ser sinal de graça e justiça nos espaços onde estamos, ajudando pessoas e famílias a encontrarem sentido para a vida em Jesus e no anúncio do seu Reino. De igual modo, somos chamados e chamadas a nos envolver com os problemas que tocam os bairros e cidades onde vivemos, com vista a levar a estes lugares os sinais de esperança trazidos pelo Reino: paz, amor, justiça, compaixão e fé.

Tal como o lavrador desejou conquistar aquele campo para então possuir o tesouro, assim somos nós diante do Reino de Deus. Ele já é nosso por herança. Em parte já o temos, pois o Reino está entre nós (Lucas 17.20-21), mas em parte ainda não. Só o teremos efetivamente na Glória do Pai (Mateus 25.34). Contudo o possuímos pela fé, mas para isso, outros bens precisam ser deixados, a fim de que sejamos aptos e aptas para alcançar esse bem maior (Mateus 19.23-30).

O valor que damos ao Reino de Deus se revela nas atitudes que temos em relação a ele. Isso nos leva a perguntar:

qual tem sido nosso compromisso com o Reino de Deus?



Conclusão

Com as parábolas da pérola e do tesouro aprendemos que o valor do Reino de Deus é inegociável. Nenhum bem deste mundo pode comparar-se ao seu valor ou ao seu efeito em nossa vida. Feliz é o homem e a mulher que o adquire. Alcançá-lo não é fácil; exige esforço (Mateus 11.12), abnegação (Marcos 8.34-37), entrega (Lucas 9.62). Contudo é a melhor conquista.



Para conversar

Que meios a Igreja pode usar para ajudar na sinalização dos valores do Reino de Deus no espaço onde está inserida?



Leia durante a semana:

Domingo: Mateus 13.44-46

Segunda-feira: Lucas 17.20-21

Terça-feira: Mateus 6.25-34

Quarta-feira: Marcos 8.34-37; 10.15

Quinta-feira: Mateus 11.12

Sexta-feira: Mateus 25.31-40

Sábado: Romanos 14.17



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Mostrar o alto valor do Reino de Deus na vida de quem o encontra e as diferentes circunstâncias em se pode encontrá-lo; apontar que o valor que damos a este Reino se revela nas atitudes que temos em relação a ele.



Para início de conversa

Inicie a aula com a seguinte pergunta: Se alguém lhe desse um cheque assinado em branco ou um cartão de crédito sem limites para gastar, quais seriam as três coisas que você imediatamente compraria? Você pode também imprimir previamente um modelo de cheque em branco ou cartão de crédito e entregar a cada participante da classe propondo a mesma questão. Depois de ouvir a classe e observar as diferenças nas escolhas, pontue que as coisas dessa terra têm valor diferenciado de pessoa para pessoa; já com relação ao Reino de Deus, seu valor é único, mas também muda com relação à percepção que cada pessoa tem dele. Introduza a lição.



Por dentro do assunto

O Reino de Deus

O termo Reino de Deus é frequentemente utilizado nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) para designar o tema central da missão de Jesus. É por isso que vemos o Mestre referindo-se inúmeras vezes a este tema nestes evangelhos. Já em outros livros do Novo Testamento a expressão Reino de Deus não ganha tanta notoriedade.

Mateus é um dos evangelistas que mais dá ênfase à mensagem do Reino de Deus, sendo que este Reino é sempre associado ao tema da justiça.

Uma ou duas Parábolas?

Uma pergunta que surge quando estudamos Mateus 13.44-46 é se estamos frente a uma ou duas parábolas, sobretudo porque os temas tratados sugerem ser de universos distintos: campo e comércio. No verso 44 temos como personagem um lavrador e o universo que situa a história é o campo. Este encontrou, por acaso, um tesouro. Já nos versos 45 e 46 o personagem é um negociante ou comprador de pérolas.

Implicitamente o texto parece sugerir que universo desta parábola é um ambiente de negócios/comércio; o personagem estava a procura de algo e o encontrou: uma pérola preciosa.

Essas questões parecem sugerir que estamos diante de duas histórias diferentes, mas o evangelista as une por sua temática principal: o Reino dos Céus ou o Reino de Deus. O propósito dessa união das duas parábolas é demonstrar o valor do Reino e sua preciosidade, pois, tanto o lavrador como o comprador de pérolas, ao encontrarem um bem de maior valor deixaram tudo por aquilo que encontraram.

Essa questão da renúncia de algo por um bem maior é importante na lição, pois revela a atitude que Cristo espera daqueles e daquelas que se envolvem com o Evangelho de Cristo, comprometidos(as) com a mensagem do Reino. O encontro com o Evangelho requer das pessoas cristãs renúncias e isso acontece mediante o reconhecimento do valor do Reino. Em outros termos, o encontro com o Evangelho do Reino requer do cristão e da cristã assumir uma nova identidade, novos propósitos para orientar sua vida – pois o Evangelho cria novos valores: fé, paz, amor, justiça, misericórdia ...

As parábolas espelham o valor do Reino de Deus. Ele é como um tesouro oculto no campo; oculto para algumas pessoas que o rejeitam, mas revelado a quem se abre a ele ou o procura de todo

o coração. Possuir o Reino também exige renúncia e compromisso de quem o encontra. Por isso a atitude do lavrador e do vendedor de pérolas de oferecer tudo a fim de adquirirem bem de maior mais valioso. Para Mateus esse compromisso é o compromisso com o Evangelho da justiça.

O Reino de Deus e as ansiedades diárias

A narrativa de Mateus 6.25-34 se liga ao texto de Mateus 13.44-46 pelo tema do Reino de Deus, apesar de ser forte na passagem a discussão sobre as preocupações quanto à comida e vestimentas, realidades ligadas à preocupação primária da humanidade em todas as épocas, assim como em nossos dias.

Quando se vive num sistema injusto é natural que a preocupação quanto à sobrevivência salte à mente das pessoas, sobretudo das que vivem em situação de vulnerabilidade, como as pessoas empobrecidas, mas o Reino de Deus é a esperança da construção de um sistema mais justo para todas as pessoas.

Aquele e aquela que se envolve com o Reino deve buscar comprometer-se com essa construção do Reino de justiça, onde não haverá espaço para desigualdades. Assim, os discípulos e discípulas de Cristo são chamados(as) a não se orientar pelas preocupações diárias, mas pelos valores do Reino, que significa possibilidade de realização e sustento para todos(as).



Por fim

Conclua a aula dialogando com o grupo algumas situações que tem sido motivo de preocupação. Pontue que elas, muitas vezes, desviam o nosso olhar dos propósitos do Reino. Orem por estas preocupações, lançando-as nas mãos de Deus.

Bibliografia

CHAMPLIM, R.N. Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Lucas. São Paulo: Hagnos, 2002.

MACARTHUR, John. O Tesouro Escondido: As parábolas de Jesus comentadas por John MacArthur: Os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador. Thomas Nelson Brasil/Vida Melhor Editora S/A: Rio de Janeiro, 2016, 256pp.

MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1983.

PIKAZA, J. A Teologia de Mateus. São Paulo: Paulinas, 1978.

STORNILOLO, Ivo. Como ler o Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulus, 2003.

Anotações

Lição 15

JOIO E TRIGO CRESCENDO JUNTOS

Texto bíblico: Mateus 13.24-30 e 36-43

Num sentido mais amplo, a história do trigo e do joio pode ser considerada uma parábola, mas a pesquisa bíblica afirma que, por conta da sua complexidade, ela deve ser classificada como alegoria. A parábola, muito presente na literatura judaica, é sempre mais simples, usada para enfatizar uma única verdade. A alegoria, pertencente a literatura grega, é mais complexa, nela cada termo tem uma comparação. Ao lermos a história contada por Jesus, isso fica bem explícito, pois o próprio Mestre explica cada termo da alegoria: o semeador é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do Reino; joio são os filhos do maligno; o inimigo é o diabo; a ceifa é a consumação dos séculos e os ceifeiros são os anjos (Mateus 13.36-43).



Fundamento Bíblico

Ainda que essa alegoria traga em si um conteúdo escatológico, ou seja, referente ao final dos tempos, sua principal intenção é nos mostrar que, até que venha o dia do Senhor, nós devemos aprender a conviver com as pessoas, especialmente aquelas que não desejamos ou que não reconhecemos dignas de convivência. Não cabe a nós julgar, cabe a nós conviver.

Tudo havia sido planejado para uma boa plantação, o senhor da terra escolheu a boa semente, preparou a terra e a plantou. Enquanto seus trabalhadores dormiam veio o inimigo e semeou uma semente ruim. Assim, no mesmo solo passou a crescer o joio e o trigo.

O trigo é a base da alimentação de boa parte da humanidade, ele era essencial na alimentação judaica, por isso figura nas Escrituras como símbolo de bondade e da provisão de Deus (Novo Dicionário da Bíblia, 2006, p.1355). Ele era um simbolismo dos filhos e filhas de Deus.

A palavra joio era usada para nomear qualquer erva ruim, mas especificamente no texto de Mateus ela se refere, provavelmente, ao joio barba-do-que, quando ainda está na erva, se assemelha muito com o trigo, diferenciando-se facilmente apenas na época da colheita quando os grãos já aparecem. Este joio servia apenas como ração para as galinhas e "semear joio em campo alheio com o propósito de

vingar-se era um crime segundo a legislação romana" (Idem, p.711).

Os trabalhadores, conhecendo o zelo do patrão, se assustaram ao ver o joio que crescia (Mateus 13.27), indignados por tudo o que tinha acontecido e, com o intuito de preservar a pureza da plantação, queriam arrancar a erva ruim que crescia (v.28). De fato, o senhor da lavoura era muito zeloso, e foi por isso que não deixou que o joio fosse arrancado. Não se sabia ao certo quem, como ou quando o joio tinha sido semeado, o que se sabia era que havia sido um inimigo, alguém que queria promover discórdia, prejudicar a plantação e afetar a colheita. Todas as atitudes quanto à limpeza seriam tomadas apenas no tempo da colheita e sob a ordem do patrão que daria as instruções necessárias.

Essa alegoria encontra-se em meio às parábolas que tratam do reino de Deus, é parte do bloco de ensinamentos de Jesus sobre o quão diferente este reino é da sociedade da época. De todas as histórias contadas enquanto Jesus ensinava, parece que a alegoria do joio e do trigo incomodou os discípulos, que pediram que Jesus explicasse o que de fato ele estava querendo dizer. Assim nos versículos 36 a 43 podemos ler, de forma bem direta, a explicação de Jesus.

"O inimigo que semeou é o diabo" (v.39). Ele é descrito na Bíblia como aquele que entra nos corações das pessoas, chamadas aqui de joio (v.38), e as direciona a caminhos pecaminosos.

Foi isso que o inimigo fez com Judas Iscariotes ao entrar em sua vida; Judas tornou-se um adversário na caminhada dos demais discípulos e discípulas, principalmente do próprio Cristo (Lucas 22.3-4). O mesmo aconteceu com Ananias; o inimigo semeou e sua semente maligna caiu no coração deste discípulo, levando a mentir para Deus (Atos 5.3).

Ao ser arrancado, o joio seria atado em feixes e posto para secar, a fim de ser levado ao fogo. Viraria lenha. Jesus compara então essa prática aos acontecimentos do final dos tempos, quando as pessoas justas e injustas, boas e más, receberão, das mãos do Justo Juiz, cada uma a recompensa por suas obras (Mateus 13.40-43).



Palavra que ilumina a vida

Nos tempos de Jesus encontramos tentativas de separação das pessoas fiéis, perseverantes e que procuravam a santificação em Deus das que viviam contrárias a isso. O movimento dos fariseus desejava a separação das pessoas pecadoras do meio da comunidade das pessoas “fiéis”. Só que consideravam pecadoras todas as pessoas que não agiam como eles! Zelavam pela lei, mas não tinham misericórdia para com as demais e assim lançavam sobre muitas delas seus julgamentos.

Por outro lado, os discípulos e discípulas de Jesus viviam uma situação de

confronto: eram os filhos e filhas da luz, vivendo no meio dos filhos e filhas das trevas. Adoravam ao Deus verdadeiro, no meio do paganismo e da idolatria. Ansiavam pela retidão, numa sociedade pecaminosa. Queriam continuar a missão de Cristo, mas eram barrados pelos judeus que estavam presos a uma religiosidade vazia, improdutiva e cheia de leis para serem cumpridas.

Talvez pensassem que seria mais fácil servir a Deus se as pessoas más fossem arrancadas. Mas se Jesus tivesse separado os seus seguidores e seguidoras das pessoas de má conduta, como elas receberiam a mensagem da salvação? Seria negar-lhes a oportunidade de também serem salvas. Sem contar que o próprio Cristo, em muitos momentos, fazia a opção, por amor, de estar próximo de quem provavelmente fosse classificado como “joio” por quem se considerava “trigo”.

Em muitos momentos da vida nos comportamos como estes trabalhadores: queremos arrancar o joio (v.28). E, muitas vezes, o fazemos por acreditar que arrancar do nosso meio alguém que age de forma equivocada, é o melhor a fazer para corrigir uma situação ruim. Assim, desejamos retirar a má semente para fortalecer as boas. Jesus explica que não é assim que devemos agir.

Nossas sentenças e ações também se transformam em sementes que quando lançadas no campo, ao invés de melhorar a situação, trazem ainda mais

confusão e, por vezes, perdemos uma planta boa por atitudes precipitadas, impensadas.

Também não podemos acreditar que temos condições de prever qual semente dará o bom ou o mau fruto. Não é nossa a tarefa do julgamento e do juízo. Muitas vezes, onde menos se espera, Deus faz coisas novas e uma pessoa com atitudes duvidosas, com má conduta, se transforma em uma nova semente, capaz de produzir novos frutos.

Os seres humanos, diferente das sementes de trigo e de joio, mediante a graça de Deus, podem ser transformados, regenerados completamente. Por isso, encontrar o “joio no meio do trigo” não pode ser motivo para desistência. Não devemos deixar de semear! (Salmo 126).



Conclusão

É preciso ter cuidado. Em nossos julgamentos, corremos o risco de agir conforme nossas impressões, sem nos assegurarmos do que é verdadeiro ou não, correto ou não. Estamos sempre interpretando as situações, as pessoas, e rapidamente julgamos a partir do que vemos e ouvimos. Geralmente, no ato

de julgar, o nosso ponto de vista é o que conta, principalmente quando algo ou alguém se contrapõe ao nosso modo de pensar.

Somos constantemente levados e levadas a querer corrigir as coisas à nossa própria maneira. Entretanto, não damos conta de prever as consequências das nossas ações. Sempre encontraremos pessoas que se oporão a nós e não nos compete escolher quem deve conviver conosco ou não. Não se faz justiça praticando a injustiça. A colheita pertence ao único justo, amoroso e verdadeiro Juiz: Jesus Cristo.



Para conversar

Como temos olhado e tratado as pessoas que se opõem a nós?



Leia durante a semana

Domingo: Mateus 13.24-30; 36-43

Segunda-feira: Mateus 12.1-23

Terça-feira: Romanos 2.1-16

Quarta-feira: João 8.7

Quinta-feira: 1João 1.8-10

Sexta-feira: Tiago 4.12

Sábado: Lucas 6.37-38



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Analisar a parábola do joio e do trigo, percebendo a diferença entre justiça e julgamento.



Para início de conversa

Providencie dois copos transparentes com água: em um misture açúcar, no outro um pouco de sal e algumas gotas de limão ou vinagre. Pergunte ao grupo se ao olharem para os copos observam neles alguma diferença. Em seguida você poderá convidar duas pessoas para que provem, cada uma de um copo, e relatem o que há no conteúdo, ou simplesmente explique o que foi feito à água. Pontue que assim como não conseguimos saber exatamente o que há nos copos olhando seu exterior, assim também não podemos saber o que vai no interior das pessoas. Ainda que o exterior nos indique algumas características, o interior delas só Deus conhece, e cada uma dará conta a Ele. Precisamos aprender a conviver com todas as pessoas. Explique que esta é a temática da parábola do joio e trigo, leia o texto bíblico e comece a aula. (Dinâmica adaptada.

Disponível em: <https://goo.gl/YRfHNA>. Acesso em 08/12/2017.)



Por dentro do assunto

A alegoria do joio e trigo é específica de Mateus e assim como outras parábolas descritas no capítulo 13, também fala sobre a realidade do Reino dos céus, pontuando que embora a sementeira já tenha sido feita, ainda não estamos no tempo da colheita (WITTER, 1993).

O texto de Mateus é resultado de um processo que buscava diferenciar o grupo que obedecia a Lei por meio do ensino de Jesus, daqueles movimentos que buscavam cumprir a vontade de Deus de outra maneira. Isso porque a Galileia daquela época era palco de intensas lutas religiosas em que diferentes grupos judaicos, inclusive a comunidade de Mateus, buscavam definir sua identidade e assumir o posto de autoridade na interpretação da Lei e no cumprimento da vontade de Deus.

Em meio a essas lutas religiosas surgem os fariseus que, com o objetivo de unir todo o povo judeu debaixo de seus ritos de purificação, perseguiram as pessoas que se opunham a eles, sob a ideia

de quem não se comportasse como eles, deveria ser excluído(a) de todas as maneiras possíveis.

É combatendo essa ideia que a alegoria do trigo e do joio ganha força, pois as palavras de Jesus são usadas para ensinar às pessoas cristãs da época e também às de hoje, que não podemos ser como os fariseus, em suas atitudes excludentes. É por isso que na alegoria, nos é apresentado o seguinte cenário: O Filho do Homem plantou (vv.24 e 37) os filhos do reino neste mundo (vv.24 e 38), mas em um determinado momento o diabo colocou entre as boas sementes, os filhos do maligno (v.25,39). Para que erros não fossem cometidos, o que plantou a boa semente decidiu que a separação entre os filhos, só poderia ser feita no momento da colheita e por quem Ele determinasse (29-30, 39-42).

Assim, Cristo quer mostrar que essa separação entre os diferentes tipos de pessoas só pode ser feita por Deus e acontecerá no momento em que Ele determinar, pois nós não podemos decidir quem tem ou não aptidão para integrar o Reino. Isso só cabe a Deus.

Apesar de termos características diferentes, nossa realidade é bem parecida com a da comunidade de Mateus. Temos nossos grupos de convivência que determinam parte de nosso comportamento social. Aprendemos por meio das interações como nos comportar em determinada situação, como falar ou iniciar uma conversa, como

expressar o nosso entusiasmo. Assim como nós aprendemos essas diretrizes de comportamento, outras pessoas aprenderam diretrizes diferentes, ou seja, vivemos entre diferentes grupos sociais, que trazem consigo diferentes maneiras de se comportar.

E diante dessa realidade, muitas pessoas assumem para si o título de detentoras da verdade e do comportamento certo. É por isso que muita gente passa diariamente por processos de exclusão e essa situação se torna mais grave quando percebemos que esse tipo de exclusão acontece dentro da igreja do Senhor, pois infelizmente a cada dia, tem aumentado o número de pessoas que são afastadas de espaços de comunhão e de adoração a Deus, simplesmente pelo fato de não demonstrarem os mesmos frutos que nós. Mas a alegoria do joio e do trigo nos mostra que não cabe a nós afastar essas pessoas, só porque elas não se encaixam em nosso perfil. Isso cabe ao Senhor fazer.

Nossa postura deve ser a de testemunhar o Reino por meio de nossas atitudes. Em muitas situações, as pessoas não terão o desejo de viver realmente a vontade do Senhor e isso será visível. No entanto, é Deus quem conhece os corações e as situações e por isso Ele deve determinar quem está ou não dentro de suas diretrizes. Não podemos assumir uma postura de fariseu e afastar as pessoas que achamos estarem erradas. Precisamos reviver o testemunho da

comunidade de Mateus, o testemunho do Evangelho e mostrar para as pessoas que no fim, o Senhor determinará tudo conforme sua vontade.

Por fim

Orem juntos buscando de Deus sabedoria para lidar com as situações e pessoas difíceis de lidar.

Bibliografia

Entendendo as parábolas de Jesus. Flâmula Juvenil. Ano 37, nº 2, 1991. Publicada sob a responsabilidade do

Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Imprensa Metodista.

POTHIN, Elton P. Mateus 13.24-30, 36-43 - O Joio e o Trigo. Disponível em: goo.gl/UtNLLb. Acesso em 10/11/2017.

Rosa, Luiz da. O que seria a semente de joio?. Disponível em: goo.gl/u88s7G. Acesso em 21/11/2017.

WITTER, Valdemar. Mateus 13.24-30 (36-43). Auxílio homilético. Proclamar Liberdade - Volume: XVIII. Disponível em: goo.gl/mJnbZT. Acesso em 05/12/2017.

Dinâmica dos copos d'água: Disponível em: <https://goo.gl/YRfHNA>. Acesso em 08/12/2017.

Anotações

Lição 16

PERSEVERANDO NA ORAÇÃO

Texto bíblico: Lucas 18. 1-8

A parábola do juiz iníquo, presente apenas no evangelho de Lucas, tem a sua intenção explícita já no primeiro versículo: ela quer ensinar sobre “o dever de orar sempre e nunca esmorecer”. Quem perseverou? A viúva ou o juiz? Quem esmoreceu? O juiz ou a viúva? Uma rápida leitura do texto nos permite concluir que talvez o melhor título para essa parábola não seja “o juiz iníquo”, mas “a viúva persistente”; ela sim é o modelo que deve inspirar a nossa vida de oração.





Fundamento Bíblico

Essa parábola é mais um dos ensinamentos encorajadores de Jesus para seus discípulos e discípulas; diante das injustiças, dos sofrimentos e opressões, eles não deveriam esmorecer, mas permanecer firmes, sem se deixar vencer pelas injustiças.

Os personagens desta parábola estão em lados opostos: enquanto o juiz é a representação do poder, da opressão, a viúva é a representação de quem está oprimido(a). O juiz que deveria ser justo, atender o povo e, especialmente as pessoas menos favorecidas, como aquela viúva, era injusto e desrespeitoso. “Não temia a Deus, nem respeitava homem algum” (v.2), isto é “isolado na própria arrogância, o juiz não temia quem estava acima e nem quem estava abaixo” (Bíblia de Estudo da Reforma, 2017, p.1726).

A mulher que atravessou o caminho do juiz era viúva, uma mulher que vivia em situação de vulnerabilidade. A Bíblia mostra uma preocupação muito especial da parte de Deus para com as viúvas, visto que elas eram desprezadas pelos homens (Salmo 68.5;146.9). Assim, um sinal de exercício da religião verdadeira era o cuidado com as viúvas (Isaías 1.17; Tiago 1.27).

Ao que parece, essa viúva não tinha ninguém que intercedesse por ela e, mesmo vivendo em um ambiente desfavorável à sua condição de viúva, não

se intimidou. Ela, constantemente, ia ter com o juiz, expondo-lhe a sua necessidade: “julga a minha causa contra o meu adversário” (v.3). Ela sabia que, por si só, não teria condições de resolver seu problema, então, mesmo sabendo quem era o juiz, foi até lá e lutou pelo que queria.

Aquela mulher não encontrava com o juiz de vez em quando; segundo o próprio juiz, ela o importunava (v.5), estava sempre, constantemente requisitando-o. Ele sabia que não pararia por ali, ficou com medo de que ela o molestasse, do grego *hupopiazō*, que pode ser traduzido como espancar, bater tanto a ponto de provocar contusões e manchas roxas. Com medo de ser agredido e para ter a sua tranquilidade de volta, julgou a sua causa.

Jesus usa a imagem desse juiz iníquo para exaltar a santidade de Deus, que em nada se assemelha a esse juiz. Não há injustiça em Deus, não há má vontade em ouvir as súplicas, pelo contrário suas mãos estão estendidas e seus ouvidos atentos (Isaías 59.1), não há atraso nas respostas do Senhor. Ele é o Senhor do tempo.

“Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará porventura fé na terra?” (v.8) Aquela mulher é o modelo de fé dos discípulos e discípulas; ela não se conforma, pelo contrário, mesmo estando numa situação vulnerável, desfavorável, ela tem esperança, luta, persevera. Jesus conta essa parábola pouco antes de morrer, ele precisa que o grupo que

caminha com Ele não esmoreça, mas persevere. A confiança e a esperança são ingredientes fundamentais na vida de quem se diz discípulo(a) de Jesus.



Palavra que ilumina a vida

Refletindo sobre o tema da oração, presente na parábola da viúva, destaca-se que a oração é uma prática comum entre a maioria dos homens e mulheres de Deus citados na Bíblia. Por meio da oração os filhos e as filhas de Deus se aproximam de sua presença e rasgam seu coração, apresentando suas vidas e causas na presença daquele que pode lhes fazer justiça. A propósito disso, podemos aprender lições valiosas sobre a perseverança por meio da oração:

- *A oração nos alimenta diante das situações e realidade de desesperança (v.2-3).* O ser humano é conhecido por possuir enorme força interior, todavia diante de certas realidades que persistem sem solução é comum cair em desânimo. Os cristãos e cristãs podem também perder o ânimo frente aos desafios da vida ou situações de desesperança.

A fé em Deus, alimentada através da oração, pode representar importante instrumento na superação do desânimo e alcance dos objetivos. A viúva poderia ter desistido da sua causa logo de primeira quando experimentou as rejeições do juiz, todavia não se deixou levar pela desesperança de seu tempo com o

sistema de justiça. Continuou insistindo com o juiz para que ele julgasse sua causa e teve êxito em seu propósito.

Essa é uma grande lição para ser ensinada aos discípulos e discípulas do tempo presente, uma época em que cresce cada vez mais o número de pessoas decepcionadas com Deus por seguirem teologias e ensinamentos frágeis sobre a fé, não identificados com essa mensagem de oração e perseverança, da qual Jesus testemunhou na parábola. Como na história dessa viúva, ainda hoje a oração é um caminho valioso para encontrarmos forças e sustento no enfrentamento de situações de desesperança e injustiça manifestas em nossa sociedade, nas cidades e no cenário religioso do Brasil.

- *A oração nos ajuda a confiar na justiça de Deus diante do enfrentamento de sistemas poderosos ou injustos.* Quando o povo de Deus ora, certamente milagres acontecem. A oração toca o coração de Deus e de quem pode ser instrumento da efetivação de sua bênção em nossa vida e na sociedade. Como Jesus mostrou, se um juiz iníquo se dobra diante da insistência de uma viúva, quanto mais Deus que é o Justo Juiz, atenderá a oração de seus servos e servas fiéis e perseverantes.

Isso diz muito em uma sociedade baseada na força e influência, em que pouco se dá atenção a Deus e ao sobrenatural na vida. Neste sentido, quantos(as) de nós não perdemos tempo

buscando resolver as coisas com nossa força, recursos ou influências?! Como consequência, terminamos cheios(as) de cansaço e desesperança. Jesus nos convida a persistirmos em oração, crendo na vitória do Senhor sobre nossas vidas, sonhos e objetivos. Ele pode fazer cair por terra sistemas opressivos de poder e pode nos orientar a resistir, a denunciar a injustiça e a construir alternativas.

O texto de Lucas nos provoca ainda com relação ao nosso chamado profético de ajudar na construção de uma sociedade mais justa e humana, como testemunho de nosso compromisso com o Evangelho da paz e da justiça. A luta pela sinalização dos valores transformadores do Reino de Deus no mundo, tendo como horizonte o Shalom e a Justiça, não passa simplesmente pelo envolvimento social, mas pela união indissociável de uma ação transformadora e uma vida de oração capaz de gerar milagres na esfera individual e social.

Conclusão

No mundo presente temos muitas realidades sedutoras, que se apresentam para roubar de nós o tempo precioso de uma vida de oração na presença de

Deus. Como na história da viúva, temos diante de nós o poder da decisão: desistir ou persistir com fé em Deus, na direção de nossos sonhos, objetivos e busca pela justiça. Jesus nos dá a certeza de que através da fé e da oração podemos encontrar força na caminhada, sentido e esperança em nossas buscas diárias. Que nossa decisão seja de alimentar diariamente nossa vida de oração, para sermos, como a viúva, discípulos e discípulas perseverantes na presença de Deus em um mundo marcado pela injustiça e desesperança.

Para conversar

Compartilhe com a classe alguma situação em que você experimentou conquistas por meio da perseverança na fé e oração.

Leia durante a semana

Domingo: Lucas. 18.1-8

Segunda-feira: Mateus 7.7-11

Terça-feira: Hebreus 11.1-3

Quarta-feira: João 14.13-14

Quinta-feira: Romanos 8.24-26

Sexta-feira: Filipenses 4.6-7

Sábado: Isaías 41.10



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Mostrar a importância da perseverança na vida de oração; destacar que Jesus usou o exemplo da mulher para pontuar que a perseverança é o caminho para se conseguir o que se almeja; refletir sobre os desafios que atualidade apresenta quanto a esta prática na vida cristã.



Para início de conversa

Proponha à classe a seguinte questão: como você se define: alguém persistente ou que desiste facilmente? De um tempo para responderem à questão. Se desejar pode escolher uma canção que trate do tema da perseverança na oração, a fim de iniciar as discussões da aula. Sugestões de cântico:

- Não me deixes desistir (Ana Nóbrega): <https://goo.gl/DY53fk>
- Eu creio em ti (Paulo César Baruk): <https://goo.gl/n5WAFj>
- Não morrerei (Marquinhos Gomes): <https://goo.gl/4nTphB>

A partir da discussão, inicia a aula pontuando a importância da persistência na vida, diante de nossos objetivos.



Por dentro do assunto

O tema da justiça em relação ao juiz e à viúva

Justiça é um tema muito presente no livro de Lucas. De algum modo o autor busca demonstrar que a justiça foi corrompida pela ganância e injustiças humanas, sobretudo, as praticadas pelas pessoas poderosas, autoridades civis e religiosas que precederam e que viviam no tempo de Jesus.

Não é sem razão que a viúva aparece nesta parábola buscando justiça; ela é a imagem da vulnerabilidade das pessoas fracas, em meio a um sistema produtor de muitas injustiças e que levava pessoas, como uma viúva, a perderem seus direitos, tendo que reclamá-los nos tribunais, caso tivessem condições para isso. O Evangelho é apresentado como o poder de Deus que restabelece a justiça integralmente.

A propósito das viúvas, desde o Antigo Testamento se observa a construção de leis específicas para a proteção das mesmas (Êxodo 22.22; Deuteronômio 14.28-29; 24.19-21; 26.12-13; Isaías 1.17; Jeremias 22.3; Zacarias 7.10). As viúvas e as pessoas

órfãs aparecem lado a lado como figuras frágeis do sistema social, que deveriam ser sempre cuidadas e defendidas. Por isso, a Bíblia utiliza muito a dupla: “viúvas e órfãos” como alvo da proteção divina e objeto de leis em Israel (Deuteronômio 10.18; Salmo 68.5; 146.9; Provérbios 15.25). Assim, esperava-se assistência às viúvas por parte das pessoas que temessem a Deus, especialmente juízes e líderes (Isaías 10.2; Jeremias 7.6).

Não era o caso daquele juiz, fica explícito no texto que ele não era temente a Deus e não se preocupava com as pessoas, sua movimentação em relação àquela viúva acontece porque ela o importuna de forma que a sua paz está sendo afetada. Aquela mulher não o deixa em paz, sua necessidade, perseverança e desejo de alcançar justiça são tão grandes que a impulsionam a buscar os seus direitos.

A questão da viúva levanta a problemática de como um mundo injusto e egoísta deixa muitas pessoas, grupos ou setores em situação de vulnerabilidade social, sem ter quem os defenda. A viúva nos mostra que quem vive nessa situação não pode desistir da busca pela justiça, mas deve lutar para que seu direito seja estabelecido. Outra certeza que temos na parábola é que quem vive nessas condições pode ser desamparado(a) pelo sistema, todavia não é desamparado(a) por Deus, que ampara

e sustenta seus filhos e filhas em suas causas (Salmo 146.5).

O juiz e Deus

A parábola, utilizando-se de contraste, usa o exemplo do juiz para falar da intervenção de Deus em favor de seus filhos e filhas quando estes persistem firmes em oração em relação a suas causas. Deve-se ter cuidado na interpretação e associação do Juiz com Deus, já que o juiz na parábola é retratado como “injusto”, Deus por sua vez é descrito em toda a Bíblia como “justo” ou de “justiça”. O intuito da parábola é demonstrar que se um juiz injusto julga a causa da viúva, quanto mais Deus, que é justo agir. Este é justamente o contraste.



Por fim

Conclua a aula pontuando a importância da perseverança em nossas orações. Convide a turma para um tempo de oração resgatando alguma petição pela qual deixaram de orar.

Bibliografia

CHAMPLIM, R. N. Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Lucas. São Paulo: Hagnos, 2002.
MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1983.
STORNILOLO, Ivo. Como ler os Evangelhos de Lucas. São Paulo: Paulus, 1992.

Lição 17

O CONFRONTO DO ADMINISTRADOR

Texto bíblico: Lucas 16.1-13

As parábolas são parte das estratégias de Jesus para a proclamação do Reino de Deus e, de certa forma, assumem um tom escatológico apontando que a chegada do Reino provoca crises na vida das pessoas, no sentido de que o destino da humanidade está por definir-se; a chegada do Reino anuncia esperança para quem está debaixo do jugo e da opressão; afirma a misericórdia de Deus; requer o arrependimento das pessoas e a transformação de conduta. Existe nas parábolas de Jesus um desafio constante para um comportamento ético, íntegro por parte daqueles e daquelas que esperam, anunciam e constroem esse Reino. Quais são os desafios que a parábola do administrador infiel apresenta?





Fundamento Bíblico

No capítulo 16 encontramos as parábolas do administrador infiel (v.1-7), a explicação da parábola (v.8-13), o manejo do dinheiro e a Lei (14-17) e a parábola do rico e Lázaro (19-31). O versículo 18 deste capítulo traz orientações sobre o divórcio, num contexto diferente do que aparecem em outros evangelhos. Porque que será que o autor colocou tal orientação aqui? O tema do capítulo 16 é a relação entre o dinheiro e a Torá, assim, ao incluir o tema de um segundo matrimônio aqui pode significar que matrimônio e questões econômicas eram vistas como vinculadas (SCHOTTROFF, 2007, p.204). Então, do que se trata a parábola em questão nessa lição?

v.1-4: essa parábola, ainda que provoque reações dos fariseus por que eles eram avarentos (v.14), destina-se principalmente às pessoas que caminham com Jesus; assim essa história colaboraria para que elas refletissem e melhorassem cada vez mais sua maneira de seguir o Mestre. A história fala de um administrador que roubava, ao mesmo tempo, o seu patrão e os clientes do patrão. As pessoas ricas tinham administradores de bens. No caso do Império Romano, os administradores (*oikómonos*) eram escravos, mas não parece ser o caso nesta parábola (v. 3-4). Essa pessoa tinha uma certa liberdade para escolher e agir, e quando seu patrão descobre suas falcatruas, ele começa a

pensar em como preservar a sua vida e manter o seu sustento. Qual o caminho que ele escolhe?

v.5-7: Sua escolha, como aponta, DREHER (1979), “é fazer-se amigo através de uma manobra à primeira vista fraudulenta. Estes amigos poderão protegê-lo na hora do aperto, quando tiver que apresentar as notas de venda e as promissórias”. Azeite e trigo são elementos de primeira necessidade, portanto valiosos. As quantidades e valores são altíssimos: cem cados de azeite (cerca de 2200 litros que valem uns 1000 denários); cem coros de trigo (22.000 litros que valem 2500 denários). (Bíblia de Estudo Almeida, 1999, p.120 NT): Quanto ao azeite, há uma redução de 50% nas notas promissórias, quanto ao trigo, uma redução de 20%.

“Segundo o costume tolerado na Palestina naquela época, o administrador tinha o direito de conceder empréstimos com os bens do seu senhor. E, como não era remunerado, ele se indenizava aumentando, no recibo, a importância dos empréstimos. Assim, na hora do reembolso, ficava com a diferença como um acréscimo que era o seu juro. No presente caso, ele não havia emprestado, na realidade, senão cinquenta barris de óleo e oitenta medidas de trigo (Bíblia de Jerusalém, 2003, p.1818).

v.8: O patrão faz um elogio porque o administrador agiu “atladamente” (Almeida Revista e Atualizada). O que é uma pessoa atilada? Segundo o

Dicionário Houaiss (2004, p.334) atilado é quem é cumpridor de suas obrigações, correto, escrupuloso, esmerado, apurado, que tem juízo, sensato, esperto, vivo, dotado de sagacidade. O contrário de atilado é tolo. O administrador que antes roubava, assumiu uma nova postura.

No grego a palavra para atiladamente é *phoronimos*, que pode ser traduzido por prudentemente, sabiamente. Jesus reconhece a infidelidade do administrador, mas também a sua agilidade e capacidade de transformar a situação. Sendo este um discurso endereçado aos seus discípulos e discípulas, aos companheiros da missão, devemos ter em mente que Jesus quer desafiar os filhos e filhas da luz a ter agilidade e disposição para mudar as situações. Nossa motivação não é agir em benefício próprio, mas preservar o Reino, a Criação, trabalhar na expansão missionária.

Como? Podemos lembrar de um outro conselho de Jesus: “sede prudentes como a serpente e simples como a pomba” (Mateus 10.16). A serpente é hábil em proteger-se do perigo, está sempre atenta. E as pombas, proverbialmente, são símbolo de simplicidade e falta de malícia. Com essas características os discípulos e discípulas teriam atenção para não colocar tudo a perder e disposição para perseverar e não se deixar levar pela soberba ou pelo engano do dinheiro.

v.9-12. A partir do v. 9 Jesus explica a parábola e apresenta os desafios de conduta para quem o escuta. Vejamos:

Entre o dinheiro abundante e as pessoas, escolha as pessoas. É sabido que, no sistema que vivemos, uma riqueza abundante é, em sua maioria, construída a partir da exploração de pessoas mais empobrecidas. As diversas operações policiais que o Brasil vivencia mostram cifras altíssimas de dinheiro corrompido e extraído a custo da negação de recursos e direitos que o povo tenha uma vida mais digna. O que Jesus propõe é que o uso do dinheiro seja feito em benefício das pessoas. Em se tratando do evangelho de Lucas que tem preocupação especial com quem vive na pobreza, o dinheiro deve ser investido para bem-estar das pessoas empobrecidas.

Quanto à expressão “*vos recebam nos tabernáculos eternos*”, a Bíblia de Estudo Almeida aponta que o plural, possivelmente, seja usado para referir-se a Deus sem mencionar o nome divino. (p.120 NT). Além disso, ZWETSCH (2013), afirma que “o verbo receber, no grego *dexontai*, é empregado na forma passiva e refere-se a um ato de Deus”.

Fidelidade e justiça não podem depender de circunstâncias. Na geografia do evangelho de Lucas, Jesus começa o ministério na Galileia, na periferia, entre as pessoas pobres, e se dirige a Jerusalém, centro do poder econômico e religioso. A caminhada de Jesus com seus discípulos e discípulas tem, entre outras finalidades, a função de prepará-los para esse difícil momento. Assim, Jesus quer que entendam que independentemente da situação, da mais

simples à mais complexa, nós devemos ser fiéis- dignos(as) de confiança – e firmes nos princípios do Reino.

Palavra que Ilumina a Vida

Se, por um lado, o caminho do discipulado de Jesus é uma escolha – “se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lucas 9.23), por outro, ao escolhê-lo nos deparamos com o desafio da fidelidade, da exclusividade: “Ninguém pode servir a dois senhores;(…) Não podeis servir a Deus e às riquezas” (16.13). Os principais destinatários dessa parábola eram os discípulos e discípulas, portanto, nós, seus servos e servas.

Ao instruir a ter cuidado para não se comportar como aquele administrador, Jesus orienta também a usar o dinheiro em benefício de quem precisa. Devemos cuidar para que o nosso coração não preste mais reverência ao dinheiro do que a Deus. Isso não significa viver uma vida com sofrimento, passando necessidades. Essa não é a vontade de Deus; por outro lado, Ele também não espera que seus filhos e filhas esforcem-se dia e noite para acumular riquezas perecíveis na terra enquanto o verdadeiro tesouro – o Reino e suas verdades – deixa de ser valorizado.

O confronto ético chegou à vida daquele administrador infiel e, ainda que não saibamos o que aconteceu com ele,

se alcançou misericórdia do seu patrão e das pessoas que roubou, o que temos certeza é que nosso Deus nos dá graça para superar as nossas falhas e transformarmos o nosso caráter, a nossa conduta.

Conclusão

Não podemos e nem devemos fugir dos confrontos éticos que o Espírito Santo nos proporciona porque, como afirma Paulo, “não recebemos o espírito de escravidão, para viver, outra vez, com temor, mas recebemos o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai” (Romanos 8.15). Podemos clamar Aba, Pai. E Deus, que não é patrão, mas um maravilhoso Pai, nos orientará.

Para conversar

Como a igreja de Jesus Cristo hoje tem se relacionado com as riquezas? Quais os desafios a serem superados nesse tema? Como fazê-lo?

Leia durante a semana

Domingo: Lucas 16.1-13

Segunda-feira: Provérbios 17

Terça-feira: Eclesiastes 5.8-20

Quarta-feira: Eclesiastes 6

Quinta-feira: Marcos 12.41-44

Sexta-feira: Lucas 9.1-6

Sábado: Salmo 127



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Analisar a postura do administrador na parábola contada por Jesus; dialogar sobre a maneira com que lidamos com o dinheiro.



Para início de conversa

Distribua lápis e papel para a turma. As pessoas terão apenas 30 segundos para responder cada uma das questões abaixo:

- Se você fosse para uma ilha deserta o que levaria?
- Se ganhasse 100 mil reais o que compraria?

Após responderem, peça para que analisem a natureza das suas respostas e vejam quantas delas estão atreladas a bens de consumo, a supérfluos e coisas do gênero. Quem desejar pode partilhar as suas respostas. Conclua falando sobre a dificuldade de nos desprendermos dos bens materiais e também que muitas vezes, por inúmeros motivos – entre eles a falta ou o excesso de dinheiro e privilégios – vamos estabelecendo relações

equivocadas com o dinheiro. Isso era uma preocupação de Jesus enquanto preparava seus discípulos e discípulas. Ele sabia o quão venenoso o dinheiro poderia se tornar para as relações pessoais e para a espiritualidade. Judas, um dos seus discípulos, é um exemplo disso. Passe ao assunto da lição. Apresente o administrador como alguém que também possuía uma relação muito deturpada com o dinheiro.



Por dentro do assunto

A seguir trazemos algumas colaborações da pesquisa bíblica sobre o texto. Sugerimos que você leia os auxílios homiléticos listados na bibliografia.

O contexto: Segundo DREHER (1979): “nosso texto é precedido pela parábola dos dois filhos. Jesus dirige-se a seus discípulos, mas os fariseus, aos quais ele até agora se dirigira, não desaparecem do cenário. O uso do termo esbanjar em 15.13 e 16.1 relaciona os dois textos. O esbanjamento de bens a eles confiados é o que relaciona o filho mais jovem (da parábola do pródigo) e o administrador. Um volta ao pai, o outro devolve o que tirara a mais dos outros.

O administrador sucumbe ante a questão da propriedade, que é formulada também no final da parábola dos dois filhos (v. 31: tudo que é meu, é teu), surgindo assim a pergunta: Como é que a propriedade é administrada de maneira correta? Em 14.26-35 foi exigida, dos discípulos, a desistência de toda e qualquer propriedade, agora eles são instruídos a esse respeito. No texto subsequente ao nosso, na parábola do rico e de Lázaro, a temática de nosso texto é continuada”.

O administrador: Segundo DREHER (1979): “para Lucas os pecadores não são pessoas que falharam perante a lei, mas pessoas que falharam em relação à propriedade (Lc 19.8; 15.13-30) (cf. Goppelt, *Theologie des NT*, Vol. II, p. 616s). O administrador que falhara diante de seu senhor, sendo mau administrador, mostra seu arrependimento, devolvendo ao próximo aquilo que dele tirara, demonstrando-se como administrador ao qual o senhor pode louvar. Até agora ele fora um administrador daquilo que em si é mau (*oikonomos tes adikias é genitivus qualitatis*). Arrependendo-se ele age de maneira sábia, isso pode-se aprender dele já que o juízo de Deus está prestes a irromper. Sábio é o homem que em meio a uma vida passageira não se esquece que o reino, o domínio de Deus está próximo (cf. Lc 12,42ss; Mt 7,24s)”.

Uma mensagem para discípulos e discípulos: Segundo ULRICH (2001): “ser discípulo/discípula é saber abrir mão

de privilégios. É saber devolver aquilo que foi cobrado injustamente. É ser fiel e justo no pouco. É saber partilhar com os necessitados. Seguir a Jesus significa segui-lo na cruz. É colocar-se realmente como pessoas e comunidades que estão a caminho, apenas administrando aquilo que Deus tem dado. Por isso, a contribuição, as ofertas são apenas um sinal do muito que Deus nos tem dado para viver (...). Como administrar para que as riquezas não se tornem pedra de tropeço? Como administrar para que outras pessoas não venham a sofrer por causa da nossa má administração? Os(as) seguidores(as) de Jesus precisam ficar vigilantes, administrando e percebendo a necessidade dos pobres”.

O dinheiro (v.13): Segundo ZWETSCH (2013), “para Lucas, que se fundamenta aqui no judaísmo e na profecia do Antigo Testamento, o dinheiro não era moralmente neutro. Ele é ‘dinheiro da iniquidade’. As duas parábolas do capítulo 16 mencionam estes aspectos: riqueza iníqua, gastos excessivos ou consumo ostensivo, desprezo pelo semelhante. Ricos, riqueza, ostentação e desprezo ou indiferença pelo semelhante são inseparáveis do ‘dinheiro da iniquidade’. Ora, se vivemos num mundo movido pelo dinheiro, todos nós vivemos implicados em relações de iniquidade. O que nos pode salvar dessa determinação? Somente relações de justiça e redistribuição livre e gratuita sem expectativa de retorno. Deus ou as riquezas colocam

em oposição dois sistemas econômicos antagônicos e, talvez se possa dizer, excludentes: são modos diferentes de estruturar os relacionamentos interpessoais e sociais. No texto, bem ao estilo da visão apocalíptica, são alternativas absolutas”.

Por fim

Conclua com a questão da seção “Para conversar”.

Bibliografia

BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Almeida. (RA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Dicionário Houaiss. São Paulo: Editora Objetiva, 2004.

DREHER, Martin Norberto. Lucas 16.1-9. Auxílio Homilético. In: Proclamar a libertação, vol.04, 1979. Disponível

em: <https://goo.gl/UXamgU>. Acesso em 05/12/2017.

SCHOTTROFF, Luise. As parábolas de Jesus, uma nova hermenêutica. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

RAMOS, Luiz Carlos. Um patrão muito esquisito. Sermão pregado pela primeira vez na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, aos 14 de setembro de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/bxVgsb>. Acesso em 27/11/2017

ULRICH, Carlos Luiz. Lucas 16.1-13. Auxílio Homilético. In: Proclamar a libertação, vol.26, 2001. Disponível em: <https://goo.gl/7yWu7M>. Acesso em 05/12/2017.

ZWETSCH, Roberto. Lucas 16.1-13. Auxílio Homilético. In: Proclamar a libertação, vol.37, 2013. Disponível em <https://goo.gl/DvkuzN>. Acesso em 05/12/2017.

Anotações

Anotações



Unidade III

SERMÕES DE JOHN WESLEY

"A conversão tira o cristão do mundo; a santificação tira o mundo do cristão". John Wesley

Lição 18

QUASE CRISTÃOS

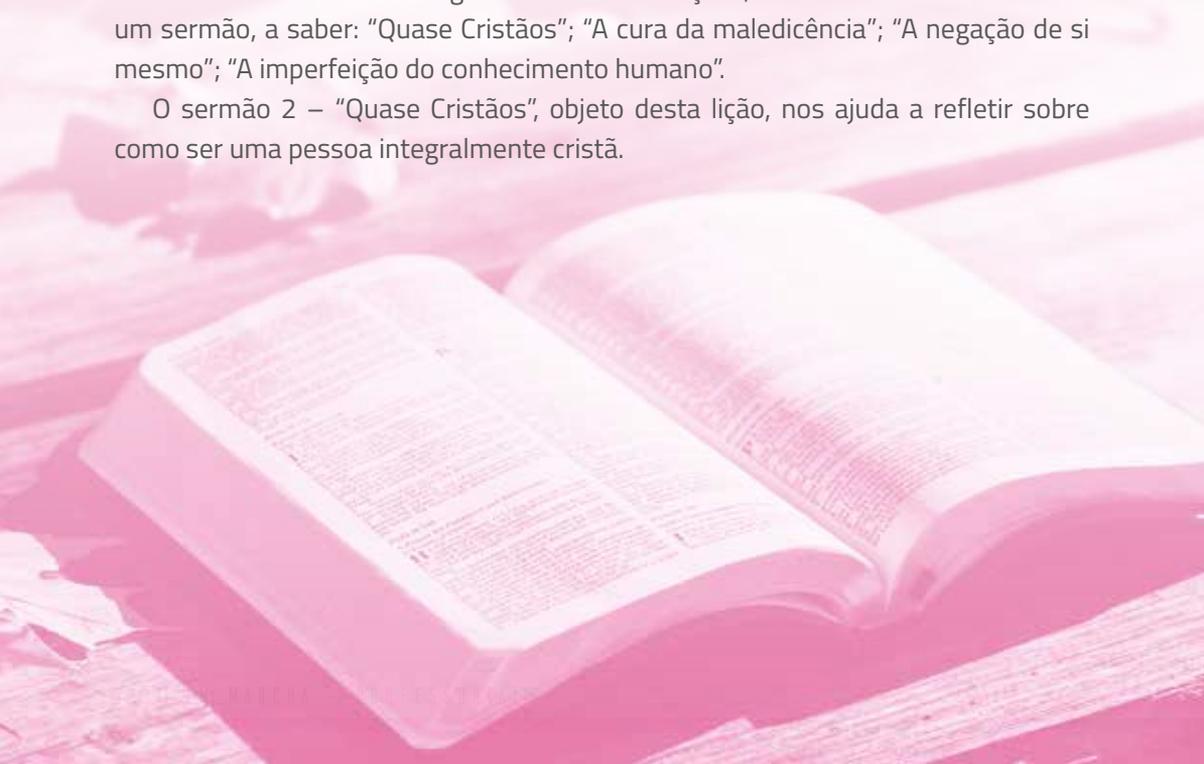
[SERMÃO 02]

Texto bíblico: Atos 26.28

O Senhor, ao longo da história da humanidade, revelou seu evangelho e levantou cristãos e cristãs para anunciar sua vontade a fim de que o ser humano pudesse andar de forma ética e íntegra em toda justiça de Deus. Muitos desses ensinamentos se deram por meio de sermões que são usados no decorrer dos tempos para edificar a Igreja de Cristo e também anunciar a salvação em Jesus.

Nesta edição vamos examinar a Palavra de Deus pregada e ensinada por John Wesley (1703-1791), pastor anglicano que deu início ao movimento metodista, através de seus sermões registrados. Serão 4 lições, em cada uma abordaremos um sermão, a saber: "Quase Cristãos"; "A cura da maledicência"; "A negação de si mesmo"; "A imperfeição do conhecimento humano".

O sermão 2 – "Quase Cristãos", objeto desta lição, nos ajuda a refletir sobre como ser uma pessoa integralmente cristã.





Fundamento bíblico

A base bíblica usada por John Wesley neste sermão é Atos 26.28, onde encontramos o apóstolo Paulo no término de sua terceira viagem missionária. Paulo se encontra preso por acusação do povo judeu da Ásia, que pensava que ele tivesse introduzido um gentio no Templo (21.27-40). Por motivo de segurança, o apóstolo foi transferido para Cesareia Marítima.

Quando Festo assumiu o governo da província romana da Judeia no lugar de Félix, visitou Jerusalém e os líderes judaicos pediram que ele mandasse Paulo de volta a Jerusalém (25.1-3). Festo desceu à Cesareia para ouvir Paulo e as acusações dos judeus (25.4-6). Querendo usar Paulo para ganhar o apoio dos judeus, Festo sugeriu que ele fosse julgado em Jerusalém (25.9). O apóstolo, já sabendo que os judeus queriam matá-lo, apelou a César para que esse retorno a Jerusalém não ocorresse (25.10-11).

O rei Herodes Agripa II e sua irmã Berenice visitaram Festo em Cesareia e aproveitaram para ouvir Paulo (25.13-22). Festo o apresentou e explicou seu caso, dizendo que não o tinha achado réu de morte e não sabia como explicar o caso a César (25.23-27).

Paulo fez sua defesa diante do rei Agripa e testemunhou o Evangelho. Contou a história do seu encontro com Jesus no caminho para Damasco (26.12-18) e aproveitou para perguntar se o Rei

Agripa acreditava nos profetas (26.27), ao que o rei respondeu: “Por pouco me persuades a me fazer cristão” (26.28). Diante desta resposta Paulo replicou: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (v.29).

Foi neste contexto que Paulo reconheceu que Agripa era um “quase cristão”. Baseado neste texto Wesley prega sobre os “quase cristãos”, pessoas que, ainda que tenham aparência exterior de justiça e bondade, não possuem a fé salvadora, o genuíno amor a Deus e ao próximo.



Palavra que ilumina a vida

Wesley afirma em seu sermão que “... sempre houve muitos, em todas as épocas e nações, que quase chegaram a ser persuadidos a se fazerem cristãos. Mas, visto que perante Deus de nada vale ir somente até esse ponto, é para nós da mais alta importância considerar: o que implica ser quase cristão e o que é ser totalmente cristão”.¹

1. Quem são as pessoas quase cristãs?

Ser “quase cristão”, na pregação de Wesley, é ter a honestidade que toda pessoa não cristã (pagã) deve ter. Wesley cita ensinamentos dos filósofos que conduziam seus discípulos a uma

prática de moral e justiça invejável. Uma “segunda coisa inerente ao ser quase cristão, é a posse da forma da piedade, daquela piedade que é prescrita no Evangelho de Cristo; é a aparência exterior de real cristão”. Uma pessoa quase cristã nada faz do que o Evangelho proíba; pelo contrário, pratica os ensinamentos de Cristo, possui forma de piedade e usa dos meios de graça em todas as oportunidades.

As pessoas quase cristãs podem ter a prática constante da oração doméstica e de horas destinadas ao culto a Deus, observadas diariamente com seriedade de atitude, praticando assim uma religião exterior com forma de perfeita piedade. São pessoas sinceras. “A sinceridade está, pois, implicada, necessariamente, no ser quase cristão; em sua alma há de haver intenção real de servir a Deus e um desejo cordial de fazer-lhe a vontade.”, dizia Wesley.

É possível alguém chegar a este ponto e ainda ser apenas uma pessoa quase cristã? Wesley diz que sim. Conta seu próprio testemunho de homem íntegro e em busca da verdade; era um religioso sincero que desejava combater o bom combate da fé. Mas afirma com coragem: “ainda assim, minha própria consciência testemunhava no Espírito Santo, através de todo esse tempo, que eu era apenas um quase cristão”.

Para Wesley, práticas religiosas perfeitadas não transformam a pessoa em verdadeira cristã.

2. Quem são as pessoas totalmente cristãs?

Diante destas colocações, perguntamos: quem são as verdadeiras pessoas cristãs? Wesley diz que a primeira característica do verdadeiro cristão e cristã é o amor a Deus. “Porque assim diz a Palavra: Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, e de toda tua alma, e de toda a tua mente, e de todas as tuas forças”.

A segunda característica em que implica o ser totalmente cristão(ã) é o amor ao próximo. “Porque assim afirmou o Senhor: Amarás a teu próximo como a ti mesmo”.

A terceira é a fé salvadora que muda a vida total da pessoa. Wesley diz: “uma coisa ainda há que pode ser considerada separadamente, embora no momento se integre nas considerações precedentes, e que define o ser integralmente cristão. Refiro-me ao fundamento de tudo, quero dizer, a fé. Coisas mui excelentes se dizem da fé, através dos profetas de Deus. “Aquele que crê, diz o discípulo amado, é nascido de Deus”. “A quantos o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus, isto é, os que creem em seu nome”. E: “Esta é a vitória que vence o mundo: a vossa fé”. O próprio Senhor, em pessoa, declara: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna e não vê a condenação, mas passou da morte para a vida”. A fé que não traz arrependimento, amor e todas as boas obras, não é aquela fé certa e viva, mas uma fé morta e diabólica”.

A reta e verdadeira fé consiste, além de crer na Bíblia Sagrada, de “uma segura esperança e confiança certa de ser salvo da eterna condenação, mediante Cristo. É uma confiança certa e segura que o homem deposita em Deus, no Deus que, pelos méritos de Cristo, perdoa seus pecados e o restaura no favor do Altíssimo, daí decorrendo um coração amante, disposto a obedecer a seus mandamentos”.

Esta fé se manifesta nos frutos de justiça e integridade. “Mas, suposto que respondais afirmativamente, formar bons propósitos e nutrir bons desejos fazem um cristão? De forma alguma, a não ser que produzam bons frutos. O inferno — diz alguém — está calçado de boas intenções”.

Ao final do Sermão Wesley faz uma sequência de perguntas que todos nós devemos responder com sinceridade e nos converter ao Evangelho de Cristo. Estas perguntas podem ser resumidas em três: Amo realmente a Deus? Amo realmente ao próximo? Tenho certeza da salvação no que Cristo fez por mim na cruz do Calvário?



Conclusão

Wesley faz um apelo que ainda hoje cabe a todo homem e mulher que quer seguir Jesus: “Tenhamos todos a experiência de ser, não apenas quase, mas integralmente cristãos, sendo justificados livremente por sua graça, pela redenção que há em Jesus; sabendo que temos paz com Deus por Jesus Cristo; regozijando-nos na esperança da glória de Deus; e tendo o amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos é dado”!



Para conversar

Quais são os riscos de uma pessoa “quase cristã”? A partir das considerações de John Wesley, como ela pode se tornar integralmente cristã?



Leia durante a semana

Domingo: Atos 26.28

Segunda-feira: Atos 21.27-40

Terça-feira: Atos 25.10-11

Quarta-feira: Atos 25.13-22

Quinta-feira: Atos 25.23-27

Sexta-feira: Atos 26.12-18

Sábado: Atos 26.27-29

¹ Esta, como as demais citações entre aspas sem referência são retiradas do sermão 2: “Quase Cristãos”. Disponível em: <https://goo.gl/31iFGe> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Pontuar a importância da prática da piedade na vida cristã; destacar que exteriorizar uma religião não significa uma conversão genuína; analisar o que nos falta.



Para início de conversa

Separe a classe em grupos de duas ou três pessoas. Distribua uma folha para cada grupo, onde as mesmas escreverão as características de um verdadeiro cristão e cristã. Logo após devem colocar a folha dobrada em uma mesa. Após o estudo da lição, mande voltar à folha e comparar o que foi escrito anteriormente com as lições aprendidas com o Sermão de Wesley. As conclusões devem ser compartilhadas.



Por dentro do assunto

Leia o sermão na íntegra disponível em: <https://goo.gl/cj8F3X>.

John Wesley pregou este sermão pela primeira vez em Londres em 1741. Foi um esboço para as “Regras Gerais das Sociedades Unidas”, publicadas em 1743, aproximadamente dois anos

após a pregação deste discurso. Ele organizou as Sociedades Metodistas e as Classes dentro da Igreja da Inglaterra, lideradas por leigos e leigas, com os objetivos de compartilhar a Palavra de Deus, orar, fortalecer seus membros e pregar. Estas sociedades e classes foram difundidas em vários países. Por andar a cavalo pregando a mensagem da salvação foi apelidado de “O Cavaleiro de Deus”. Calcula-se que, em 50 anos, Wesley tenha percorrido 400 mil quilômetros e pregado 40 mil sermões, com uma média de 800 sermões por ano.

Wesley editou os seus sermões em dois momentos: logo depois do início da fase mais evangelística e da formação do movimento metodista, e mais tarde, a partir de 1778, no Arminian Magazine, revista editada por ele até o ano da sua morte, em 1791. A importância dessa primeira coletânea de sermões está no fato de que ela foi usada na história do metodismo para definir o perfil doutrinário do movimento na Inglaterra, quando uma das sociedades religiosas metodistas aceitou somente pregadores com esse perfil.

A Igreja Metodista publicou em 1953 e 1954, cinquenta e dois sermões de

John Wesley em dois volumes. Eles incluem introduções, esboços e perguntas elaborados pelo reverendo William P. Harrison e traduzido por Nicodemos Nunes. No site <https://goo.gl/cj8F3X>, da faculdade de Teologia da Igreja Metodista, encontramos 141 Sermões de Wesley traduzidos para o Português. Entre eles estão os 52 Sermões com notas do reverendo William P. Harrison.

Do prefácio de John Wesley aos sermões escrito em 1771

1. Os Sermões que se seguem contêm a substância do que tenho pregado nos últimos oito para nove anos. Durante esse tempo falei frequentemente em público, sobre cada um dos assuntos da presente coleção — e não tenho consciência de que haja um só ponto de doutrina, dos que costumo versar em público, que aí não esteja perante o leitor cristão, seja tratado incidentalmente, seja-o de maneira deliberada. Todo homem honesto que percorrer estas páginas claramente verá quais são as doutrinas que abraço e ensino como essenciais à verdadeira religião.

2. Estou, entretanto, perfeitamente convencido de que estes Sermões não se apresentam sob a forma que alguns poderiam esperar. Nada aí aparece em vestuário castigado, elegante ou retórico. Mesmo que fosse meu desígnio ou intenção escrever desse modo, o tempo não mo permitiria. Mas presentemente não tenho, em verdade, desígnio diferen-

te; escrevo como geralmente falo, isto é, para o povo — AD POPULUM: à massa humana, àqueles que nem apreciam, nem compreendem a arte de falar, mas que são, não obstante, competentes juízes das verdades necessárias à felicidade presente e futura. Digo isto para poupar aos leitores curiosos o trabalho de procurarem aquilo que não encontrarão.

3. Ambiciono a verdade simples para o povo simples: assim, de propósito deliberado, abstenho-me de todas as especulações delicadas e filosóficas; de todos os arazoados embaraçastes e intrincados; e, na medida do possível, abstenho-me até de mostra erudição, a não ser através da citação que algumas vezes faço da Escritura original. Trabalho por evitar todas as palavras que não sejam fáceis de entender, todos os vocábulos que não sejam de uso comum, e, em particular, aquele gênero de termos técnicos, que tão frequentemente ocorrem no seio das corporações teológicas, — aqueles modismos familiares aos homens de erudição, mas que soam aos ouvidos do povo comum como uma língua desconhecida. Não estou certo, todavia, de não ter incidido algumas vezes, por inadvertência, nesses deslizos: é muito natural que se imagine que uma palavra, a nós familiar, seja-o também a toda gente. (HARRISON, 1953, p. 22).

Das notas Introdutórias ao Sermão 2

Este sermão foi pregado em Londres, cerca de um mês antes de o ser em

Oxford. O tipo de caráter aí descrito não se limita a tempos ou a lugares. Os primitivos metodistas de Oxford viviam a melhor fase da vida “quase cristã”. Sinceridade, zelo, observância escrupulosa das ordenanças, invariável diligência no cumprimento de todos os deveres, combinavam-se para constituir o caráter que, por zombaria, recebeu o qualificativo de “Metodista”. Não obstante tudo isso, neste sermão o pregador declara que aquelas qualidades pertencem somente aos “quase cristãos”. Sem a essência da verdadeira piedade, essa forma exterior de devoção se toma destituída de valor.

Este sermão nos dá um esboço das “Regras Gerais das Sociedades Unidas”, que foram publicadas primeiramente em 1743, quase dois anos depois da pregação deste discurso. (HARRISON, 1953, p. 46).



Por fim

Ao final da aula, após os grupos compararem suas anotações na folha com as características apresentadas por John Wesley do verdadeiro cristão e cristã, leia para a classe as perguntas finais do Sermão:

“O amor de Deus foi derramado em teu coração? Podes exclamar: “Meu Deus e meu tudo?” Não desejas coisa alguma, senão a Deus? És feliz em Deus? Ele é tua glória, teu prazer, tua coroa de regozijo? Está escrito em teu coração este mandamento: “O que ama a Deus, ame também a seu irmão?” Amas, pois, a teu próximo como a ti mesmo? Amas a todos os homens, mesmo a teus inimigos, aos inimigos de Deus, como à tua própria alma; e como Cristo te amou? Sim, crês que Cristo te amou e se entregou por ti? Tens fé em seu sangue? Crês no Cordeiro de Deus que tira teus pecados e lança-os como uma pedra no fundo do mar? Que Ele cancelou o escrito de dívida que era contra ti, tirando-o e pregando-o em sua cruz? Tens, na verdade, redenção em seu sangue, e ainda a remissão de teus pecados? E o Espírito testifica com teu espírito, que tu és filho de Deus”?

Termine com uma oração de contrição e arrependimento.

Bibliografia

HARRISON, William P (Ed). Sermão 2. Quase Cristãos. Sermões de Wesley. Volume 1. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953.

Lição 19

A CURA DA MALEDICÊNCIA

[SERMÃO 49]

Textos bíblicos: Tiago 1.26; Mateus 18.15-17

A maledicência é um dos pecados mais comuns na vida da pessoa cristã. Não significa apenas falar mal de outra pessoa, mas também divulgar situações impróprias e privadas de alguém. Mesmo com o argumento da oração, a maledicência pode ser uma armadilha para a comunhão e vivência missionária da Igreja. Em seu Sermão 49 (a cura da maledicência) Wesley explica o que é a maledicência e como tratar este mal tão comum em nosso meio.



MAIS AMOR POR FAVOR



Fundamento bíblico

Em Tiago 1.26 lemos: “Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã”. Tiago deixa claro que a pessoa que não consegue controlar suas palavras tem uma vida cristã vã e inútil. Este tema é trabalhado com muito cuidado em sua epístola.

Em suas Notas Introdutórias, Wesley diz que o governo da língua é tão essencial, que Tiago ilustra o assunto por várias metáforas notáveis. “Um navio é um grande corpo, mas é manobrado por um pequeno leme, uns poucos centímetros de ripa dirigem o curso das maiores embarcações sobre as águas. Quando avaliamos o porte de um navio e o tamanho do corpo humano, verificamos que o leme é tão pequeno em relação ao primeiro como a língua o é em proporção ao segundo. Assim também uma fagulha pode produzir explosão que destruirá uma grande cidade”.¹

Geralmente a maledicência é fruto de um conflito não resolvido. É por esta causa que o segundo texto do sermão é Mateus 18.15-17. Jesus aponta um caminho novo diante da ofensa recebida. Se alguém pecar contra nós, não devemos expor esta pessoa com maledicências, antes devemos confrontá-la em amor.

O Senhor Jesus apresenta um processo simples de cura: 1) “Se teu irmão pecar contra ti, vai arguí-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”;

2) “Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas...”; 3) “E, se ele não os atender, dize-o à igreja”.

Ao invés de difamar, devemos confrontar em amor. Este caminho simboliza nossa maturidade cristã. É um crescimento em caráter e um ato de misericórdia. Assim, as escrituras ensinam que a maledicência é algo que podemos e precisamos retirar de nossa vida (1Pedro 2.1-2; Colossenses 3.8; Tito 3.1-2).



Palavra que ilumina a vida

Governar a língua é um caminho de santidade. Muitos problemas na família, na igreja e na sociedade seriam evitados se soubéssemos controlar nossas palavras.

O que é maledicência? Segundo o dicionário Priberam da língua portuguesa é o “ato de dizer mal, difamação, murmuração”.

Wesley diz que ela “não é, como alguns supõem, o mesmo que a mentira ou a calúnia. Tudo quanto o homem diz pode ser verdadeiro, e ainda seu falar constituir maledicência”.

A maledicência é, nem mais, nem menos, do que dizer mal de uma pessoa ausente, referindo alguma falta realmente praticada ou dita por alguém que não se encontra presente quando se faz a referência.

É comentar sobre uma pessoa sem dar a ela o direito de defesa.

Wesley cita um exemplo: “Suponhamos que, tendo visto um homem beber, ou ouvi-lo praguejar ou jurar, eu refira o fato quando ele se encontra ausente: isto é maledicência. Em nossa linguagem familiar isto é também chamado, e com extrema propriedade, ‘falar pelas costas’”.

Este pecado é tão comum que para alguns nem pecado é. Contudo, é uma ação que contraria os valores da Palavra de Deus e não promove a justiça, a paz e a alegria do Reino de Deus.

Homens e mulheres são levados por este caminho de pecado contra o próximo com muita facilidade. Dificilmente alguém nunca caiu neste pecado de comentar o erro de alguém na ausência da pessoa.

Wesley dizia: “Quão poucos são os que podem testificar diante de Deus: Estou limpo neste particular; sempre pus atalaia diante da minha boca e guardei a porta de meus lábios! A própria vulgaridade desse pecado torna-o difícil de evitar. Como estamos rodeados por ele de todos os lados, se não formos profundamente sensíveis ao perigo, e se nos não guardarmos constantemente, estaremos sujeitos a ser levados na torrente”.

Muitas vezes, seguindo o caminho da falsa santidade ou da falsa preocupação com o próximo, acabamos levando o pecado alheio para rodas de oração, reuniões da igreja e muitos outros lugares indevidos. Inventamos a “santa maledicência”.

Wesley nota que “ela é mais difícil de evitar porque ela frequentemente nos ataca sob disfarce”. Pensamos que estamos agindo de uma forma simples e comum, contudo o que realmente estaremos fazendo é “dar lugar ao diabo”.

Como evitar a maledicência? O caminho para evitar a maledicência é a prática do Evangelho segundo Mateus 18.15-17.

Wesley diz: “se vires com teus próprios olhos um irmão, um cristão, cometer pecado inegável, ou o ouvires com teus próprios ouvidos, de modo que te seja impossível duvidar do fato, então teu papel é evidente: aproveita a primeira oportunidade para ires ao seu encontro; e, se tiveres ocasião, “fala-lhe dessa falta entre ti e ele só”.

Este confronto precisa ser feito em espírito de amor e solidariedade. A orientação de Wesley é clara: “Na verdade, grande cuidado se deve tomar em que isto se faça num espírito reto e de maneira correta. O sucesso de uma advertência depende grandemente do espírito com que é feita. Não estejas, portanto, em falta quanto à fervorosa oração a Deus, para que a exortação seja feita num espírito de seriedade, com profunda, penetrante convicção de que só Deus é que te faz diferir do transgressor; e se qualquer bem for feito por aquilo que se disser agora, é Deus que o opera”.

Muitas vezes nossa intenção é a melhor, mas erramos no modo como falamos. Wesley adverte: “Mas vê que a maneira por que fales seja também

segundo o Evangelho de Cristo. Evita tudo no olhar, no gesto, na palavra e no tom de voz que tenha o sabor de orgulho ou de suficiência própria”.

Caso a pessoa não deseje nos ouvir, o Evangelho nos orienta levar testemunhas que “Sejam também mansos e delicados, pacientes e longânimes, incapazes de retribuir o mal com o mal, a injúria com a injúria, mas, ao contrário, bendizendo sempre”.

Todo nosso gesto deve ser baseado unicamente no amor. “O amor ditará a maneira pela qual devam proceder, de acordo com a natureza do caso”.

Por último deve ser levado à igreja. Aqui Wesley recomenda que não seja “toda a igreja”, mas líderes que podem, com amor e sabedoria, auxiliar na reconciliação.

Caso não haja reconciliação, então Jesus diz que a pessoa deve ser considerada gentia e publicana.

Wesley dá a seguinte orientação sobre esta palavra do Senhor: “Não tens obrigação de pensar dele nada mais, a não ser quando o encomendares a Deus em oração. Não mais precisas falar dele, mas entrega-o a seu próprio Senhor. Deves-lhe ainda, em verdade, assim como a todos os demais pagãos, ardente, terna boa vontade. Deves-lhe cortesia e, segundo as ocasiões se apresentarem, todos os serviços de humanidade”. Devemos lembrar que Jesus veio para as pessoas publicanas e pecadoras.



Conclusão

No final do sermão Wesley faz um apelo apaixonado: “Oh! que todos vós que suportais o opróbrio de Cristo, que sois por escárnio chamados metodistas, sede um paradigma ao mundo cristão, ao menos neste exemplo só! Expulsai a maledicência, o falatório, a murmuração: que, nenhuma dessas coisas proceda de vossa boca! Vede que “não faleis mal de homem algum”; do ausente nada, a não ser o bem. Uma vez que tendes de ser distinguidos, quer queirais, quer não, seja esta a marca distintiva do metodista: ‘Ele não censura a ninguém pelas costas: para este sinal podeis reconhecê-la”.



Para conversar

Por que a maledicência está relacionada à falta de amor ao próximo e como vencê-la?



Leia durante a semana

Domingo: Tiago 1.26; Mateus 18.15-17

Segunda-feira: 1Pedro 2.1-2

Terça-feira: Colossenses 3.5-10

Quarta-feira: Efésios 4.25-32

Quinta-feira: Tito 3.1-2

Sexta-feira: Mateus 5.37

Sábado: Mateus 5.43-48

1 Esta, como as demais citações entre aspas sem referência são retiradas do sermão 49: “A cura da maledicência”. Disponível em: <https://goo.gl/31iFGe> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Estudar o Sermão de Wesley abordando a santidade nas palavras (o que edifica e o que destrói a vida das pessoas); explicar o que é maledicência e quão próximo este pecado está de nós.



Para início de conversa

Inicie o estudo da lição com a dinâmica do telefone sem fio: Divida a turma em dois grupos com igual número de participantes que deverão sentar-se em fila. Posicione-se entre as duas fileiras. Fale uma palavra ou frase no ouvido dos dois primeiros participantes, que deverão passá-la adiante e assim sucessivamente. A última pessoa da fileira ao receber a mensagem, deverá levantar a mão acusando seu recebimento e reproduzi-la para sua verificação. Ganha o jogo o grupo que ao final de três partidas fizer o maior número de pontos pela velocidade e precisão da palavra ou frase.

Perceba com o grupo a diferença entre o que foi falado inicialmente e o que foi entendido no final. Relacione esta dinâmica a questão da maledicência e fofoca.



Por dentro do assunto

Leia o sermão na íntegra disponível em: <https://goo.gl/cj8F3X>.

Notas introdutórias do sermão

(Nas notas introdutórias ao Sermão 49 há um estudo sobre a Epístola de Tiago. É um convite para ler ao lado do Sermão as palavras de Tiago com relação ao governo e poder da língua).

O princípio que esses textos envolvem tem sido por demais deturpado, no púlpito e fora dele. Que teste de caráter cristão, esse! Quão gravemente somos repreendidos, mesmo nas coisas que menos esperávamos estar em falta! Mas Tiago vai mais longe. Ele não se contenta com o simples enunciado do grande princípio que é fundamental em seu caráter. Passa, no terceiro capítulo de sua Epístola, a um completo e exaustivo exame da questão. O governo da língua é tão essencial, que ele ilustra o assunto por várias metáforas notáveis, conforme se vê no comentário de Harrison.

Depois temos uma terceira definição dessa verdade, um conjunto de palavras que faremos bem em examinar detidamente. “Se alguém não tropeça em sua

palavra, é um homem perfeito, capaz de refrear todo o seu corpo” (Tg 3.2). Aí está a base do argumento e das ilustrações que se seguem. O freio, o leme e a fagulha, como apresentam gradativamente o assunto ao nosso entendimento! A impetuosidade do cavalo é controlada pelo freio e pelas rédeas; os ventos desabalados se dominam, e às vezes se tornam obedientes à vontade do timoneiro, graças a um pequenino leme, parte invisível, mas indispensável do navio. Temos a doutrina da negação de si mesmo na figura do freio e das rédeas, enquanto que o leme ilustra a influência das tentações quando ele se encontra em mãos firmes.

Mas, que força pode sustentar as mãos que seguram as rédeas e guiam o leme? Somente a graça soberana de Deus! Sem ela somos semelhantes ao cavaleiro cujo corcel tomou o freio nos dentes, ou ao navio que perdeu o leme, estando à mercê dos ventos! Dissensões, ódios, contendas de família e vizinhança, como podem ser, em grande parte, prevenidos, mediante prudentes conselhos! “Aquele que ama a simplicidade, pela graça de seus lábios, o rei lhe será por amigo”. (HARRISON, 1953, pp. 457-458).

Conteúdo do Sermão 49

Wesley ensina que a maledicência é diferente da mentira ou da calúnia. “A maledicência é, nem mais, nem menos, do que dizer mal de uma pessoa ausente, referindo alguma falta que houvesse

sido realmente praticada ou dita por alguém que não se encontre presente quando se faz a referência”. É “falar pelas costas”.

Este pecado é muito frequente na vida da igreja e existe grande dificuldade em evitá-lo.

Wesley apresenta o método do Senhor Jesus descrito em Mateus 18.15-17.

- Repreensão particular, no espírito de amor, em pessoa, por um fiel mensageiro. Este primeiro passo é absolutamente imperativo, salvo quando a vida, a propriedade ou importantes interesses de terceiros estejam em jogo.
- Repreensão em presença de testemunhas. Estas devem ser cuidadosamente escolhidas. Não se permite negligenciar esta providência.
- Apelo para a Igreja em seus oficiais. Este passo não pode ser omitido e deve vir na sua própria ordem. (HARRISON, 1954, p. 459).

O que aconteceria se não fossem maledicentes?

Wesley termina seu Sermão refletindo sobre o amor que tem o poder de impedir a prática da maledicência:

“Como “nossa paz correrá como um rio”, quando assim “seguirmos a paz com todos os homens”! Como será o amor de Deus abundante em nossas próprias almas, se desse modo confirmarmos nosso

amor a nossos irmãos! E que efeito teria isto sobre todos os que estivessem unidos em nome do Senhor Jesus! Como se aumentaria continuamente o amor fraterno, quando aquele grande entrave oposto à ele fosse removido! Todos os membros do corpo místico de Cristo cuidaram então uns dos outros. "Se um membro sofrer todos sofrerão com ele"; "se um é honrado, todos se regozijarão com ele"; e cada um amará a seu irmão "com um puro coração fervente" (Sermão 49).

Por fim

Como pessoas cristãs, precisamos ter postura ética e coerente com

o Evangelho do Senhor Jesus. Como metodistas temos estas orientações preciosas para nossa postura no mundo.

Termine a lição desafiando cada participante ao compromisso de viver sem a prática da maledicência. Marque uma "prestação de contas" para o próximo encontro. Assim cada aluno/a poderá compartilhar seu crescimento espiritual e desafios.

Bibliografia

HARRISON, William P (Ed). Sermão 49. A cura da maledicência. Sermões de Wesley. Volume 2. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

Anotações

Lição 20

A NEGAÇÃO DE SI MESMO [SERMÃO 48]

Texto bíblico: Lucas 9.23-25

O discipulado segundo o modelo do Senhor Jesus é exigente. Se realmente desejamos seguir o Evangelho precisamos negar a nós mesmos, tomar a cruz e iniciar o seguimento. É impossível o discipulado sem o caminho da autonegação. Nesta lição examinaremos o Sermão 48 de John Wesley sobre “a negação de si mesmo” e seremos, como Igreja de Cristo, desafiados e desafiadas a assumir todas as implicações dos ensinamentos do Senhor Jesus. Negar a si mesmo e a si mesma é um marco de separação entre o discípulo e a discípula de Cristo e as pessoas que ainda não são discípulas.





Fundamento bíblico

Após a confissão de Pedro em Cesareia de Filipo (Mateus 16.13-16; Lucas 9.20), afirmando que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus, o Senhor passa a explicar um pouco daquilo que significava ser Messias.

Era necessário que o Messias sofresse. “O sofrimento para ele não era nenhum acidente, mas, sim, uma necessidade divina compulsiva. A cruz era a sua vocação. De acordo com isso, das muitas coisas que ele sofreria, Jesus fala apenas da rejeição final. Logo após ele acrescenta à previsão de sua cruz, uma outra cruz, sendo que esta teria de ser carregada pelos seus seguidores. Há uma diferença, a cruz deles não era literal, e os sofrimentos não tinham poder expiador. Mas era real” (MORRIS, 1974, p. 161).

Esta é a primeira vez que Lucas emprega a palavra cruz e ela apresenta um efeito marcante. A cruz está relacionada a negar a si mesmo. É um convite a viver a radicalidade do Evangelho em todas as áreas da vida. Vale a pena perder o mundo e salvar sua alma (v.25).

Lucas nos diz que esta não é uma decisão que pode ser acabada ou removida do caminho: deve ser feita dia a dia (v. 23).



Palavra que ilumina a vida

Wesley nos ensina que este sermão de Jesus não foi dirigido apenas aos seus

apóstolos e aos primeiros discípulos e discípulas, mas foi encaminhado a toda humanidade “sem exceção ou limitação”.¹

Este ensino de Jesus “é da mais universal natureza, referindo-se a todos os tempos, a todas as pessoas; essas palavras não são meramente comida e bebida, ou coisas que pertençam aos sentidos. A significação do texto é: “Se algum homem ou mulher”, de qualquer categoria, posição, circunstância, em qualquer nação, em qualquer época do mundo, “quiser” efetivamente “vir após mim, negue-se a si mesmo” em todas as coisas; “tome sobre si a sua cruz”, qualquer que seja sua espécie; sim, e isto “diariamente; e siga-me”.

A negação de nós mesmos é absoluta, indispensavelmente necessária, quer para que nos tornemos discípulos e discípulas de Cristo, quer para que nos conservemos nesta condição.

Wesley diz que se continuamente não negamos a nós mesmos, não aprendemos dele, mas de outros mestres. Se não tomamos diariamente a nossa cruz, não o seguimos, mas acompanhamos o mundo, ou o príncipe deste mundo, ou nossa própria mente carnal. Se não andamos pelo caminho da cruz, não estamos seguindo-o; não estamos andando em suas pegadas; mas estamos retrocedendo, ou, pelo menos, retardando-nos na jornada. É impossível deixarmos de negar a Cristo, a não ser que nos neguemos a nós mesmos.

O que é negar a si mesmo? Significa negar as próprias vontades quando elas vão de encontro à vontade de Deus. Negar a si mesmo é a negação ou a recusa de seguir nossa própria vontade, pela convicção de que a vontade de Deus nos é a única regra de ação.

Por que devemos negar a nós mesmos? Baseado no Salmo 51.5, Wesley ensinava que nossa natureza é por igual corrupta em cada um de seus poderes e em cada faculdade. E nossa vontade, igualmente depravada como o resto, está totalmente vendida para acariciar nossa corrupção natural porque fomos gerados(as) com o pecado original. Temos naturalmente inclinação para o pecado.

A vontade de Deus é o único caminho que leva diretamente a Ele. A vontade do homem e da mulher, que uma vez correu paralelamente à vontade de Deus, é agora outro caminho, não somente diverso daquele, mas, em nosso estado presente, oposto a ele: leva para mais longe de Deus. Não dá para andar nos dois caminhos ao mesmo tempo. "Se, portanto, andamos em um, devemos necessariamente deixar o outro. Não podemos andar em ambos" (cf. Mateus 6.24a).

Wesley deixa claro que o ser humano não pode caminhar simultaneamente os dois caminhos: não pode, a um só tempo, seguir sua própria vontade e seguir a vontade de Deus; deve escolher uma ou outra: negar a vontade de Deus para

seguir a sua própria, ou, negando-se a si mesmo, seguir a vontade de Deus.

Ele afirma: "O negarmo-nos a nós mesmos é negar nossa própria vontade, onde ela não se ajuste à vontade de Deus; e a negação de nossa vontade deve abranger as coisas que mais agradáveis nos sejam. É negar a nós mesmos qualquer prazer que não decorra de Deus e não conduza a Ele; é, com efeito, recusarmo-nos a sair de nosso caminho, mesmo para a estrada deleitável e florida; recusarmos o que sabemos ser veneno mortífero, embora agradável ao paladar".

O que significa carregar a Cruz? Cada pessoa que deseja seguir a Cristo e que pretenda ser seu real discípulo e discípula deve não só negar-se a si mesma, mas também "tomar sua cruz".

Wesley nos ensina que a cruz é uma coisa contrária à nossa vontade, alguma coisa que repugna a nossa natureza. O discipulado vai além de negar a si mesmo. Exige não apenas evitar o pecado, mas assumir a cruz que é tão contrária à nossa natureza.

Ele afirma: "Ora, correndo a carreira que nos está proposta segundo a vontade de Deus, com frequência encontramos uma cruz erguida no caminho, isto é, alguma coisa que não é agradável, mas dolorosa; alguma coisa que é contrária à nossa vontade, que é repugnante à nossa natureza. Que se deve então fazer? A escolha é simples: ou tomarmos nossa cruz ou desviarmos

do caminho de Deus, do santo mandamento que nos foi dado”.

Tomar a cruz é “acatar a vontade de Deus, ainda que contrária à nossa própria vontade; escolher o remédio salutar, embora mais amargo; livremente aceitar a dor passageira, qualquer que seja sua espécie e grau, quando ela seja essencial ou acidentalmente necessária ao eterno prazer”.

Wesley orienta que quem “ensina a Palavra de Deus deve falar da negação de si mesmo e da cruz frequente e largamente; deve inculcar sua necessidade da maneira mais clara e mais forte; deve imprimi-la com toda sua força sobre todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os lugares, impondo-a ‘linha por linha, preceito por preceito’: assim terá ele uma consciência livre de ofensa; assim salvará sua própria alma e as daqueles que o ouvirem”.

Conclusão

Em seu Sermão Wesley exorta os pregadores a ensinar toda a verdade

sobre negar a si mesmo. Que tipo de mensagem anunciamos hoje? Será que não pregamos um evangelho “light”? Um evangelho que não exige renúncia e conversão, onde o “banco celestial” estará sempre aberto para enriquecermos e prosperarmos? Retirar a cruz da pregação equivale a destruir o próprio Evangelho.

Para conversar

Como descobrir e praticar a vontade de Deus em todas as áreas, principalmente em nosso relacionamento com as pessoas?

Leia durante a semana

Domingo: Lucas 9.23-25

Segunda-feira: Lucas 14.25-27

Terça-feira: Mateus 6.24

Quarta-feira: Romanos 6.1-14

Quinta-feira: Romanos 6.15-23

Sexta-feira: Romanos 8.1-11

Sábado: Romanos 8.31-39

1 Esta, como as demais citações entre aspas sem referência, são retiradas do sermão 48: “A negação de si mesmo”. Disponível em: <https://goo.gl/31iFGe> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Objetivos

Explicar o texto bíblico e como Wesley dialoga sobre ele; analisar o Sermão discorrendo o tema da negação e sua importância na vida cristã.

Para início de conversa

Separe a classe em grupos de três pessoas e faça a seguinte pergunta: “Quais os motivos que levam a pessoa a não tomar sua cruz e a não negar a si mesmo”? Deverão escrever suas respostas em uma folha. Ao final da aula, comparem suas respostas com as respostas dadas por Wesley.

Por dentro do assunto

Leia o sermão na íntegra disponível em: <https://goo.gl/cj8F3X>

Notas Introdutórias

HARRISON em suas Notas introdutórias ao Sermão 48 diz que o Prof. Burwash considerava os cinco sermões – 48 a 52, inclusive, como um suplemento ao sistema de Ética Cristã de Wesley.

“Deve-se observar que Wesley não tinha tendência para quaisquer teorias “socialista”. Ele ensinava com clareza e ênfase o direito da propriedade individual, mas sempre figurando o homem como despenseiro do Senhor. Wesley não reconhece ao Estado o direito à propriedade de toda a terra de um país, para ser administrada em benefício igual de todos, do preguiçoso e do diligente: ensinava a doutrina da operosidade, do trabalho para a aquisição dos bens temporais, mas estes devem conservar-se sujeitos às exigências da caridade em benefício dos enfermos, dos necessitados e dos inocentes ao desamparo. Para este fim, para que os homens tenham com que fazer o bem aos outros, devemos aprender a recusar a nós mesmos todas as coisas desnecessárias. Como perniciosas à saúde, algumas devem ser abolidas. Como provocadoras de orgulho pecaminoso e ostentação, outras devem ser afastadas. Como meio de exercício espiritual e educação, a negação de si mesmo ocupa um lugar importante em nossa vida cristã” (HARRISON, 1954, p. 440).

Conteúdo do Sermão 48

Para Wesley, a negação de si mesmo é um dever universal e pertence à própria

essência da religião. Entretanto, são comuns alguns erros em relação à natureza, extensão ou necessidade dela. Algumas vezes ela se torna tão geral, que vem a ser indefinida, ou é levada a tais minúcias que não se pode aplicar a todos os homens. Ele faz duras críticas aos escritos de sua época sobre o assunto.

Primeiro trabalha sobre a natureza da negação de si mesmo. Afirma ser fundada sobre a supremacia da vontade de Deus: daí o aplicar-se até aos anjos dos céus. Mas, aplica-se ela especialmente ao ser humano, cuja vontade é por natureza avessa a Deus. A negação de si mesmo é a subordinação da vontade à vontade de Deus. O tomar nossa cruz vai mais longe, e não somente nega nossa vontade, mas suporta a provação positiva. Às vezes suportamos a cruz que não queríamos voluntariamente tomar. Não é a tortura de nós mesmos, como a flagelação e outras práticas semelhantes; mas o abraçar a vontade de Deus conforme se revela em sua Palavra ou se manifesta em sua Providência.

A falta da negação de si mesmo é a causa comum que impede que o ser humano seja inteiramente discípulo de Cristo. O(a) pecador(a) convicto(a) tem má vontade de negar-se a si mesmo em face do pecado; daí a perda de sua convicção ou, se esta permanece, não se encontra paz. A pessoa cristã que negligencia o dever de renunciar a algum pecado agradável, ofende o Espírito Santo; ou deixa de tomar sua cruz, usando de

todos os meios e dedicando-se inteiramente a Deus, nunca chegará a perfeição. (HARRISON, 1954, p. 431).



Por fim

Leia ao final da aula os motivos apresentados por Wesley que levam a pessoa a não tomar sua cruz e a não negar a si mesmo:

“Não continua a insistir em oração, tanto privada como pública, comungando, ouvindo, meditando, jejuando, conferindo as coisas religiosas. Se não negligencia totalmente algum daqueles meios, pelo menos deles não usa como podia. Ou não é zeloso de obras de caridade, assim como de obras de piedade. Não é misericordioso na medida de suas forças, com as qualificações completas que Deus concede. Não serve fervorosamente ao Senhor, fazendo o bem aos homens, de toda espécie e de todo grau que possa, a suas almas como a seus corpos. E por que não continua ele em oração? Porque em tempos de aridez ela lhe é penosa e desagradável. Não continua ouvindo em todas as oportunidades, porque o sono é doce; Ou porque faz frio, ou o tempo está carregado, ou chove. Mas por que não continua em obras de misericórdia? Porque não pode alimentar o faminto, ou vestir o nu, a não ser que comprima as despesas com seu próprio equipamento pessoal, ou use alimentos mais baratos e menos deleitáveis... Portanto, sua fé não se aperfeiçoa, nem pode crescer em graça; e isto porque

não quer negar-se a si mesmo e tomar diariamente a sua cruz". (HARRISON, 1954, p. 452).

Compare esta resposta de Wesley com as respostas da classe.

Bibliografia

HARRISON, William P (Ed). Sermão 48. A Negação de Si Mesmo. Sermões de Wesley. Volume 2. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

Anotações



Lição 21

A IMPERFEIÇÃO DO CONHECIMENTO HUMANO [SERMÃO 69]

Texto bíblico: 1Coríntios 13.9

O conhecimento sempre será mais amplo do que conhecemos, percebemos e imaginamos. A imaturidade nos faz achar que sabemos tudo. Contudo, o crescimento na graça nos torna humildes e dependentes de Deus. Diante desta descoberta afirmamos que precisamos do Senhor e dependemos do seu amor e direção, pois somos incapazes de entender os mistérios da vida e de Deus.

Nesta lição examinaremos o Sermão 69 de Wesley, a Imperfeição do Conhecimento Humano, que foi pregado em Bristol, Inglaterra, no dia 05 de março de 1784. Aceitar a imperfeição do conhecimento humano é um grande passo para uma vida de humildade, simplicidade e dependência de Deus.



Fundamento bíblico

Nosso conhecimento é limitado. Paulo diz que “em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos” (1Coríntios 13.9). O apóstolo deixa claro que todo conhecimento é parcial; “em parte conhecemos e, em parte profetizamos” significa que Deus não revela tudo, de sorte que quem profetiza e também as pessoas sábias, dão apenas um vislumbre parcial da verdade.

Este conhecimento está relacionado até mesmo ao Evangelho de Jesus. Em João 13.4-7, em sua última ceia, Jesus se levantou, tirou a sua capa, pegou uma toalha e amarrou na cintura. Logo após, pegou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha. Quando chegou perto de Pedro, este lhe perguntou: Vai lavar os meus pés, Senhor? Ao que Jesus lhe responde: “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (v.7).

Muitas coisas que Jesus fez e faz não sabemos. Não temos respostas prontas e perfeitas para nada na vida (Isaías 55.8-9). Este conhecimento da nossa própria limitação deve nos levar a uma atitude de humildade e dependência completa do Senhor. Assim, Paulo constrói em nós a esperança de que um dia conheceremos perfeitamente os mistérios de Deus (1Coríntios 13.7-9).



Palavra que ilumina a vida

O desejo pelo conhecimento está presente no ser humano, fixado em sua natureza mais íntima. Isso é positivo. Embora nosso desejo de conhecer não tenha limites, nosso conhecimento, em si mesmo, tem. De fato, ele é confinado em limites bem estreitos; muito mais estreitos do que imaginamos e até admitimos, especialmente as pessoas do mundo da academia, da ciência.

Wesley dizia que conhecemos muitas coisas em parte, mas a totalidade delas está oculta por um projeto divino. Ele diz: “Nessa nossa ignorância profunda é vista a bondade, assim como a sabedoria de Deus, restringindo o conhecimento humano de todos os lados, com o propósito de encobrir a vaidade do homem”.¹

A imperfeição do conhecimento humano com relação a Deus. Wesley começa a explicar a imperfeição do ser humano com relação ao próprio Deus. Ele diz: “Começemos com o próprio grande Criador. Quão surpreendentemente pouco nós conhecemos sobre Deus! Quão pequena parte de sua natureza nós conhecemos bem como de seus atributos essenciais! Que concepção nós podemos formar de sua onipresença? Quem é capaz de compreender Deus nesse e em todos os lugares? Como Ele preenche a imensidão do espaço?

Onipresença: como compreendê-la?
Eternidade: quem pode compreendê-la”?

M. Basilea Schlink, cristã alemã, certa vez escreveu em um cartaz: “Senhor, eu não te entendo, mas confio no seu amor”.

A imperfeição do conhecimento com relação ao mundo criado. Wesley cita quão pouco o ser humano conhece do universo, das estrelas e dos planetas. Ele faz uma longa lista de assuntos que eram desconhecidos em sua época e hoje são conhecidos em parte com a evolução da ciência. Ele diz: “Quem pode explicar a luz e a eletricidade? Quem conhece o ar, a chuva, o orvalho? Os continentes, os mares... os vegetais... os animais... o ser humano... os insetos... nosso espírito e alma, nosso corpo... os índios e os civilizados...”.

Refletindo sobre a imperfeição do conhecimento, Wesley começa a discorrer sobre questões ilógicas que são difíceis de ser respondidas. Um exemplo é a atitude da pessoa que se diz cristã ser pior do que a atitude de uma pessoa ímpia que não tem conhecimento de Deus. Quem pode explicar?

Ele ainda declara: “Tem sido afirmado, e eu temo que seja verdadeiro, que muitos dos assim chamados cristãos são bem piores do que os pagãos que os rodeiam: são mais devassos e mais abandonados a todo tipo de maldade, não temendo a Deus, nem ao homem! Ó, quem pode compreender isso”!

O desconhecimento da graça santificadora. Sabemos que a graça de Deus

opera em nossa vida. Contudo, nosso conhecimento sobre esta graça é imperfeito. Wesley dizia que há grande variedade na maneira e no tempo de Deus conceder sua graça santificadora, por meio da qual Ele capacita seus filhos e filhas a lhe dar todo seu coração, a qual nós não podemos, de modo algum, explicar. Por que algumas pessoas têm mais facilidade no processo de santificação e outras demoram tanto a seguir o caminho do discipulado e da santificação? Wesley diz: “Nós não sabemos por que Ele a concede a alguns antes que peçam por ela; a outros, somente alguns poucos dias depois que a buscaram; e ainda permite que outros crentes esperem por ela talvez vinte, trinta ou quarenta anos; mais ainda, e outros, até poucas horas, ou mesmo minutos, antes que seus espíritos retornem a Ele... Deus indubitavelmente tem razões; mas essas razões são geralmente ocultas dos seres humanos”.

Os benefícios da imperfeição do nosso conhecimento. Podemos aprender diversas lições valiosas com relação a ignorância do nosso conhecimento. Wesley cita três:

a) *Lição da Humildade:* não pensar de nós mesmos(as), particularmente com respeito ao nosso entendimento, “além do que convém”; mas “pensar com sobriedade”, estando inteiramente convencidos e convencidas de que não somos suficientes, por nós mesmos(as), para ter um pensamento bom; de que estamos sujeitos e sujeitas a tropeços

em cada passo, a errar em todo o momento de nossas vidas, se não tivermos “a unção do Espírito Santo”, que “permanece em nós”; se não for aquele, que conhece o que está no ser humano, nos socorrer em nossas fraquezas; e de que “há um espírito, na pessoa, que traz sabedoria”, e a inspiração do Espírito Santo que “traz entendimento”.

b) Lição da fé e confiança em Deus: A convicção plena de nossa própria ignorância nos ensina a confiar completamente em sua sabedoria. Pode nos ensinar (o que nem sempre é tão fácil, como alguém poderia conceber) a confiar no Deus invisível muito além do que podemos vê-lo! Pode nos auxiliar no aprendizado dessa difícil lição, a “subjugar” nossa própria “imaginação” (ou melhor, raciocínios, como a palavra propriamente significa).

c) Lição de resignação: Podemos ser instruídos e instruídas a dizer em todo o tempo e em todas as instâncias. “Pai, não seja como eu quero, mas como tu queres” é a última lição que nosso bendito Senhor (como homem) aprendeu enquanto estava na terra. Ele não pôde ir mais alto do que, “não seja como eu quero, mas como tu queres”, até que Ele curvou sua cabeça e entregou o seu espírito. Que nisso também sejamos

semelhantes à sua morte, para que possamos conhecer completamente o “poder de sua ressurreição”.

Conclusão

Nossa incapacidade de compreender Deus, o mundo e a nós mesmos(as) nos leva a uma total dependência do Senhor. Crer, confiar, amar e praticar a justiça deve ser nosso caminho cristão; ainda que não compreendamos a totalidade da vida, devemos viver com dignidade e fazer a vida das pessoas melhor.

Para conversar

Conhecer a própria ignorância é um conhecimento excelente. Por quê?

Por que admitir a limitação do conhecimento humano promove a humildade, fé e resignação?

Leia durante a semana

Domingo: 1Coríntios 13.9

Segunda-feira: João 13.4-7

Terça-feira: Romanos 11.33-36

Quarta-feira: Isaías 55.8-9

Quinta-feira: Romanos 7.24

Sexta-feira: 1Coríntios 2.2-16

Sábado: 1Coríntios 3.18-21

1 Esta, como as demais citações entre aspas sem referência, são retiradas do sermão 69 “A Imperfeição do Conhecimento Humano”. Disponível em: <https://goo.gl/31iFGe> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Objetivos

Analisar a concepção paulina sobre o assunto da imperfeição do conhecimento humano; discorrer sobre o sermão: a) principais pontos abordados; b) o que Wesley queria destacar; c) o que esse sermão ainda nos ensina.

Para início de conversa

Organize a classe em grupos e faça as seguintes perguntas: o ser humano pode ter um conhecimento perfeito de Deus? Os cientistas conhecem a totalidade do universo? Qual o tamanho do universo? O conhecimento do ser humano é ilimitado? Por que não conhecemos todas as coisas? Quantos por cento a gente conhece da vida?

É importante deixar que todos(as) expressem suas opiniões com liberdade. Prossiga a aula.

Por dentro do assunto

Leia o sermão na íntegra disponível em: <https://goo.gl/cj8F3X>.

O valor do conhecimento na espiritualidade Metodista

Gonzalo Báez Camargo, em seu livro “Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano” declara que Wesley e seus irmãos, desde pequenos, aprenderam a importância do conhecimento e de “raciocinar tão serenamente como fosse possível, antes de formar decisões. Daí tomou, por exemplo, o costume de escrever em um papel, minuciosa e até friamente, os prós e os contras de qualquer questão, a fim de pesar as razões para atuar em um sentido ou em outro. Disse o poeta Southey sobre John Wesley: ‘Realmente nenhum homem tem sido mais destro na arte de raciocinar’. Assim foi como mais tarde, quando chegou à sua vida a envolvente experiência pessoal da graça divina, e quando liderou o mais poderoso avivamento cristão da época, e um dos mais poderosos da história, pôde combinar o júbilo com o juízo, o sentimento com a inteligência, o arrebatamento do entusiasmo com o governo da razão” (1986, pp. 30,31).

Wesley fazia as seguintes perguntas disciplinares aos candidatos a pregadores:

"1. Conhecem a Deus como um Deus que perdoa? Mora neles o amor de Deus? Não desejam, senão somente a Deus? São inteiramente puros na vida que levam? 2. Têm dons, assim como graça, para a obra? Possuem em algum grau uma inteligência clara e sã, um critério reto das coisas de Deus, uma concepção exata da justificação pela fé? Falam reto, fácil e claramente? 3. Têm produzido seus trabalhos alguns frutos? Existem algumas pessoas verdadeiramente convencidas de seus pecados e convertidos a Deus por meio de sua pregação? Quando em alguém harmonizam estes três sinais, cremos que está chamado por Deus a pregar" (CAMARGO, 1986, pp. 36-37).

A certeza da imperfeição do conhecimento humano não estagnava sua vida intelectual. Pelo contrário, Wesley estimulava seus pregadores a ler e estudar várias disciplinas. O próprio Wesley escreveu sobre vários assuntos em diferentes áreas do conhecimento.

Frequentemente utilizava o livro "Física Elementar" devido ao seu interesse pela medicina.

"O cuidado que Wesley dedicou à educação ficou expresso nos livros de texto por ele compilados para as crianças. Utilizou os projetos de Whitefield para uma escola para filhos de mineiros em Kingswood, Bristol, e em 1748. Wesley ampliou-a e fundou uma escola para os filhos dos pregadores ali estabelecidos. A sua preocupação chega

aos pormenores do currículo e regras. O currículo era mais vasto do que na maioria das escolas daquele tempo, as regras eram um pouco severas e especialmente criticadas pelos educadores contemporâneos por não permitirem jogos"! (IEMP)

A limitação e Imperfeição do Conhecimento

Wesley pregou o Sermão "A Imperfeição do Conhecimento Humano" em Bristol, 5 de março de 1784, baseado em 1Coríntios 13.9 – "Em parte, conhecemos".

Afirmou que o desejo do conhecimento é um princípio universal, contudo, é limitado e atende apenas as nossas necessidades presentes. Com isso, conhecemos tudo em parte.

Em seu sermão Wesley discorre sobre várias áreas do conhecimento, demonstrando o quão limitado e imperfeito é o nosso conhecimento.

Objetivo da Imperfeição do Conhecimento

Reserve um tempo maior para trabalhar as três lições de Wesley sobre a imperfeição do conhecimento humano: a) Lição da Humildade; b) Lição da fé e confiança em Deus; e c) Lição de resignação.

É interessante destacar em sala de aula o total desconhecimento de Jó diante dos acontecimentos que lhe cercavam. O livro conclui o caminho de humildade de Jó em afirmar que falou

muita coisa do que desconhecia: “Então, respondeu Jó ao SENHOR: “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado. Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia. Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás. Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza”. (Jó 42.1-6).

É esta humildade de Jó que Wesley pretende produzir em seus leitores. Não conhecemos totalmente a vida, Deus e o universo. Tudo que sabemos é em parte. Por isso precisamos ter um coração humilde, confiante em Deus e paciente.



Por fim

Termine a aula voltando às perguntas iniciais entregues aos grupos. A conclusão de Wesley é que esta limitação e imperfeição do conhecimento humano foi uma providência de Deus. Contudo, devemos evoluir e crescer em todas as áreas, mesmo sabendo que nunca dominaremos nenhuma questão com perfeição. Esta conclusão precisa determinar nossa humildade, fé e resignação.

Bibliografia

CAMARGO, Gonzalo Báez, “Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano. São Paulo: Imprensa Metodista, 1986.

John Wesley - Cidadão Cristão. Igreja Evangélica Metodista Portuguesa. In: www.igreja-metodista.p. Acesso em 06/10/2017.

Anotações



Unidade IV

CELEBRANDO A PÁSCOA

"E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé...".

1Coríntios 15.17

Lição 22

O SEPULTAMENTO DE JESUS

Texto bíblico: João 19.38-42

A morte de Jesus é ofuscada pela sua ressurreição, e isso não poderia ser diferente porque o nosso Mestre venceu a morte! (v.55). No entanto, o episódio do seu sepultamento, por meio das vidas de Nicodemos e José de Arimateia, tem muito a nos ensinar.





Fundamento Bíblico

O relato do sepultamento está presente nos quatro evangelhos: Mateus 27.57-61; Marcos 15.42-47; Lucas 23.50-56; João 19.38-42. O protagonismo de José de Arimateia é destacado em todos eles, mas é apenas o texto de João que cita a presença de Nicodemos. José de Arimateia é descrito nos evangelhos como: membro do Sinédrio; homem bom e justo; rico; discípulo de Jesus que esperava o reino de Deus.

Nicodemos, cujo nome significa conquistador, era um fariseu, um dos principais líderes dos judeus, também membro do Sinédrio. Ele se aproximou de Jesus (João 3); defendeu o seu ministério perante os fariseus (7.45-53); e auxiliou no sepultamento do Filho de Deus (19.39). José de Arimateia e Nicodemos representavam duas instâncias de frequente oposição a Jesus. Foi na sinagoga, mediante os conflitos de ideias, que a morte de Jesus começou a ser tramada (Mateus 12.14) e foi o Sinédrio que o entregou à morte (João 18.35). Tanto um quanto outro apresentavam uma discricção na relação com Jesus, talvez por medo, tendo em vista suas posições na sociedade judaica.

O evangelho de Marcos descreve José de Arimateia como alguém que esperava o Reino de Deus (Marcos 15.43). Tal esperança conduziu a conduta daquele ilustre membro do Sinédrio. Ele não concordou com os seus companheiros

(Lucas 23.51), reivindicou de Pilatos o corpo e junto com Nicodemos cuidou do seu enterro, oferecendo a Cristo a sua própria sepultura (Mateus 27.60). Por esperar pelo Reino, usou seu poder para garantir a dignidade humana. Enterrar o cadáver em uma sepultura era uma forma de lhe honrar a memória.

Existem dois episódios que se referem à unção de Jesus e sua morte. A primeira unção é a realizada por Maria de Betânia (João 12.1-8), que tomou uma libra (327,45g) de nardo (óleo perfumado) para ungir Jesus. Com esse gesto, Maria demonstrou gratidão ao nosso Salvador. Ainda que repreendida, seguiu com seu gesto de adoração. A segunda foi realizada por Nicodemos que levou cerca de cem libras, mais de 30kg, de um perfumado composto de mirra e aloés para preparar o corpo de Jesus. As especiarias tinham duas finalidades: disfarçar o mau odor e grudar os lençóis no corpo. Este era o tradicional enterro com especiarias aromáticas do povo judeu do primeiro século. O valor é um pouco extravagante, muitos veem isso como símbolo de Jesus ser enterrado como um rei (Novo Dicionário da Bíblia, 2006, p. 881).



Palavra que ilumina a vida

A solidariedade foi mais forte do que o medo. A postura tímida de José de Arimateia e Nicodemos enquanto Jesus

estava vivo, não os impediu de agirem de forma solidária no episódio do sepultamento do Mestre. Apesar do medo, aqueles homens se mostraram solidários e atuantes num momento crucial da trajetória do Mestre; suas posições sociais ficaram em segundo plano, eles arriscaram sua reputação. Os discípulos, a essa altura, por conta do pouco prestígio social e do medo, estavam escondidos.

Provavelmente, caso fossem pegos teriam um destino semelhante ao de Jesus. Cada pessoa atua de uma maneira no Reino de Deus; umas são mais explícitas, outras menos. No entanto, a presença de Jesus e o projeto de Deus podem causar revoluções na nossa forma de segui-lo. Em muitos momentos da caminhada cristã precisamos tomar posição, assumir responsabilidades, e isso nem sempre é fácil, exige coragem. Ao dizer sim ao projeto de Deus, a segurança, a posição social e até mesmo a reputação, ficarão em segundo plano.

No sepultamento de Jesus a ajuda veio de onde menos se esperava. Ao dizer sim ao projeto de Deus, somos convidados e convidadas a rever os nossos critérios de julgamento. Rotular pessoas alimenta preconceitos e encurta a nossa visão. Precisamos ter cuidado com isso. O projeto de salvação é para toda humanidade, o amor de Deus e o poder transformador de Jesus operam onde querem e da maneira como desejam. Não há limites para o agir de Deus.

Porque João de Arimateia esperava pelo Reino, ele agiu. A espera pelo Reino se traduz em ações que colaboram com a preservação da vida, da integridade, da dignidade. Não é qualquer tipo de espera, não é viver uma espiritualidade egoísta, sem se preocupar com a salvação das pessoas e com a construção de um mundo mais digno e justo. A espera pelo Reino faz você superar seus medos e limitações e se engajar completamente na missão.

Nicodemos já não podia mais esconder sua admiração pelo Senhor. Trinta quilos são trinta quilos em qualquer período da história humana, não dá para esconder essa quantidade. Aquele homem que antes fora procurar Jesus à noite, escondido, desta vez não se importou em ser visto neste ato de adoração e de cuidado com Jesus.

Expressões de gratidão e adoração são fruto das transformações que experimentamos quando reconhecemos Jesus como o Messias e Senhor das nossas vidas, e fazem parte da nossa relação com Ele

Conclusão

José de Arimateia e Nicodemos sinalizam desafios para nossa vida espiritual no que diz respeito a nossa postura de espera pelo Reino e também como demonstramos nossa gratidão e adoração ao Senhor. O Cristo Ressurreto é a nossa esperança. Na sua graça encontramos

força, sabedoria e coragem para sermos discípulas e discípulos de acordo com a vontade do nosso Deus.



Para conversar

De que forma temos expressado nossa gratidão e adoração ao Senhor por sua vida, morte e ressurreição?



Leia durante a semana

Domingo: João 19.38-42

Segunda-feira: João 19.23-27

Terça-feira: João 19.28-30

Quarta-feira: João 19.31-35

Quinta-feira: Isaías 50.1-11

Sexta-feira: João 19.17-22

Sábado: João 20.1-18

Anotações



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivo

Refletir sobre a atuação de Nicodemos e José de Arimateia no episódio da morte de Jesus e sobre as transformações que a presença de Cristo provoca em nossas vidas.



Para início de conversa

Nem sempre é fácil assumir diante de um grupo ou situação a sua fé e religião. Peça que as pessoas compartilhem as dificuldades vivenciadas nesse sentido e como lidaram com isso. Se possível, compartilhe o seu testemunho também. Conclua afirmando que medo, vergonha ou timidez em testemunhar o nome de Jesus faz parte da nossa trajetória, mas por meio de uma vida de santificação nós vamos superando essas dificuldades.



Por dentro do assunto

No sepultamento de Jesus vemos a participação de duas pessoas que durante o Evangelho de João passam quase despercebidas: Nicodemos e José de Arimateia; ambos faziam parte do Sinédrio, uma espécie de conselho/tribunal supremo dos judeus.

Nos tempos de Jesus o grande Sinédrio de Jerusalém era composto pelos sumos sacerdotes, responsáveis pela realização do culto no templo e membros das famílias privilegiadas, assim como os anciãos e escribas. A totalidade incluía tanto saduceus quanto fariseus (Novo Dicionário da Bíblia, 2006, p.1275).

A crucificação era uma condenação humilhante, destinada aos piores criminosos. Naquela época era raríssimo que um cidadão romano passasse por isso. A morte de um crucificado era muito lenta e dolorosa, provavelmente por isso, o centurião e os soldados foram postos de guarda para impedir a retirada de Jesus da cruz (João 19.29). Quando a pessoa demorava muito para morrer as suas pernas eram quebradas. No caso de Jesus, isso não aconteceu (vv.33-36).

A morte de Jesus, para além do plano salvífico de Deus, serviu de exemplo para que outras pessoas com ideias messiânicas não se atrevessem a agir como Ele; era uma forma de parar a rebelião do povo oprimido pela religião e pelo Império Romano.

Os relatos sobre Nicodemos e José de Arimateia no evangelho de João parecem demonstrar uma participação

que vai crescendo em termos de envolvimento no projeto de Jesus, e tem no sepultamento do Mestre o seu ápice. Se até então a participação fora tímida, tudo havia mudado, pois cuidar do corpo de um crucificado era assumir um risco muito grande. A Bíblia de Estudo da Reforma (SBB, 2017) afirma: “José de Arimateia e Nicodemos, discípulos de Jesus, que permaneceram em oculto por meio dos judeus, honram Jesus, encarregando-se do seu sepultamento” (p. 1798).

Existem pessoas que, desde muito cedo, no seu seguimento de Jesus, já assumem uma postura pública de sua fé, não têm vergonha de se dizer cristãs, são enfáticas na sua atuação missionária. Geralmente nós admiramos e honramos essas pessoas. Mas há quem trace caminhos diferentes, como pessoas que, sendo mais tímidas, sentem medo. E quanto a estas pessoas? Como agimos?

Nós, como professoras e professores, temos o compromisso de encorajar pessoas que são tímidas na fé a seguirem em busca do seu fortalecimento espiritual, sem desmerecê-las ou julgá-las; podemos incentivá-las em suas transformações. A maturidade cristã se revela em nossas atitudes, no nosso testemunho.

Nós somos conhecidos e conhecidas pelos nossos frutos. E os frutos de quem serve a Deus alimentam a vida das pessoas que precisam.



Por fim

Proponha um tempo de oração pela vida espiritual da sua classe.



Para saber mais

Sobre a crucificação. Disponível em: <https://goo.gl/aUE4zq>. Acesso em 05/11/2017.

Bibliografia

BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo da Reforma. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), 2017.

BORTOLINI, José. Como ler o Evangelho de João: o caminho da vida. Série “como ler a Bíblia”. São Paulo: Paulus, 1994.

DOUGLAS, J. D (org.). O Novo Dicionário da Bíblia. ed. Revisada. São Paulo: Vida Nova, 2006.

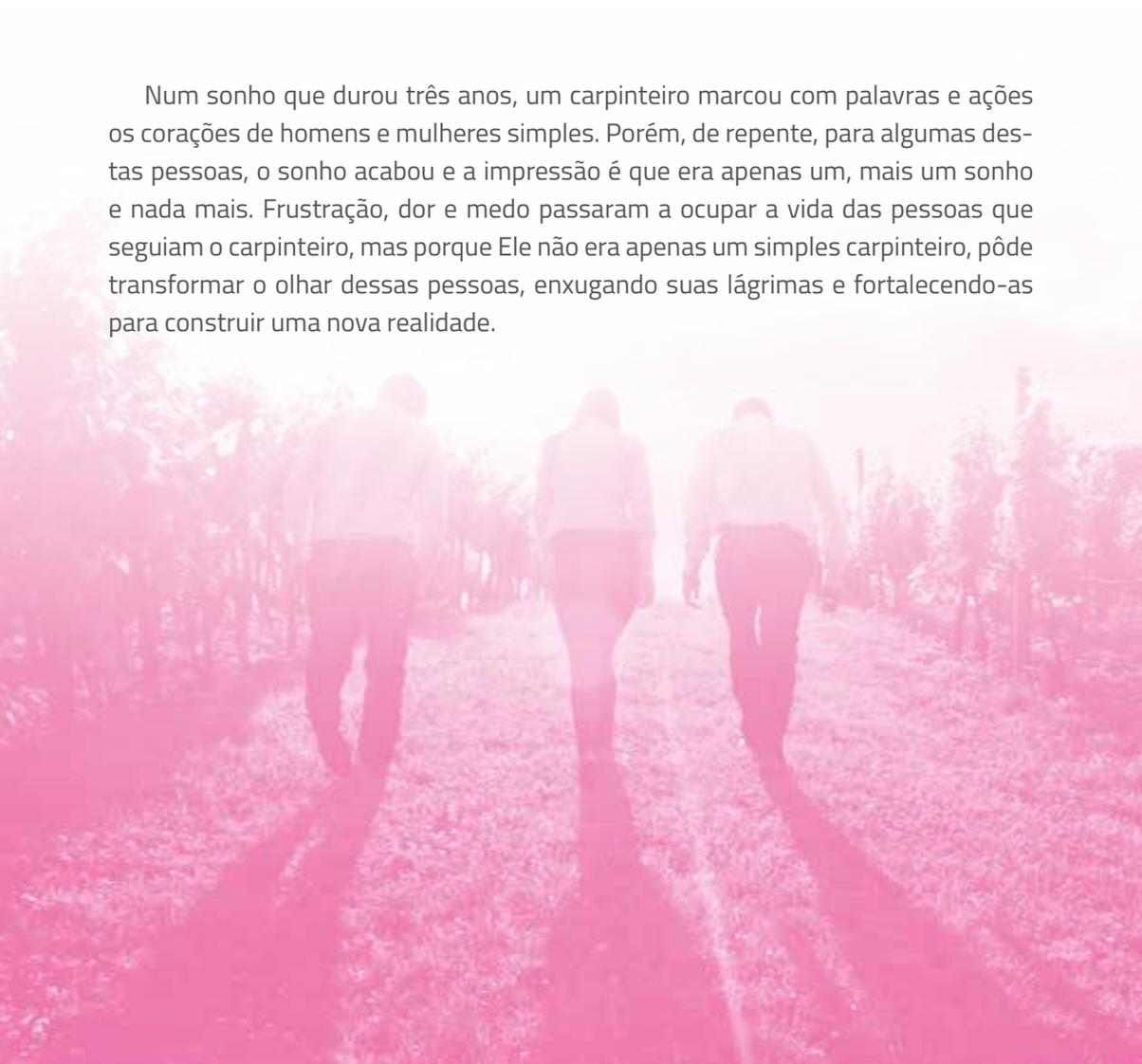
PUBLIC ENCYCLOPEDIA SERVICES. Sobre Crucificação. Disponível em: <https://goo.gl/7A6ciF>. Acesso em 18/11/2017.

Lição 23

EMAÚS: O CAMINHO DO [RE]ENCONTRO

Texto bíblico: Lucas 24.13-35

Num sonho que durou três anos, um carpinteiro marcou com palavras e ações os corações de homens e mulheres simples. Porém, de repente, para algumas dessas pessoas, o sonho acabou e a impressão é que era apenas um, mais um sonho e nada mais. Frustração, dor e medo passaram a ocupar a vida das pessoas que seguiam o carpinteiro, mas porque Ele não era apenas um simples carpinteiro, pôde transformar o olhar dessas pessoas, enxugando suas lágrimas e fortalecendo-as para construir uma nova realidade.





Fundamento bíblico

O texto bíblico relata a caminhada de Jesus com dois discípulos. Essa caminhada se deu logo após o acontecimento mais impactante já presenciado por seus seguidores e seguidoras: a crucificação de seu Mestre (Lucas 23.33;44-46;49). Ainda abalados por este fato, muitos discípulos e discípulas retornaram para suas casas sem saber ao certo como retomariam o ritmo normal de suas vidas.

Lucas 24.13-35 pode ser estruturado em três partes: o encontro (vv.13-17); a palavra, que se desenvolve na interpretação das Escrituras e na partilha do pão (v.18-32); e a missão (vv.33-35).

A ressurreição acabara de acontecer. Esses discípulos, ainda que tivessem ouvido o testemunho das mulheres acerca da ressurreição, preferiram não acreditar (24.22-24). Desesperançados, tomaram outro caminho, saíram de Jerusalém para Emaús, uma cidade que segundo o texto ficava a sessenta estádios, isto é, cerca de 11 km de distância (24.13). Não se sabe quase nada sobre Emaús. Ela assume o sentido de um lugar comum, sem muito significado, um espaço para quem desiste de projetos e sonhos diante das dificuldades que aparecem. Emaús era o lugar da fuga de quem perdera a esperança.

Foi nesse percurso que Jesus encontrou e caminhou junto (v.15) com aquelas pessoas. O luto que ainda viviam não

lhes permitia reconhecer o caminhante como o Cristo ressurreto (v.16), mas Jesus não desistiu delas. Depois de se aproximar, perguntar e ouvir aquelas pessoas, Ele começou a falar. Seu discurso estava centrado nas Escrituras (vv.25-27), foi a partir delas que Cristo confrontou-as lembrando o que Moisés e os profetas falaram a respeito do Messias, e de como tudo o que havia acontecido já estava previsto e sob o controle de Deus.

Depois de uma longa caminhada, chegaram à aldeia e convidaram Jesus para ficar. Foi à mesa que Jesus se revelou. Ao abençoar e partir o pão, foi reconhecido. A partir do reconhecimento de que era Jesus quem estivera com eles por todo o caminho, “levantaram-se na mesma hora” (v. 33) e voltaram para Jerusalém. Ainda que fosse tarde, ainda que o clima estivesse tenso e perigoso, eles foram compartilhar a notícia que avivaria a esperança e renovaria os sonhos de seus irmãos e irmãs.



Palavra que ilumina a vida

A estrada de Emaús, na qual caminhavam os dois discípulos, pode ser comparada à estrada da vida que todos(as) nós percorremos e, tal como eles, muitas vezes levando nossas preocupações (v.17). A vida cristã é uma espécie de caminhada em direção ao alvo (Filipenses 3.13-14) e as pessoas que

nela prosseguem, em algum momento da vida, já caminharam entristecidas, pararam e até mesmo fugiram em outra direção. Entretanto, Jesus Ressurreto, companheiro do caminho, por sua imensa graça sempre se dispõe a nos encontrar e caminhar conosco.

Para Donald W. McCullough “a graça nos diz que somos aceitos como estamos. Podemos não ser o tipo de pessoa que desejaríamos, podemos estar muito distantes dos nossos objetivos, podemos contar mais fracassos que realizações, podemos não ser ricos, poderosos ou espirituais, podemos até mesmo não ser felizes, mas somos, apesar de tudo, aceitos por Deus e seguros nas suas mãos. Essa é a promessa feita a nós em Jesus Cristo, uma promessa na qual podemos confiar.” (MCCULLOUGH, 1988, p.122).

Ao ressuscitar, Jesus apareceu primeiro às mulheres que foram em sua direção (Lucas 24.1), depois a quem tinha tomado o caminho contrário (vv.13-35) e, por fim, a quem não teve nem coragem de sair de casa para caminhar (João 20.19). Nesses três movimentos de encontro, as pessoas não reconheceram de imediato o Mestre. Com isso podemos aprender que ainda que a tristeza e a desesperança ceguem nossos olhos na caminhada cristã, Jesus está conosco. Isso possibilita que a lágrima cesse e que os olhos se abram para uma nova forma de ver Deus e a vida.

Nessa caminhada, notamos algumas ações de Jesus: Ele se aproximou (v.15),

perguntou (vv.17,19), ouviu (vv.18-24) e falou (vv.25-27). Assim, aprendemos que, ao nos aproximar das pessoas, precisamos nos dispor a conhecer as suas experiências; para isso é preciso perguntar, como também silenciar para ouvir as respostas.

Enquanto caminhavam, Jesus investiu um bom tempo para que aquelas pessoas pudessem se abrir e falar das suas frustrações. Quando pararam entristecidas, Jesus também parou (v.17). Um ouvido acolhedor é mais importante do que um dedo acusador que recrimina a mudança de caminho. Um coração paciente é mais importante do que pés inquietos diante de quem desanima na caminhada com Deus.

Depois de se aproximar, caminhar, perguntar e ouvir aquelas pessoas, Jesus começou a falar. Seu discurso estava centrado nas Escrituras (vv.25-27), foi a partir delas que Cristo confrontou aquelas pessoas e restaurou-lhes a fé.

A maneira como Jesus se aproximou e ensinava fez com que eles não quisessem se afastar do Mestre. Depois de uma longa caminhada, já era quase noite quando chegaram à aldeia; Jesus fez menção de ir embora, mas foi convidado a permanecer e aceitou o convite (vv. 28-29). Foi nesta hora, à mesa, que Jesus se revelou. Ao abençoar e partir o pão, foi reconhecido.

Todas as pessoas têm sonhos, no entanto, se nossos sonhos não forem realizados, não devemos permanecer

como aqueles dois discípulos, “desolados e abatidos”. É no caminhar com Cristo que vamos renovando as nossas forças. Quando o sonho cessa, por vezes surge o desânimo que gera tristeza e abatimento, o que compromete a fé e esperança.

Jesus aquece o coração de todas as pessoas cansadas, desencorajadas e desanimadas ao longo do caminho. Quem encontra o Mestre vive uma intensa experiência com Ele, que se torna uma presença viva e constante em nossas vidas.

Conclusão

Discipular pessoas, como fez Jesus, requer de nós conhecimento das Escrituras e orientação do Espírito Santo para compartilhar a Palavra de forma que ela aqueça o coração de quem escuta, despertando o desejo de conhecer ainda mais. Há muitas pessoas em dúvida, sem esperança, andando na direção contrária à vontade de Deus. O Senhor nos chama para irmos ao encontro delas e ajudá-las a caminhar ao lado de Jesus. Diante das que se mostram desanimadas,

nossa função é usar a Palavra de Deus para lembrá-las da onipotência, onisciência, e onipresença do Senhor.

Ao chegarmos ao final de mais uma revista, pedimos a Deus que Ele nos renove as forças e o ânimo para seguirmos a nossa carreira com fé, temor e perseverança. Que o nosso encontro com o Mestre seja diário, partilhando o pão da comunhão e seguindo na missão de fazer discípulos e discípulas.

Para conversar

Como reconhecer a presença de Jesus conosco quando as coisas estão difíceis? O que pode nos ajudar nesse processo?

Leia durante a semana

Domingo: Lucas 24.13-35

Segunda-feira: Salmo 1

Terça-feira: Salmo 25

Quarta-feira: Salmo 37

Quinta-feira: Isaías 55

Sexta-feira: Romanos 11.33-36

Sábado: Hebreus 10



CONTEÚDO PARA O(A) PROFESSOR(A)



Objetivos

Relembrar a caminhada dos discípulos de Emaús; pontuar a frustração que muitas vezes nos vem, quando nossos sonhos se desfazem; destacar que Cristo é aquele que vem ao nosso encontro promovendo reencontros.



Para início de conversa

Prepare cartões para que cada pessoa presente na aula escreva um sonho ministerial, familiar e financeiro. Dobrem o cartão e reservem. Prossiga a aula.



Por dentro do assunto

A narrativa do caminho de Emaús (Lucas 24) mostra como os primeiros cristãos e cristãs foram confrontados(as) pelo anúncio da ressurreição de Jesus. Ele havia dito a seus discípulos que seria morto, mas viveria novamente (Mateus 20.17-19; Marcos 10.32-34; Lucas 18.31-34), porém não foi compreendido. A caminhada para Emaús contribui para que os discípulos absorvam o sentido da vida e da missão de Jesus, bem como a sua própria missão na igreja nascente.

Os discípulos iam retomar suas vidas após a morte do Mestre. Alguns dias antes, porém, tinham tomado a Ceia e se comprometido a fazer dela um memorial de Jesus (Lucas 22.19).

Ao instituir a Ceia no contexto da Páscoa, festa memorial do êxodo, Jesus apontou a seus discípulos e discípulas a nova libertação, por meio de seu sangue e carne. Mas eles, subjugados por muitos poderes, inclusive o romano, não perceberam essa realidade. Seus olhos estavam encobertos pela névoa do medo, da religiosidade esvaziada dos líderes e sacerdotes, da desesperança do povo cativo.

A conversa entre os amigos revela suas frustrações diante da morte de Jesus. Provérbios 13.12 diz que “a esperança que se adia faz adoecer o coração”. Estavam “doentes” os discípulos porque Jesus estava morto e, com Ele, toda possibilidade de libertação.

Algumas vezes, em nossa vida, também andamos como aqueles dois. Conversamos sobre as coisas acontecidas, lamentamos o que não veio, pegamos a estrada para pegar um novo rumo, mas, sem esperança. Não há na realidade um novo rumo, apenas um retorno à antiga atividade.

Algumas vezes, podemos passar por alguma pessoa conhecida sem vê-la. Como se diz: “estamos no mundo da lua”. O olho vê, mas não enxerga. Os discípulos ficaram com Jesus por três anos, diariamente, mas o corpo morto na cruz impediu-os de enxergar a ressurreição.

Também vivemos uma realidade de morte; basta observar as notícias dos jornais. Com essas visões que nos cercam, podemos perder a esperança: o mundo nunca vai mudar. E mesmo quem professa a fé, por vezes, desacredita. O olhar “embaçado” pode nos impedir de ver a possibilidade da nova vida.

O diálogo com o desconhecido reaquece os corações daqueles caminhantes. Ao chegarem ao lugar intencionado, o estranho quer ir adiante. A caminhada para Ele ainda não acabara. Convencido de pernoitar, Ele aceita o convite e entra na casa “para ficar com eles” (v.29).

A festa judaica é essencialmente uma festa da mesa. Baseia-se em perguntas e respostas a partir de alimentos oferecidos; do diálogo entre pais e filhos(as) que atualiza a história da salvação (Deuteronômio 6.20-25). E na mesa, no gesto conhecido de abençoar o pão, parti-lo e ofertá-lo, os olhos dos discípulos se abrem. Jesus passou por tudo: pela encarnação, pela vida, pelos desafios, pela morte e ressurreição, para ser reconhecido no partir do pão: na celebração do alimento que mata a fome do corpo e da alma.

Não bastou o Mestre morrer e ressuscitar. Teve, também, que se colocar

a caminho, “correr atrás” dos discípulos desanimados e sem visão. No encontro à mesa, a ressurreição assume seu papel missionário. Alimentados pela experiência da nova vida, os discípulos convertem-se no caminho: mudam de direção; voltam ao ponto de anúncio, da nova possibilidade. Retornam ao seio da comunidade de fé e tornam-se portadores da boa notícia que vence o império do pecado e da opressão.



Para saber mais

Procure ler a Revista Eletrônica Espaço Teológico com o Título: Leitura Catequética da Experiência do Caminho de Emaús (LC 24, 13-35), de Delmiro Vieira do Nascimento Júnior da PUC/SP, disponível em: <https://goo.gl/TacBCL>. Acesso em outubro de 2017.



Por fim

Peça aos alunos e alunas que desejarem, que compartilhem os seus sonhos e projetos. Peça que relembrem alguns que desistiram de continuar sonhando, e reforce que Cristo é aquele que, no encontro diário, renova também sonhos e projetos. Orem pelos sonhos adormecidos e pelos que estão no cartão, apresentando-os ao controle de Deus.

Bibliografia

CASTILLO, J. M. El seguimiento de Jesús. Salamanca: Sígueme, 1989.

Discípulado em tempos de Páscoa. Em Marcha: Graça e discípulado. Revista do(a) aluno(a). Editora Âgape, sob responsabilidade da Igreja Metodista. 2008

EDWARDS, D. M. Good News in Acts. London: Collins, 1974.

GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. Jesús de Nazaret: aproximacion a la cristologia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1975.

JÚNIOR, Delmiro Vieira do Nascimento, Leitura Catequética da Experiência do Caminho de Emaús (Lc 24.13-35), Revista Eletrônica Espaço Teológico- PUC/SP. Maio de 2010.

LOZANO, M. Vida como parábola: reinterpretando la vida religiosa. Madrid: Instituto Teológico de Vida Religiosa, 1986.

MCCULLOUGH, Donald W. Walking from the American Dream. IVP Books, 1988.

PAULA, Leandro Miranda. Seguimento de Jesus: a vocação de Levi e o desafio da comensalidade com publicanos e pecadores. São Bernardo do Campo, 2015. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

Anotações

MÉTODOS DE ENSINO NA ESCOLA DOMINICAL

A pedagogia apresenta diversos métodos e estratégias para o desenvolvimento de uma boa aula, que podem ser usados isolada ou combinadamente, levando-se em consideração as características do público de estudantes e os assuntos ou matérias que se ensina. Seleccionamos aqui alguns deles, que entendemos ser úteis para o enriquecimento das aulas de Escola Dominical. Eles podem ser usados combinadamente ou individualmente. Adapte o que for preciso levando em conta o tamanho e as características da classe e o tempo de aula.

Aula expositiva dialogada

A exposição do conteúdo é feita com a participação ativa da classe, que deve conhecer previamente o conteúdo (ler a lição antes da aula). O(a) professor(a) faz perguntas, pede exemplos e articula o conteúdo com a realidade e experiências do grupo. Depois de introduzir a aula, verifique se a lição foi lida ou se há conhecimento prévio do assunto. Ao fazer as perguntas e pedir exemplos, certifique-se de que ninguém monopolize a palavra, respondendo sempre e toman-

do muito tempo da aula. Tenha sempre uma resposta preparada ou um meio de prosseguir o assunto caso ninguém responda às questões propostas.

Cuidados: alinhar as respostas e conectá-las ao conteúdo, evitar desvio do tema da aula, acatar e respeitar todas as participações.

Estudo de texto

Objetiva explorar as ideias de um(a) autor (a) através do estudo crítico de um texto. Na ED é ideal ser aplicado em pequenos grupos, com uso de questões que orientam o estudo. Isso pode ser feito para o estudo do texto bíblico ou seções da revista. Divida a classe em grupo, depois de introduzindo o tema e objetivos da aula, e proponha o estudo a partir de questões ou ideias a extrair do texto. Pode ser feito com o mesmo texto para todos os grupos ou cada grupo estuda uma parte do texto. Depois de um tempo de discussão em grupo, fechar a aula com apresentação das conclusões através de relato dos grupos e suas observações sobre cada apresentação dentro da proposta da aula.

Tempestade Cerebral

Interessante para introduzir a aula e desenvolver uma temática a partir do conhecimento prévio da classe. Pode ser feita oralmente ou por escrito. Diante de um tema apresentado ou pergunta sobre ele, cada aluno e aluna deve se expressar em frases curtas ou uma palavra que relacionada ao tema/pergunta. A partir da anotação das expressões, constrói-se a formulação dos conceitos e lições da aula/temática apresentada.

Observações e cuidados: estabelecer regras para as expressões da classe previamente: ex.: somente frases curtas; não se pode debater as ideias apresentadas no primeiro momento; cada pessoa fala na sua vez. Tenha o cuidado de considerar todas as ideias, peça esclarecimento caso não pareça haver relação com o tema, e a partir das ideias apresentadas envolva o conteúdo da aula, deixando que a própria classe conclua se houver ideias fora do tema, sem críticas diretas às ideias e pessoas.

Estudo dirigido

É o estudo do tema feito sob a orientação e diretividade do(a) professor(a), visando sanar dificuldades específicas. No caso da Escola Dominical, esse método pode ser usado, por exemplo, propondo-se a leitura da lição a partir de um roteiro elaborado pelo(a) professor(a), com compartilhamento

posterior. A leitura pode ser individual, em duplas ou grupos maiores, dependendo da realidade da classe e tempo disponível para a aula. Esse estudo pode ser proposto também para a aula seguinte. Apresenta-se o roteiro previamente e a classe tem a tarefa de trazer o assunto para apresentar na próxima aula a partir da leitura dirigida feita na semana.

Observação: o roteiro deve ser feito a partir dos objetivos propostos para a aula. Nesse roteiro devem estar sinalizados os principais pontos a ser destacados durante o estudo/ leitura da lição, seja ela feita em aula ou em casa. É importante que haja apresentação breve do resultado do estudo por parte dos alunos e alunas e as devidas observações do(a) professor(a).

Dramatização

É a representação teatral, a partir de um tema, realizada pelos alunos e alunas, que visa instigar para a vivência da realidade do texto e se envolverem com o mesmo. Pode conter explicitação de ideias, conceitos, argumentos, e ser também um jeito particular de estudo de casos, já que a teatralização ajuda na compreensão e apreensão de conteúdos. O roteiro pode ser dado pelo(a) professor(a) ou ser elaborado pela classe. É importante que a dramatização seja objetiva e dentro dos propósitos da aula. Pode ser feita em grupos pequenos ou envolvendo

toda a turma. Depois da dramatização é importante haver uma conclusão do assunto através de breve debate ou pontuação das ideias principais.

Cuidados: nem todas as pessoas gostam de fazer dramatização, então é importante perceber isto e dar a estas pessoas tarefas que contribuam, como narração, ajuda em cenários, e até anotações dos principais pontos apresentados na dramatização.

Outras estratégias e metodologias podem ser encontradas na bibliografia.

Para saber mais:

Métodos e acessórios de Ensino. Disponível em: <https://goo.gl/QGHGXt>. Acesso em 20/10/2017.

Socorro! Sou professor da Escola Dominical. Disponível em: <https://goo.gl/WRTTrN2>. Acesso em 20/10/2017.

Bibliografia

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos & ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de Ensino. Disponível em: goo.gl/SD1evy. Acesso em 06/10/2017.

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações